



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E O HIP HOP**

**CARLOS GEOVANI RAMOS MACHADO**

**ORIENTADOR: PROF.DR. ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI**

**PORTO ALEGRE, JUNHO DE 2012.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

## **O ENSINO DE GEOGRAFIA E O HIP HOP**

**CARLOS GEOVANI RAMOS MACHADO**

**Orientador: PROF.DR. ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI**

**Banca Examinadora:**

**Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria Vanzella Castellar – PPGEDU (USP)**

**Prof <sup>a</sup>. Dr. <sup>a</sup> Ivaine Maria Tonini – PPGEA (UFRGS)**

**Prof <sup>a</sup>. Dr <sup>a</sup>. Roselaine Zordan Costella - PPGEDU (UFRGS)**

**Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós Graduação em Geografia, como  
quesito para a obtenção de título de  
Mestre em Geografia.**

**PORTO ALEGRE, JUNHO DE 2012.**

CIP - Catalogação na Publicação

MACHADO, CARLOS GEOVANI RAMOS  
O ENSINO DE GEOGRAFIA E O HIP HOP / CARLOS  
GEOVANI RAMOS MACHADO. -- 2012.  
176 f.

Orientador: ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,  
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2012.

1. ENSINO DE GEOGRAFIA. 2. CULTURA HIP HOP. 3.  
LUGAR. 4. TERRITÓRIO E COMPLEXIDADE. I.  
CASTROGIOVANNI, ANTONIO CARLOS, orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul por oportunizar a mais um brasileiro o estudo público, gratuito e de qualidade e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia pela oportunidade de realizar esta pesquisa. À Secretaria do PPGA com quem pude contar, sempre que solicitado.

Ao meu orientador Professor Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, pelo absoluto comprometimento ao me apontar os caminhos seguros desta pesquisa, lapidando a partir de suas calorosas e sinceras palavras os acertos e equívocos de nossas ações, depositando com carinho e cumplicidade sua confiança em nosso fazer acadêmico.

Aos Professores do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFRGS por sua contribuição ao meu enriquecimento teórico. E aos meus colegas de caminhada acadêmica pelas trocas e contribuições.

Aos integrantes da Nação Hip Hop Brasil e todos os demais atores da cena *rap* que se propuseram em contribuir com esta pesquisa, disponibilizando seu tempo ao me concederem às entrevistas e os depoimentos, ao participar das oficinas e encontros.

Ao Grupo DNA – Dinastia Negra Absoluta que inspirou-me a pesquisar este tema e ao Toni C, editor, escritor, poeta, articulista do Movimento *Hip Hop* ao qual, mesmo que pessoalmente não o conheça inspirou-me também para compreender melhor esta cultura popular, nascida no gueto, esparramada pela vida!

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Aramy Silva, de Porto Alegre, através de sua Equipe Diretiva que tão gentilmente abriu seu espaço para que pudéssemos realizar nossas investigações, às colegas professoras que solícitamente responderam os questionários, à Fabiana Borges Meira e Sandra Denise Martins pelo apoio na tradução e especialmente aos estudantes que entusiasmadamente mergulharam nesta pesquisa.

Ao Cientista Político, pesquisador e Doutorando Cesar Alessandro Sagrillo Figueiredo, amigo de todas as horas pela paciência e valiosa contribuição através das dicas e sugestões de leitura, muito úteis para a pesquisa; a Me. Patrícia Moreira, amiga pesquisadora que igualmente contribui com suas generosas palavras de incentivo.

À minha família pelo apoio.

*O pensamento é a força criadora  
O amanhã é ilusório  
Porque ainda não existe  
O hoje é real  
É a realidade que você pode interferir  
As oportunidades de mudança  
Tá no presente  
Não espere o futuro mudar sua vida  
Porque o futuro será a consequência do presente  
Parasita hoje  
Um coitado amanhã  
Corrida hoje  
Vitória amanhã...*

Racionais MC'S

## RESUMO:

A pesquisa, na qual trilhamos esta caminhada acadêmica fundamenta-se na análise e interpretação sobre o Movimento *Hip Hop* e a sua relação com o ensino da Geografia. Ao longo deste estudo foram trabalhados conceitos geográficos que subsidiaram nossos argumentos, tais como: espaço, lugar, território e paisagem. Ainda dialogamos com alguns conceitos secundários porém, não menos importantes tais como: cultura, identidade, cidade, representações sociais, espaço-escola e comunicação. Ao mergulharmos nossas inquietações no movimento *hip hop*, buscamos verificar se é possível a lugarização do sujeito a partir de sua metalinguagem, facilitando, ou não a construção do conhecimento geográfico. Refinamos nossas argumentações transitando pela Teoria do Pensamento Complexo, de Edgar Morin que nos levou a interpolações questionadoras sobre as contradições do cotidiano dos Sujeitos *rappers*, avaliando sua cultura originária das ruas, guetos e da periferia, buscando a compreensão destas relações com o universo escolar e a aprendizagem; examinando suas ações e sua busca pela superação dos problemas sociais, preconceitos e abandono, tendo no conhecimento um objetivo importante em suas trajetórias. O estudo realizado teve como ferramenta a pesquisa qualitativa que nos possibilitou entrevistas semiabertas, buscando fugir das simplificações, dialogando, duvidando ou reafirmando, provisoriamente os conceitos sociais e geográficos. O espaço urbano, especialmente a periferia, foi o pano de fundo deste cenário pesquisado, lugar onde ocorrem as diferentes manifestações protagonizadas pelos Sujeitos jovens da cultura *hip hop*.

**Palavras Chave:** ensino de geografia, cultura *hip hop*, lugar, território, complexidade.

## **ABSTRACT:**

This research, in which we have walked this academic path, is based on the analysis and interpretation of the Hip-hop Movement and its relationship with the teaching of geography. Throughout this study some geographical concepts were used and subsided our arguments, such as space, place, territory and landscape. We will also dialogue with some secondary concepts – which nonetheless are not less important by this fact such as culture, identity, social representations, city, scholar space, and communication. As we plunge our concerns into the hip-hop movement, we wish to verify whether or not it is possible for the subject to find their geographical identity from its metalanguage, thus facilitating the construction of geographical knowledge. We immersed our arguments through Edgar Morin's Complex Thinking Theory, which allowed us to interpolate questions to the contradictions of the rappers' subject in everyday life, evaluating their culture, which comes from the streets, the ghettos, the suburbs, seeking to understand these relations with the school universe and with the learning process, examining their actions and their struggle to overcome their social problems as well as prejudice and neglect, having the knowledge as an important goal in their trajectories. This research used qualitative research as its main tool, allowing us to do semi-open interviews, attempting to avoid simplifications, dialoguing, questioning or reaffirming, in a provisional way, the social and geographical concepts. Urban space, its suburbs particularly, were the background for this research, the place where different actions occurs starred by these young subjects of hip hop culture.

**Key words:** geographic teaching, hip hop culture, place, territory, complexity.

## **LISTA DE SIGLAS**

CE – Conselho Escolar

CN – Ciências

CUFA – Central Única das Favelas

DNA – Dinastia Negra Absoluta

EA – Educação Artística

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases de Educação

LE – Língua Estrangeira

LPL – Língua Portuguesa e Literatura

MT – Matemática

NHHB – Nação Hip Hop Brasil

PPP – Planos Políticos Pedagógicos

RE – Regimentos Escolares

SH – Sócio História

UPP – Unidade de Polícia Pacificadora

ALERGS – Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul

DJ – Disck Joquey

MC – Mestre de Cerimônia

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Paz e Amor junto aos caos – potencialidades.....	27
Figura 2 -	Modelo de Fractal.....	28
Figura 3 -	A desordem na favela.....	30
Figura 4 -	Ordem na favela – Vila Farrapos/POA.....	30
Figura 5 -	Michael Jackson na favela – Morro Santa Marta (RJ).....	68
Figura 6 -	MC em oficina na Escola Aramy Silva.....	72
Figura 7 -	DJ e MC'S em oficina de Hip Hop Escola Aramy Silva.....	73
Figura 8 -	B.boy em oficina de Hip Hop Escola Aramy Silva.....	74
Figura 9 -	Grafitreiro em oficina de Hip Hop Escola Aramy Silva.....	74
Figura 10 -	Grafitreiro em oficina de Hip Hop Escola Aramy Silva.....	74
Figura 11-	Lançamento Estadual da Nação Hip Hop Brasil na ALERGS.....	75
Figura 12-	Grande Cruzeiro vista pelo Google Earth.....	81
Figura 13-	Vista da Vila Cruzeiro.....	83
Figura 14-	Favela brasileira.....	86
Figura 15-	Palestra de rappers na Escola Aramy Silva.....	121
Figura 16-	Oficina de B.boys na Escola Aramy Silva.....	122
Figura 17-	Oficina de B.boys na Escola Aramy Silva.....	122
Figura 18-	Oficina de Grafite na Escola Aramy Silva.....	123
Figura 19-	Oficina de Grafite na Escola Aramy Silva.....	123
Figura 20-	Oficina de Grafite na Escola Aramy Silva.....	123
Figura 21-	Performances de Rap na Escola Aramy Silva.....	124
Figura 22-	B.Boys e estudantes em performances na Escola Aramy Silva....	124
Figura 23-	Grupo focal – estudantes na Escola Aramy Silva.....	126
Quadro 1 -	A influência do lugar para os Sujeitos rappers.....	36
Quadro 2 -	As práticas dos Sujeitos rappers e o lado afetivo.....	37
Quadro 3 -	As mensagens das letras rap e suas subjetivações.....	37
Quadro 4 -	O olhar externo sobre a cultura rapper.....	38
Quadro 5 -	A cultura rapper e a Geografia.....	38
Quadro 6 -	A cultura rapper e a pesquisa acadêmica.....	39
Quadro 7 -	A educação e a subjetividade do lugar.....	40

Quadro 8 -	Bloco de questões relacionadas ao rap e a educação.....	41
Ilustração 1	Performances e Oficina.....	42
Tabela 1	Representação oral sobre a escola.....	126
Tabela 2	Representação escrita sobre a escola.....	127

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO - SE É PAPO RETO, VAMO RIMÁ?</b> .....	13
1.1 OBJETIVOS - NOSSA CABEÇA, NOSSO GUIA .....	15
1.2 SUJEITO - SUJEITO É NÓIS, MANO .....	17
<b>2 TRILHANDO PELA COMPLEXIDADE - TURBILHÃO DE IDEIAS NA VEIA</b> .....	19
2.1 – CONCEITOS - CAMINHOS PELA QUEBRADA NOSSO SAMPLING .....	24
2.1.1 Auto-organização - <i>Junto e misturado</i> .....	26
2.1.2 Holograma - <i>Baguio Bem bolado</i> .....	28
2.1.3 Ordem, desordem - <i>A fita embolô</i> .....	29
2.1.4 Pesquisa qualitativa - <i>Scratching na ideia</i> .....	31
2.1.5 Formulando as entrevistas - <i>Desenrolando essa fita</i> .....	35
2.2 AÇÕES, ENCONTROS E OFICINAS - <i>FORMIGUEIRO É NÓIS</i> .....	41
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS - NÃO TAMO DE MIOLO MOLE</b> .....	42
3.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO - <i>LOOPING NA ÁREA</i> .....	45
3.2 O ESPAÇO ESCOLA - <i>LÁPIS NO CHÃO, QUEBRA POR DENTRO</i> .....	48
3.3 O LUGAR - <i>NOSSA QUEBRADA</i> .....	53
3.4 O TERRITÓRIO - <i>PERIFA, É A NAÇÃO</i> .....	55
3.5 A PAISAGEM - <i>SPREY NO MURO, NO MUNDO</i> .....	56
3.6 CULTURA E IDENTIDADE - <i>CORRE NA QUEBRADA!</i> .....	59
3.7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS <i>GRIÔS NA FAVELA É NÓIS!</i> .....	63
3.8 A COMUNICAÇÃO- <i>SE LIGA NO VERBO</i> .....	66

<b>4 HIP HOP EM BREVE HISTÓRIA - TAMU ARMADO</b> .....	69
4.1 HIP HOP NO BRASIL - QUEBRADA VERDE E AMARELA .....	70
4.2 HIP HOP GAÚCHO - QUEBRADA GAUDÉRIA .....	71
4.3 QUATRO ELEMENTOS DA CULTURA RAPPER “UM SALVE!” É NÓIS .....	71
4.3.1 O mestre de cerimônias - MC ( <i>Masters of Cerimonies</i> ) .....	72
4.3.2 O músico e seu tocadisco - DJ ( <i>Disck Jockey</i> ) .....	73
4.3.3 Quebrar o corpo, mexer os quadris - <i>B.Boyng</i> (Break Dance).....	73
4.3.4 As artes plásticas pintadas nos muros - Grafite .....	74
4.4 OS PERSONAGENS DESTA PESQUISA - LOOPING NA RAPA .....	75
4.5 A CIDADE E A PERIFERIA - A CITY, NA QUEBRADA .....	77
4.6 A GRANDE CRUZEIRO - ZAPIANDO PELAS QUEBRADAS.....	81
<b>5 PEDAGOGIA POPULAR RAPPER E A APRENDIZAGEM - FREE STYLE NO PENSAMENTO</b> .....	84
5.1 DIÁLOGO A PARTIR DAS ENTREVISTAS PAPO RETO.....	87
5.2 METALINGUAGEM E AÇÃO RAPPER - ARTILHARIA NO PENSAMENTO .....	99
5.3 A ESCOLA, A GEOGRAFIA E O HIP HOP- É TUDO NOSSO .....	107
5.3.1 Dialogando com os <i>rappers</i> - <i>Mandando a rima</i> .....	110
5.3.2 Diálogo com professores e estudantes - <i>Mixando a ideia, mermão</i> .....	113
5.3.3 Os <i>rapper</i> e as oficinas para os estudantes - <i>Corre bembolado</i> .....	119
<b>CONCLUSÕES NEM TÃO FINAIS RAP É COMPROMISSO!</b> .....	130
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - OS CABEÇAS</b> .....	135
<b>ANEXOS</b> .....	140

## 1 INTRODUÇÃO - SE É PAPO RETO, VAMO RIMÁ?<sup>1</sup>

“Vim pra sabotar seu raciocínio”  
Racionais MC’S (TONI C, 2009, p.17)

O estudo que apresentamos nesta dissertação discorre sobre uma parcela da juventude que vem merecendo atenção dos pesquisadores e educadores de Geografia, por se tratar de um seguimento social que apresenta múltiplas possibilidades de interpretação: **o Movimento Hip Hop<sup>2</sup> e sua relação com o Ensino da Geografia.**

Analisamos alguns movimentos que se manifestam nesta seara juvenil tido como rebelde, da periferia de Porto Alegre, mais especificamente na Grande Cruzeiro, cujas atividades culturais por eles são desenvolvidas.

Focalizamos nossas investigações centradas na **ação do Movimento Hip Hop e sua relação com o Ensino da Geografia enquanto um facilitador ou não da lugarização do sujeito e, portanto da aprendizagem.**

Ao longo desse estudo abordamos alguns conceitos geográficos, como: espaço, lugar, território e paisagem, e ainda dialogamos com conceitos secundários, mas não menos importantes para esta pesquisa como a cultura e a identidade, as representações sociais e a comunicação, presentes nos fenômenos que perfazem a interface entre o seguimento juvenil periférico e o processo educacional formal ou não. Os enigmas, os meandros, as contradições, o cotidiano, enfim, as particularidades que hip hop apresenta, bem como a pedagogia popular juvenil que se desenvolve a partir da espontaneidade de seus seguidores, tentamos compreender, provisoriamente a partir do lugar onde vivem tecendo uma ligação com espaço escolar.

Para dar amplitude teórica aos nossos estudos, estabelecemos uma *rima*<sup>3</sup> com os sujeitos autores que se dedicaram a compreender o método da

<sup>1</sup> Ao longo desta pesquisa iremos empregar junto aos títulos e subtítulos algumas frases e palavras (linguagens) utilizadas pelos ativistas *rappers* para estabelecermos uma liga entre os assuntos em referência e a linguagem própria do *hip hop*, procurando respeitar a originalidade destas expressões.

<sup>2</sup> *Hip Hop* na língua inglesa quer dizer: movimentar os quadris e saltar.

<sup>3</sup> Para a literatura tradicional a rima é a consonância de palavras ou sílabas dando ao ouvido uma impressão agradável. “Depara-se numa rima (final) quando, em duas ou mais palavras, a última vogal acentuada, com tudo o que se lhe segue, tem idêntica sonoridade” (Moisés, M., Dicionário de Termos textual, São Paulo: Brasil, Editora Coltrix, 1974). O *hip hop* utiliza-se também deste recurso literário, porém a abrangência desta categoria literária se expande para o sociológico, cada *rapper*, cada música construída possui suas rimas próprias seguindo a originalidade de quem as escreve a partir

Complexidade, instrumento que nos permite acreditar na superação das verdades prontas, das respostas acabadas, levando-nos a interpolações questionadoras neste universo de dúvidas e incertezas presentes em nosso fazer científico.

Transitamos ainda pela Geografia Urbana visando discorrer sobre a cidade, território onde ocorrem estas manifestações diversas, dialogando com estudiosos que trazem, a partir da Complexidade, ou não, sua contribuição para a compreensão da organização social. Neste caso especial a juventude e o movimento *hip hop*, em busca de (re) integração socioespacial através das habilidades e metalinguagens que o seu fazer cultural possibilita, diante de uma realidade que parece os renegarem enquanto Sujeitos ativos, em um cenário de grandes incertezas! Ligamos a cena do passado, através da gênese do Movimento *hip hop* com o desenrolar das ações do momento atual da cultura *rapper*.

Podemos momentaneamente dizer ser consenso na Geografia, que o espaço e o lugar são conceitos que nos possibilitam compreender a legitimação de poder, (LACOSTE, 1976). Assim, ao estudarmos o movimento *hip hop* procuramos **verificar se é possível a lugarização do Sujeito, a partir da sua metalinguagem<sup>4</sup>, facilitando a construção do conhecimento Geográfico, ou não.**

Para responder a essa inquietude refinamos este estudo com alguns objetivos secundários, cuja provisoriedade das respostas nos levaram a compreender os conceitos geográficos e sua interface com a cultura *rapper* a partir do lugar, do território, interagindo com os elementos da paisagem, da comunicação e da identidade no espaço geográfico escola.

Ainda, o estudo percorreu caminhos que nos possibilitaram identificar a cultura *rapper*, sua gênese e suas múltiplas manifestações no espaço urbano; mensurando e avaliando se a metalinguagem é um facilitador ou não na construção do conhecimento geográfico para os praticantes da cultura *rapper*; examinando as performances, através de oficinas e de diferentes encontros com os sujeitos praticantes do *hip hop*, como forma de verificar se estas ações facilitam ou não a lugarização e a construção do conhecimento geográfico.

---

de sua vivência, de suas experiências na favela, na comunidade. Portanto, aproveitamo-nos deste recurso para incorporar a linguagem *rapper* a esta pesquisa no sentido de estabelecer uma aproximação com esta linguagem complexa e diversa utilizada pelos ativistas desta cultura. Fonte: [WWW.lusofoniapoetica.com/index.php.artigo/teoria-poetica/rima.html](http://WWW.lusofoniapoetica.com/index.php.artigo/teoria-poetica/rima.html), em 31.01.2012.

<sup>4</sup> Este conceito será abordado no decorrer da pesquisa.

## 1.1 OBJETIVOS - NOSSA CABEÇA, NOSSO GUIA:

O espaço urbano, especialmente a periferia serviu como o cenário para a consecução desta pesquisa, acreditamos ser o lugar onde ocorrem as diferentes manifestações da *cultura hip hop*<sup>5</sup>.

O objeto deste estudo é o ensino da Geografia através dos Sujeitos jovens praticantes da cultura *rapper* em seus diferentes recortes, neste sentido problematizamos nossas abordagens com as seguintes indagações: Se o *hip hop*, através de suas ações facilita ou não a lugarização do Sujeito *rapper*? E ainda, a metalinguagem que o *hip hop* emprega facilita ou não o ensino da Geografia? E se, a Geografia contribui ou não para a consolidação do denominado quinto elemento da cultura *hip hop*?

Para dar consistência e escopo científico a nossa proposta de pesquisa, buscamos focalizar nossas argumentações a partir de um objetivo definido, que nos levasse a responder “por que” tal tema nos inquieta, “o quê” desejávamos obter e “onde” queríamos chegar com nosso trabalho, mesmo que estas inquietudes nos remetessem a respostas provisórias.

Assim como os Sujeitos jovens, geralmente da periferia<sup>6</sup> que através da cultura *rapper* buscam, mesmo que temporariamente projetar seu trabalho através de seu *rap*, do grafite, da dança na representação de sua arte e cultura, para quem sabe, denunciar seus problemas e suas angústias do cotidiano, o Sujeito pesquisador também buscou traçar caminhos que o levasse aos seus objetivos, mesmo que temporários e provisórios. Nesta pesquisa tivemos como objetivo geral

<sup>5</sup> Arte desenvolvida a partir do *rap*, estilo cultural amplo praticado pelos adeptos do *hip hop* ao qual integram diferentes elementos artísticos como o MC(Mestre de Cerimônia), o DJ(*Disckey Joquey*) , o B.Boying(Dançarinos que quebram o corpo), Grafiteiros(artistas plásticos que utilizam tintas e spray para confeccionar seus painéis).

<sup>6</sup>Consideramos para efeito deste trabalho espaço periférico (periferia) não como lugar afastado do “centro” e de áreas de grandes poderes econômicos, políticos e sociais, mas independente de sua localização, como espaço desprovido de direitos essenciais ao desenvolvimento da dignidade, da cidadania de seus Sujeitos. Rolnik (2010), em entrevista a Revista Continuum/Itaú Cultural, discorreu sobre o que é periferia? “O conceito de periferia foi forjado de uma leitura da cidade surgida de um desenvolvimento urbano que se deu a partir dos anos 1980. Esse modelo de desenvolvimento privou as faixas de menor renda de condições básicas de urbanidade e de inserção efetiva à cidade. Essa talvez seja sua principal característica, migrada de uma ideia geográfica, dos loteamentos distantes do centro. Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. Hoje há condomínios de alta renda em áreas periféricas que, claro, não podem ser considerados da mesma forma que seu entorno, assim como há periferias em áreas nobres da cidade”. <http://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/> em 15.03.2012.

**estudar a cultura *hip hop* e a possível lugarização do sujeito, a partir da sua metalinguagem, facilitando ou não a construção do conhecimento Geográfico.**

Para alcançarmos o Objetivo Geral, foi necessário lançarmos mão de caminhos práticos, a partir das quais buscamos respostas, temporárias, para solucionar nossas inquietações, para tanto traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a. Estudar a cultura *rapper*, sua gênese e suas múltiplas manifestações no espaço urbano;
- b. Compreender os conceitos geográficos e sua interface com a cultura *rapper* a partir do lugar e do território, interagindo com os elementos da paisagem, da comunicação e identidade no espaço geográfico escola;
- c. Avaliar se a metalinguagem da música *rapper* é um facilitador ou não na construção do conhecimento geográfico para os sujeitos praticantes da cultura *rapper*;
- d. Examinar as performances através de oficinas e de encontros com os sujeitos *rappers* como forma de verificar se suas ações facilitam ou não a lugarização e a construção do conhecimento geográfico.

A pesquisa foi organizada em cinco capítulos. Neste primeiro apresentamos nosso tema: O movimento *hip hop* e sua relação com o Ensino da Geografia; o problema representado a partir das inquietações centradas na ação do Movimento *Hip Hop* e sua relação com o Ensino da Geografia enquanto um facilitador, ou não da lugarização do sujeito e, portanto da aprendizagem.

No segundo capítulo abordamos a trilha da Complexidade, onde desenvolvemos alguns conceitos, como: a auto-organização, o holograma, a ordem e desordem com base na elaboração teórica de Edgar Morin, bem como apresentamos a metodologia, empregada para a consecução desta pesquisa.

O terceiro capítulo é dedicado ao diálogo com os principais pressupostos teóricos da Geografia, onde procuramos entrelaçar o espaço geográfico a partir do lugar, do empoderamento territorial, da paisagem da periferia com o espaço escolar. Tecemos ainda ponderações a acerca da cultura e identidade dos Sujeitos *rappers* e as representações sociais que se estabelecem entre a significação social e a comunicação que emolduram tais relações.

No penúltimo capítulo relatamos a trajetória do movimento *hip hop*, onde

apresentamos sua gênese, suas particularidades no Brasil e as características dos elementos que compõem esta cultura popular, possibilitando a relação do fazer dos seus personagens com a cidade e a periferia, bem como situamos mais especificamente o local, onde é realizada a pesquisa, e sua interação com a cena *rapper*.

O último capítulo é dedicado a analisar dialogicamente a ação *rapper* partindo das inquietações presentes na pesquisa, onde as entrevistas, os encontros e oficinas, bem como alguns documentos e letras de música *rap* analisados serviram como ponte de ligação entre a prática e a teoria, subsidiando nosso diálogo epistemológico, temporariamente respondendo nossas incertezas.

## **1.2– SUJEITO É NÓIS, MANO! – SUJEITO:**

A identificação dos atores, nesta pesquisa, a partir do nominalismo SUJEITO requer uma justificativa que nos remeta a Morin (2006), quando argumenta que o pensamento positivista clássico, onde posicionou rigidamente e cientificamente o indivíduo em um processo de pensamento fixo, o subtraiu de uma relação social, reduzindo-o apenas como um mero reproduzidor do sistema quantitativo, relegando sua qualidade histórico-social.

Assim, Morin (2006) expressa sua reflexão diante dos dilemas e negações frequentemente encontrados pelos pesquisadores sociais, a partir das diferentes noções dos indivíduos, e que, em um processo rígido ocultaram o Sujeito a partir do determinismo reducionista relegando seu papel enquanto sujeito/ser social, afastando-o das ciências humanas, condicionando a este ator formas de tratamento que os afastam como indivíduos que realizam independente de sua consciência, diferentes ações cognitivas que os tornam seres sociais, ligados a um grupo social.

As ligações entre o indivíduo e o Sujeito, conforme Morin (2006) são fundamentais para compreendermos, na Complexidade, as contradições na formação deste indivíduo na sociedade, a partir de suas singularidades, de seus posicionamentos diante do mundo, ou seja, o Sujeito em seu egocentrismo pleno, constituindo-se como o centro do mundo. Para o autor, o indivíduo ao se dar conta de sua existência enquanto ser, a partir do fator consciência eleva sua qualidade de indivíduo para um Sujeito reflexivo de sua existência:

A consciência, em minha concepção, é a emergência reflexiva, que permite o retorno da mente em si mesma, em circuito. A consciência é qualidade humana última e, sem dúvida, a mais preciosa, pois o que o último é, ao mesmo tempo, o que há de melhor e de mais frágil (MORIN, 2006, p.126).

De fato, ao nos reportarmos aos Sujeitos *rappers*, em suas múltiplas singularidades, parece requerer que fuçamos de simplificações a partir das análises observadas ao longo desta caminhada acadêmica. Os Sujeitos buscam reconstruir, provavelmente, muitos elos entre suas ações individuais, numa sociedade que os exclui e os discrimina, tornando estas ações uma ponte de unidades para ações coletivas, conforme Morin (2006), daí a organização a partir de seus grupos. As contradições impostas aos Sujeitos *rappers*, na etapa atual da denominada sociedade do consumo, solicitam que superem as armadilhas tentadoras do mercado a partir de um egocentrismo individualista, que os afastem da tomada de consciência coletiva para a superação de seus problemas sociais. Neste caso, enquanto seres que se tornam coletivos e plurais formam-se verdadeiros **Sujeitos** em busca de reconhecimento, de afirmação, de reconstrução de seus espaços. Ou não?

Em outras palavras, a pesquisa procura ressaltar a importância do protagonismo do Sujeito enquanto um ser ativo, em um universo cultural socialmente desafiador e complexo. Provocando-nos a reflexões balizadas em dúvidas sobre o papel deste Sujeito na sociedade atual, preche de significações, de novos contornos paradigmáticos, cujo fluxo informacional, relacional e mediador das relações humanas se expressam fragmentados em meio ao caos urbano que freneticamente busca sua reordenação, onde o cidadão, cada vez mais, procura interagir e se reinventar neste espaço de grandes incertezas.

## 2 TRILHANDO PELA COMPLEXIDADE - *TURBILHÃO DE IDEIAS NA VEIA*:

Ao longo do estudo transitamos por alguns princípios, pelas avenidas sinuosas das verdades contestáveis (MORIN, 1998) que nos conduziram para a seara da Complexidade. Como nos argumenta Larreta (2003):

As grandes narrativas teóricas da modernidade têm-se mostrado pouco adequadas para dar conta da dimensão de investigação, criatividade e imprevisibilidade que se incorpora progressivamente à conduta dos atores sociais (LARRETA, 2003, p.38).

Procuramos então dialogar, duvidando, contrapondo ou reafirmando conceitos geográficos, que perfazem a interface juvenil nestes tempos de Complexidade, no conflituoso palco pesquisado. Nossa ideia foi a de estabelecer uma ligação que costurasse as possibilidades geográficas proporcionadas pela cena escolar, buscando tecer os meandros da cultura *rapper* através de suas infinitas significações, contradições e suas particularidades, em uma cadeia de (re) ações cotidianas e, quem sabe de uma provável pedagogia popular juvenil que este movimento social periférico apresenta, ao se desenvolver a partir da espontaneidade de seus seguidores.

Coube verificar ainda se ocorreram modificações resultantes da transformação e (re)construção do seu lugar, ou não, em virtude de sua evolução (ou não) enquanto seguimento social, onde os “*manos*” e “*minas*”<sup>7</sup> lutam com suas próprias armas. Ou seja, através de suas manifestações culturais, para não sucumbirem a armas bem mais pesadas em forma de metralhadoras, as AR15, o “cano serrado”. Objetos que possivelmente estabelecem uma relação de poder nas ruelas e becos na Vila Cruzeiro e em outras vilas populares adjacentes, entre os *manos* que pertencem ao tráfico, que praticam delitos, mazelas/subprodutos do sistema capitalista vigente e, quem sabe, se firmando enquanto uma espécie de “poder paralelo”, nas cidades brasileiras.

A esse respeito Feffermann (2006) lança algumas reflexões. Conforme ela:

---

<sup>7</sup> Estaremos justificando, mais adiante o emprego desta expressão de tratamento utilizada pelos *rappers*.

Nesta sociedade brasileira por causa da desigualdade social, a violência assume diferentes feições: crime organizado, guerra de tráfico e arrastões. Essa violência sistêmica subverte os valores da cidadania e corrói o domínio da lei. As sociedades marcadas pelo capitalismo tardio prometem o que não podem cumprir. Mais que isso: impedem a reflexão sobre a frustração do desejo. Podemos indagar se as atividades ilegais, especialmente o tráfico de drogas, para esses jovens é uma “alternativa de vida”? Ou talvez, a “única manifestação de revolta”, que lhes resta, sejam favelados, ou não?(FEFFERMANN, 2006, p.176).

Ao traçar um panorama sobre a violência do jovem no Brasil, Feffermann (2006) descreve que este problema sistêmico não está relacionado apenas ao que estamos acostumados a vivenciar, todos os dias nos informes de comunicação de massa, cotidianamente sensacionalizados nas páginas policiais. Trata-se de uma violência sorrateira, de microrrepercussão que é invisível ao conjunto da sociedade como o espancamento às mulheres, às crianças, aos idosos, aos negros, aos homossexuais, dentro de uma subversão de valores em que levam esses Sujeitos a toda a ordem de sofrimento e humilhação.

Nesta trajetória percebemos que os problemas urbanos se expressam a partir das vivências dos moradores dos lugares mais pobres da cidade, e que tais problemas possivelmente geram muitos outros em uma rede de precariedades subjetivas e objetivas. Subjetivas porque são invisibilizadas pelo Estado (por razões ideológicas, políticas e segregacionistas) e pelos próprios Sujeitos sociais que numa introspecção rotineira escamoteiam seus medos, seus desejos e anseios, quem sabe, pela falta de oportunidade de romper com tal situação de múltiplas precariedades; e também objetiva, apresentadas pelas condições de vulnerabilidade econômica, refletidas nas questões materiais e de infraestrutura como a falta de saneamento, transporte coletivo ineficaz, fragilidades na edificação das moradias, falta de praças, parques, quadras poliesportivas, sendo que a violência e o descrédito percebidos nestes espaços provavelmente seja um desdobramento desta situação.

A revelação deste cenário moldado por incertezas é denunciada a partir do cotidiano dos Sujeitos jovens, uma das parcelas da sociedade historicamente mais inquietas em suas possíveis reflexões por não verem/terem seus desejos/necessidades mínimos atendidos, reveladas em suas letras de *rap*. De acordo com Lefebvre( 1976):

O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num “mundo”. A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosos [...]. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra, e não apenas de produtos e bens materiais consumíveis, necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas (LEFEBVRE, 1976, p.03).

Partindo destas percepções buscamos compreender possíveis manifestações contidas nas necessidades dos Sujeitos *rappers*, particularidades que perpassam por seus queres e que vão além das questões meramente materiais, como aponta Lefebvre (1976), mas também como sinônimo de satisfação individual e coletiva tendo suas necessidades atendidas como o acesso ao esporte, ao lazer, ao conhecimento e uma vida feliz, ou não?

No decorrer deste estudo traçamos *rimas* com os diferentes autores que se dedicaram a compreender a vertente da Geografia Cultural, bem como a interface com a Geografia Urbana no sentido de percebermos a cidade como o espaço onde ocorrem estas manifestações diversas. Durante nossa pesquisa tratamos ainda de um tema instigante nesta *quebrada*<sup>8</sup> acadêmica: a polêmica onda pós-moderna, cujo trânsito, nos círculos acadêmicos, funciona como uma espécie de “nova verdade” da intelectualidade. Será que ela se confirma? Será que se afirma? Ao focalizar as análises do ponto de vista geográfico, poderemos apontar para a afirmação da teoria pós-moderna ou questioná-la?

Buscamos construir a interface entre a ordem e a desordem, um dos princípios que movimenta a complexidade e as organizações juvenis ligadas ao movimento *hip hop* que insistem, a seu modo, em se organizar através de seus arranjos/redes denominados de *posses*.<sup>9</sup>

Enquanto multidisciplinar campo de pesquisa e análise, a Geografia, contribuirá ou não para melhor entendermos os labirintos e fenômenos que circundam o universo juvenil das cidades como é o caso dos jovens da periferia? A dúvida nos levou ao questionamento porque, ao (re)produzirmos a compreensão do mundo em suas certezas duras e suas variáveis engessadas, possivelmente as

<sup>8</sup> Gíria utilizada pelos ativistas do movimento *hip hop* para designar lugar, periferia, favela, comunidade, rua, beco.

<sup>9</sup> No decorrer deste trabalho iremos abordar este termo ao tratarmos da conceituação de lugar.

reproduzimos em sala de aula, no cotidiano, em nossas práticas como imutáveis, mantendo “a Geografia como algo chato e distante do cotidiano” dos Sujeitos estudantes (KAERCHER, 2002, p.48) formatando e enquadrando as opiniões que marcarão/traumatizarão, quem sabe, as novas gerações.

Este trabalho poderá nos auxiliar, ou não a repensarmos as práticas pedagógicas, transmitindo uma visão menos parcializada do mundo aos educandos? Será que o preconceito, especialmente com os Sujeitos jovens da periferia pode ser diluído na medida em que ocorra a valorização deste seguimento cultural? Ou não? Ao tentarmos abandonar o método do determinismo geográfico, em que se atribui o comportamento cultural apenas pela influência do meio onde as pessoas vivem, onde os diferentes fatores sejam de que natureza for, são desprezados, a Geografia poderá sim buscar penetrar a fundo na Complexidade deste entendimento, levando em consideração os acúmulos já consagrados pela humanidade. É possível arriscarmos responder, mesmo provisoriamente, que tais fatores poderão (re) ordenar o pensamento a partir da subjetividade complexa que cerca o saber geográfico e suas implicações nas transformações socioambientais e socioespaciais que caracterizam a contemporaneidade na multifacetada interdisciplinaridade geográfica.

Coube neste momento traçar alguns elementos que, possivelmente justifiquem nosso esforço em pesquisar, com base nas inquietações sobre as dúvidas que cercam esta pesquisa. Uma das questões observadas e já mencionadas anteriormente é que grande parte dos Sujeitos jovens da periferia, são de origem negra<sup>10</sup>, portanto esta questão logo nos remeteu a reflexões, com base na construção histórica da nação brasileira, a provável origem destes Sujeitos jovens que possuem na denominada miscigenação, sua ancestralidade, a partir da tríade: europeia, indígena e africana - a matriz por onde, provavelmente, tudo iniciou. Nos lugares em que vivem esses Sujeitos jovens, possivelmente trazem consigo o peso da cor, como um elemento a mais de entrave social, visto que o racismo, impregnado em preconceitos explícitos ou velados é cotidianamente colocado à prova. Exemplo disso são as abordagens policiais. O alvo de revistas e de tratamentos ríspidos se manifesta principalmente quando o sujeito é negro e jovem.

---

<sup>10</sup> Cabe destacar que a presença da população negra na periferia é muito acentuada, portanto o recorte específico sobre a juventude negra deste complexo espaço geográfico é um assunto em aberto a uma posterior pesquisa.

Em uma ocasião, em trabalho de campo no Morro Santa Tereza constatamos uma destas abordagens. Ao sair da viatura da Brigada Militar, um policial interpelou um garoto de estatura média, magro, negro, que vestia camiseta regata, bermuda estilo 'surfista' e chinelo. Praticamente esmagando o rosto do rapaz na parede de um supermercado, diante dos olhos curiosos de quem passava, o policial o interrogou persuasivamente: “pra onde foi aquele outro ‘neguinho’ filho da puta, que estava contigo, heim?”

Como percebemos, a rotina destas situações, em que o círculo de violência se estabelece a partir da própria interpelação do Estado, materializadas na figura do policial, muito provavelmente sirvam para deixar uma desconfiança ainda maior, não somente no(s) Sujeito(s) jovem(ns) que constantemente assim são tratados, mas muito possivelmente nos demais Sujeitos da população moradores dos becos e ruelas das vilas pobres da cidade.

A situação da juventude pobre dos bairros e vilas da periferia, ao que parece, ainda prevalece em planos secundários, muito possivelmente pela falta de políticas públicas de inclusão ou até mesmo pela instabilidade familiar que os levam a se afastarem das salas de aula e com isto, quem sabe, os afastando ainda mais do conhecimento. O universo *rapper* surge, neste processo como uma possibilidade de denúncia e alerta ao Estado. Muito provavelmente transformando-se, através da arte praticada nas ruas e nas músicas que compõem, em porta-vozes do descaso e da exclusão e, em muitos casos denunciando a submissão, o racismo e a segregação sofridos por serem, em sua maioria negros, pobres e favelados.

Nos morros e ruelas apertadas das vilas das cidades é que esses jovens *rappers* talvez partam, em busca de sua reestruturação, de seu autoconhecimento, na busca de suas raízes e principalmente de sua sobrevivência. Longe de virarem tendência de moda ou um estilo de vida, quando são muitas vezes copiados e caricaturados pelos setores da classe média e da elite, esses Sujeitos jovens da periferia provavelmente busquem, melhores oportunidades<sup>11</sup>. Portanto nos cabe conhecer mais e melhor este universo juvenil que luta, quem sabe, para não sucumbir diante da invisibilidade de uma sociedade excludente.

---

<sup>11</sup> No filme *Tropa de Elite* (2009), de José Padilha, reconhecido cineasta brasileiro que recentemente fez enorme sucesso nos cinemas - e nas bancas de camelôs, um dos personagens, um policial negro que conseguiu a façanha de ingressar na universidade chega a acusar, diante de seus colegas de faculdade: “enquanto esses filhinhos de papai babacas ficam puxando fuminho e consumindo drogas, estão ajudando a financiar os traficantes e matando os jovens da periferia”.

A do mundo da periferia, onde também está inserida a realidade escolar, principalmente a escola pública é vista hoje, através de diferentes lentes. Mesmo parcialmente, é compreendida e reproduzida por diferentes variáveis que são repassadas, através da experiência dos moradores destes lugares e mesmo dos Sujeitos educadores aos jovens que ainda estão presentes no “universo” da sala de aula, onde os conceitos e preconceitos históricos, geográficos e pedagógicos ficam, mesmo que provisoriamente, registrados da memória do Sujeito estudante.

O debate sobre as possíveis influências das práticas da cultura *hip hop* poderão facilitar a compreensão destes sujeitos para outras percepções do fazer escolar, buscando perceber no espaço geográfico escola e na disciplina de Geografia, multidisciplinar campo de pesquisa e análise. Suertegaray (2000) a este respeito diz:

A geografia como área de conhecimento sempre expressou ( desde sua autonomia) sua preocupação com a busca da compreensão da relação do homem com o meio (entendido como entorno natural) (SUERTEGARY, 2000, p.14).

Permitindo, quem sabe outras possibilidades que sirvam para melhor problematizar os labirintos da complexidade que envolve os diferentes ramos do conhecimento, dos fenômenos que circundam o universo urbano dos jovens estudantes da periferia. Onde o preconceito, o racismo e a intolerância, possivelmente, possam ser diluídos, quem sabe, na medida em que ocorra um olhar diferenciado do lugar onde esses jovens (sobre) vivam.

## **2.1 CONCEITOS - NOSSO SAMPLING:**

A fim de grafitarmos uma orientação mais segura na complexidade desta ‘quebrada’, expomos a seguir os caminhos que trilhamos para alcançar nossas inquietações nesta Avenida da Complexidade. Assim, ao estudar a cultura de rua, sua gênese e suas múltiplas manifestações no espaço periférico das cidades, buscamos compreender o porquê desta quebrada? Ao realizar as nossas avaliações, procuramos entender os meandros da cultura *rapper*, seguindo uma trilha que nos possibilitou uma (inter) ação e mediação, nos remetendo a perceber

provisoriamente, a partir desta pesquisa o **conhecimento** - denominado quinto elemento desta cultura.

Nesta caminhada especulativa, a partir de uma relação entre o empírico, o dado coletado e as práticas, no processo da pesquisa, buscamos construir uma dialogicidade através de conceituações teóricas, a fim de que pudéssemos compreender as origens do *rap*, situando suas particularidades, aferindo dados junto aos Sujeitos praticantes da cultura *raper*, dos Sujeitos estudantes e Sujeitos professores, que nos apontassem pistas sobre uma possível construção do quinto elemento do *rap*. Neste caso empregamos entrevistas semiestruturadas, questionários semiabertos, observação participante que posteriormente foram analisados e avaliados através de materiais colhidos juntos aos sujeitos pesquisados e em alguns casos experimentamos outras abordagens que nos levaram as respostas provisórias para nossas indagações estabelecendo uma análise sobre a representação do Sujeito estudante, a partir dos grupos focais questionando-os sobre qual a visão que os mesmos possuem da escola?

A compreensão dos conceitos geográficos e sua interface com a cultura *raper* a partir do lugar, do território, interagindo com os elementos da paisagem, da comunicação e identidade no espaço geográfico escola é mais uma *pegada*<sup>12</sup> para entendermos se os diferentes elementos se consubstanciam, ou não, a partir do conhecimento e como se manifestam as identidades dos Sujeitos jovens que praticam o *hip hop* e sua relação com o mundo escolar, assim, avaliando se a metalinguagem da cultura *raper* é um facilitador ou não da construção do conhecimento geográfico para estes praticantes. Nesta *rima* provisória procuramos perceber, através das ações propostas aos Sujeitos *rappers* se a metalinguagem utilizada por seus praticantes são caminhos facilitadores para a elevação do conhecimento, em especial do geográfico.

Examinamos as performances através de oficinas e de encontros com os praticantes da cultura *raper* como forma de verificar se estas ações facilitam ou não a lugarização e a construção do conhecimento geográfico. Considerando as trocas de experiências a partir do protagonismo dos Sujeitos do *hip hop* e sua pedagogia popular transmitida pelas experiências vivenciadas em seu cotidiano junto ao grupo de Sujeitos estudantes no espaço escola.

---

<sup>12</sup> Para a linguagem *hip hop* significa forma, argumento, atitude.

Um dos desafios da contemporaneidade é romper com a visão das ciências, em diferentes níveis, como verdades prontas. A construção de receitas para resolver os desafios da humanidade possui seus limites, estrangula possibilidades de se ir além das simplificações em que, na grande maioria das vezes nos travamos diante do desenvolvimento e do avanço do conhecimento. A Complexidade, que compreende ideia de tecer junto, portanto pode ser enunciado não menos que o da simplificação: “este impõe separar e reduzir, aquele une, tece, enquanto distingue” (CASTROGIOVANNI, 2011, p.170).

Morin (1976) nos permite perceber que a simplificação científica não nos desafia a buscar respostas sempre que a dúvida movimentar nosso pensamento, de acordo com seus argumentos:

Se tentamos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa estes diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante (MORIN, 1998, p.176).

A construção da unificação e evolução do pensamento, como desafio para superação da fragmentação imposta pela hegemonia do pensamento atual, requer que articulemos este processo a partir de alguns pressupostos, ou seja, princípios norteadores do pensamento complexo. Nesta dissertação empregamos alguns princípios que irão dialogar com o objeto pesquisado a partir da unidade dentro da diversidade que este universo possibilita, tais como: a auto-organização, o holograma e a ordem e desordem. A seguir buscamos conceituá-los.

### **2.1.1 Auto-organização – junto e misturado:**

Constitui-se num sistema a partir de elementos diferentes – unidade e multiplicidade; ‘mais e menos’ incluídos na soma das partes, ou seja: **menos** pelas potencialidades inibidas nos Sujeitos por diferentes situações sociais que impossibilitam fazer fluir potenciais criativos represados, refratados pelas contradições inerentes às condições sociais de múltiplas carências em que se encontram as populações das periferias. Evidentemente atingindo os Sujeitos

crianças e os Sujeitos jovens destes ambientes. **Mais** em função da emergência de potencialidades que fluem e que podem ser externalizadas no/pelo Sujeito/indivíduo (parte). Aguçando neste Sujeito o “sentido de autonomia” (MORIN, 2006, p.118), trabalhando sua energia individual para contribuir, a partir de suas experiências e ações cotidianas para a conformação de outras formas de ver o mundo, de perceber a si e os outros. Possibilitando a expansão desta autonomia através da manifestação cultural, da apropriação de novos símbolos e linguagens para manifestar suas inconformidades à situação de vulnerabilidade em que se encontram e que contribuem para o coletivo (todo) como pode ser o caso da cultura, da comunicação, da linguagem, da educação permitindo a ampliação do desenvolvimento da inteligência dos Sujeitos/indivíduos. Assim, podemos observar (Figura 2) a busca da materialidade deste símbolo através do grafite, por exemplo, onde a conjunção da paz e do amor se fazem ordenar em um emaranhado de fios e pontos que se juntam, expressos a partir deste simbolismo.

A cultura *hip hop*, praticada por uma importante parcela dos Sujeitos jovens da periferia, hoje constrói-se tendo como base esta unidade e multiplicidade integrando uma retroalimentação na tentativa de ordenar suas ações **partindo da parte para o todo**, numa busca de organizar, neste emaranhado de incertezas e caos uma parcela social que é invisibilizada e que é colocada à prova, cotidianamente na busca de sua autoafirmação.

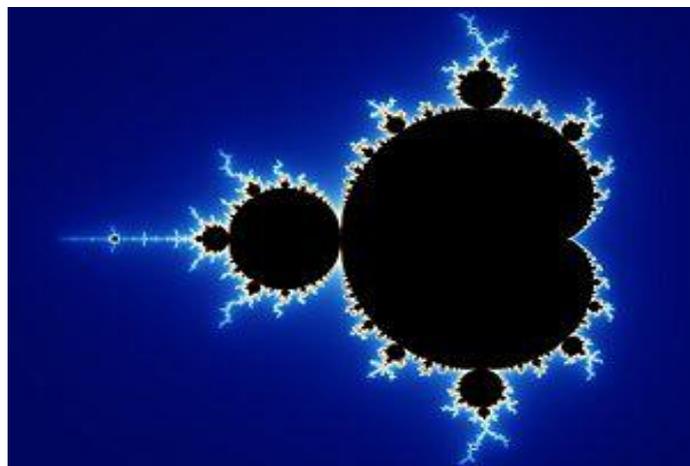


**Figura 1** – Paz e amor tecidos juntos – potencialidades. Foto do autor (2011).

### 2.1.2 Holograma - *baguio bembolado*:

Caracterização que nos permite perceber, a partir de uma escala mínima, um ponto, como uma célula no organismo, expressos por exemplo, por um fractal (Figura 3) onde as mesmas possuem as características do conjunto, no caso da sociedade marcada pelas vivências positivas e negativas, registradas e transmitidas a partir da individualidade do Sujeito; e/ ou a macro escala – assim, ao transmitirmos esse princípio para o ponto de vista da sociedade podemos estabelecer uma ligação entre o processo do trabalho, por exemplo, onde um parafuso fabricado pelo operário em uma fábrica, em qualquer parte do globo poderá compor um conjunto maior de um determinado produto – sem que o mesmo perca suas características originais, em outra parte do planeta, visto que a dinamicidade do processo industrial, mundializado, possibilita esta façanha, e este parafuso (individual) perpassa o processo de fabricação coletiva, passando por diferentes etapas e, conseqüentemente, por inúmeras mãos operárias (coletivo).

A partir de um grupo de Sujeitos *rappers*, em um bairro periférico de Porto Alegre ou qualquer outro lugar, podemos, perceber suas características e particularidades ao percebermos a cultura *rapper* se manifestando como a transmitir, pela autonomia do Sujeito, as diferentes manifestações desta cultura, juntando-se a outra, estabelecendo-se como rede, ligando os diferentes pontos que, unidos, serão transmitidos uns para os outros, em diferentes formas pedagógicas, mantendo a essência desta forma contemporânea de expressão popular e sua interação fractal com a sociedade.



**Figura 2** – Fractal -in Blog Kátia Osório.C:\Users\adm\Pictures\2012-01-31 <sup>13</sup>

<sup>13</sup> In.: Fotos Diversas\fractal-1-conjunto-de-mandelbrot.gif, Acessado em 31.01.212.

### 2.1.3 Ordem, desordem - a fita embolô:

Ao observarmos uma favela (como nos mostra a Figura 4), apenas por uma imagem qualquer em uma fotografia, imagem de satélite, etc. poderemos perceber nela um caos cristalizado, a partir de uma **desordem**. Esta é a percepção que depreendemos em termos de organização espacial naquilo que identificamos no imediato, apenas fixados pela aparência, não considerarmos o emaranhado de redes histórico-sociais que por ali se inter cruzam. Aquilo que para alguns pode ser uma desordem retratada em um amontoado de barrocos, penduradas nas encostas de morros, pode aos olhos dos Sujeitos moradores do lugar ser a sua **ordem**.

O espaço é disputado e modificado num sistema complexo onde o Sujeito, morador deste lugar estrutura seu viver em conformidade com as condições materiais de que disponibiliza. Arriscamos, provisoriamente, dizer que, sua luta pela moradia, é ao mesmo tempo - necessidade e resistência. Necessidade pela óbvia falta de opção em viver em um lugar mais estruturado e, resistência empurrada pela necessidade de lutar pelo espaço conquistado, melhor dizendo – ocupado (na percepção geográfica) e/ou invadido (na concepção institucional que privatizou os diferentes espaços geográficos).

Ao percebermos que a relação do espaço urbano com sua população é repleta de histórias contraditórias, fruto das disputas entre a valorização comercial ligada à especulação imobiliária (que avança freneticamente através de inúmeros atrativos imobiliários para as camadas com maiores condições financeiras, como as médias) e estes Sujeitos que lutam para terem, mesmo que mínimamente um local onde se abrigar. O movimento, aparentemente estático se desfaz na medida em que da desordem, pelo fato de não ter onde morar **se torna** ordem pela apropriação e remodelação do espaço (Figura 5), neste caso uma disputa por novas territorialidades que irá se constituir a partir da ação destes Sujeitos em favela<sup>14</sup>.

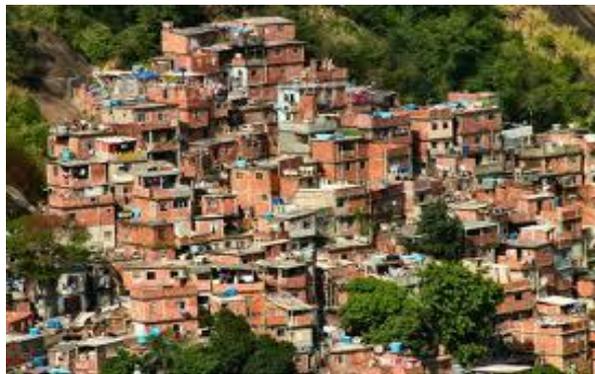
Como sabemos Ab'Saber(2000) afirmou que o Sujeito na favela é estrategista do seu espaço, portanto podemos provisoriamente afirmar também de

---

<sup>14</sup> A origem do nome favela provém de uma vegetação rasteira que cobria o Morro de Canudos (BA), descoberto à época da Guerra de Canudos e muito utilizado pelos moradores locais para construir suas moradias com esta vegetação recoberta com barro. In.: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-foi-a-primeira-favela-do-brasil> Acessado em 02.02.2012.

sua forma de organizar – de por em ordem, do seu jeito, o agora **seu** espaço. Antes havia terreno baldio, um espaço vazio, uma ruela de chão batido; agora erguem-se casas e surge a pavimentação através do asfalto; antes não havia posto de saúde; agora possuem unidade de saúde; antes não havia ponto comercial algum, agora surge uma quitanda que oportuniza vender gêneros de primeira necessidade.

Mas ao mesmo tempo este espaço ordenado também é desordem: esgoto a céu aberto; iluminação clandestina (gatos); falta de transporte adequado; tráfico e violência. Neste caso desponta a dualidade: uma favela é caos, mas ao mesmo tempo possui sua ordenação, sua estratégia de se auto-organizar, como podemos observar nas figuras abaixo:



**Figura 3** – Desordem na Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, 2012. Autor desconhecido<sup>15</sup>.



**Figura.4** – Ordem na desordem – V.Farrapos/POA a partir do Google Earth, 2008<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Autor desconhecido In.: <http://www.passeiosnorio.com/favelaturrocinha.html>, Acessado em 25.01.2012.

<sup>16</sup> In.: <http://essametamorfose.blogspot.com.br/2008/03/mapa-da-pobreza-em-porto-alegre-6.html>, Acessado em 25.01.2012.

#### 2.1.4 Pesquisa qualitativa - *scratching na ideia*:

O grande desafio posto para esta pesquisa foi o pouco conhecimento, inicial, acerca dos meandros deste seguimento juvenil *rapper*. Muito embora a literatura acadêmica traga alguns elementos importantes que serviram como fonte para a execução da dissertação, a vivência *in loco* tornou-se imprescindível para um maior detalhamento do universo pesquisado.

Partimos do pressuposto de que o método auxiliou o pesquisador a responder, ou não, suas inquietações relacionadas ao objeto, no caso o Movimento *Hip Hop* e sua relação com o Ensino da Geografia. Coube apontar então, metodologicamente, qual o movimento que buscamos trilhar nesta caminhada, onde levamos em consideração o que afirma Flick (2009) ao referir-se ao objeto pesquisado:

Os objetos não são reduzidos a simples variáveis, mas sim representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos. Portanto, os campos de estudo não são situações artificiais criadas em laboratório, mas sim práticas e interações dos sujeitos na vida cotidiana (FLICK, 2009, p.24).

A pesquisa qualitativa possibilitou-nos significados e diferentes motivações frente ao cotidiano de um seguimento da cultura popular, no caso da cultura *rapper*, e que aos poucos foi despertando interesses e diferentes percepções em várias áreas do conhecimento acadêmico.

Mais do que uma mera averiguação de dados fixos, desconectados de uma realidade mutante, volátil e contraditória, a pesquisa qualitativa proporcionou, validade conceitual e contribui decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico (TRIVIÑOS, 1987, p.118). Segundo este autor, ela busca superar a visão reducionista onde nos remeteria quem sabe, a variáveis quantitativas de pequeno alcance, diante de situações novas expostas em uma realidade multidimensional, vivenciadas na sociedade contemporânea, pois, a partir das inúmeras e invisíveis vozes que ecoam da periferia podemos, mesmo que provisoriamente entender as contradições e tensões das vidas que ali atuam.

O **estudo de caso**, como aponta Robert Yin (2001, p.21) nos possibilitou desenvolver esta pesquisa, na busca de compreendermos estes fenômenos individuais e organizacionais, sociais e políticos. Roese (1999) acrescenta que:

O estudo de caso diferencia-se do estudo biográfico e da história de vida por tratar, preferencialmente, de instituições e movimentos sociais e, especificamente, pelo fato de abordarem-se casos com algo novo para o ponto de vista da ciência (ROESE, 1999, p.193).

O fundamental é que, nesta pesquisa, o estudo de caso serviu como ferramenta para compreendermos um pouco mais o *hip hop* e suas manifestações metodológicas específicas, através do contato com o grupo de jovens *rappers* pertencentes a uma organização social de caráter, não apenas local, mas de alcance regional e nacional. Sujeitos que apresentam, em suas variadas manifestações culturais temáticas e convicções políticas particulares, algo relativamente novo em um cenário de grandes desarranjos, dispersões e incertezas no âmbito de organizações juvenis tradicionais, como os movimentos estudantis e o das pastorais religiosas que são mais tradicionalmente reconhecidas, por exemplo.

A presença do pesquisador junto ao seu objeto faz-se necessária, neste caso, pois os materiais aferidos instrumentalizaram as análises a partir da **observação participante**. Esta modalidade oportunizou ao pesquisador uma maior interação junto aos pesquisados, deixando de ser um agente meramente passivo, possibilitando uma maior visão da realidade por permitir ao pesquisador adquirir uma visão de “dentro” (DUARTE, 2005). A esse respeito Triviños (1987) argumenta que:

O pesquisador deve partir do conhecimento que existe sobre a organização que deseja examinar. Que material pode ser manejado, que está disponível, ainda que represente dificuldades para seu estudo. Isto significa que existem arquivos que registram documentos referentes à vida da instituição, publicações, estudos pessoais com os quais é possível realizar entrevistas, etc. Esta informação prévia necessária é básica para delinear preliminarmente a coleta de dados (TRIVIÑOS, 1987, p.135).

Torna-se pertinente enfatizar que o estudo de caso sobre o Movimento *Hip Hop*, mais especificamente sobre os integrantes da organização Nação Hip Hop Brasil, que atuam em Porto Alegre, na Vila Cruzeiro e seus arredores constitui-se em uma **pesquisa empírica** que:

- 1 – Investigou um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real;
- 2 – Revelou que as fronteiras entre o fenômeno real e o contexto espacial são balizadores de uma possível contextualização social e educacional;

3 - Apresentou fontes de evidências que foram utilizadas para investigar tal fenômeno.

Neste aspecto foi importante compreendermos, também, as ligações causais em intervenções ou situações da vida real que são complexas demais para serem tratadas através de estratégias experimentais ou de levantamento de dados já consagrados pelo meio científico. A estrutura da análise de campo deu-se com base nas proposições orientadoras do estudo, enunciadas a partir de questões secundárias e da construção da unidade de análise, cujos protagonistas são os Sujeitos *rappers* pertencentes ao Movimento Nação Hip Hop Brasil. Portanto partimos da lógica que estabeleceu a ligação dos dados às proposições do estudo e, finalmente, partimos da elaboração de referencial teórico e categorias de análise para este contexto pesquisado.

O trabalho de campo foi realizado sob condições de ambiente não controlado, dito de outra maneira, dentro de um contexto real, onde a investigação e a coleta de dados foram adaptadas ao planejamento realizado, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Neste caso, como sabemos, é o entrevistador que deve se introduzir no mundo do objeto, e não o contrário, como ocorre com estratégias de pesquisa em ambiente controlado, conforme enfatiza Yin (2001).

De fato, algumas restrições inerentes ao mundo do universo dos Sujeitos *rappers* ocorreram independentes da vontade do pesquisador, logo as ferramentas de controle, a partir do planejamento sofreram alterações sem prejudicar o conjunto da pesquisa. O mais prudente foi, partir do planejamento inicial, reestruturando diretrizes que assegurassem a concretização das tarefas nos procedimentos de campo, tais como:

a) assegurar o acesso à organização-chave e/ou aos entrevistados-chave, inclusive fornecendo-lhes telefones, endereços eletrônicos e prestando-lhes conta dos passos a seguir, visto que também surgem, a partir de trabalhos como este, a desconfiança e o interesse dos mesmos pelos resultados;

b) organizar os materiais, instrumentos para a realização do trabalho em campo (gravador, filmadora, máquina fotográfica, materiais para anotações, etc.);

c) desenvolver procedimentos, auferir os resultados da pesquisa e debater com outros investigadores mais experientes;

d) criar um cronograma, reformulando-o e relacionando as atividades de coleta de dados em períodos específicos de tempo;

e) organizar um planejamento alternativo para a ocorrência de eventos inesperados (mudança na disponibilidade dos entrevistados etc., cancelamentos de agendas). O trabalho de campo, portanto foi realizado dentro deste contexto real, onde a investigação e a coleta de materiais foram adaptadas ao planejamento realizado, buscando obedecer ao roteiro e prazos estabelecidos e ainda, respeitando a disponibilidade dos sujeitos entrevistados.

A reflexão do pesquisador em campo, a partir de sua vivência (impressões, irritações, sentimentos, etc.) constitui parte da interpretação, e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou protocolos de contexto (FLICK, 2009, p.25). O método de entrevista **semipadronizada** remete a reconstrução de teorias subjetivas (FLICK, 2009, p. 148) semiestruturadas a partir de questões **semiabertas**, cujo objetivo é a análise do conhecimento cotidiano dos Sujeitos *rappers*. Neste caso, facilitou a opinião dos entrevistados levando-os a responder, a partir do conhecimento prévio que possuem, de uma maneira espontânea, a partir de questões semiabertas (FLICK, 2009, p.149).

Buscamos ousar em nosso processo metodológico intercalando ainda, nesta etapa de pesquisa e de aferição de dados o que Flick (2009) nos argumenta como discussões em grupo, ou como muitos preferem denominar de grupo focal, pois de acordo com o contexto em que se inseriram os Sujeitos *rappers*, Sujeitos estudantes e Sujeitos professores foi pertinente que buscássemos estes ajustes, sem prejuízos ao conjunto da pesquisa, como forma de ampliar a abordagem sobre o tema proposto.

Alguns instrumentos de pesquisa complementares serviram para auxiliar nosso trabalho, permitindo, a partir da **coleta e análise de documentos** contribuir para valorizar as possíveis evidências encontradas, possibilitando auferir dados que se entrecruzaram com registros e vivências do grupo pesquisado, estabelecendo, a partir deste exercício possíveis confirmações ou contradições presentes nas ações dos jovens *rappers*. Buscamos nesta caminhada juntar alguns documentos escritos como jornais, *folders*, cartazes, além de outras fontes documentais como blogs e sites por onde se esvaem milhões de informações que contribuíram para as posteriores análises e constituição de possíveis respostas às nossas inquietações.

Alguns parâmetros serviram para balizar nossa análise a partir das coletas de documentos a fim de que servissem efetivamente de elementos capazes de atribuir valor ao material pesquisado, tais como: I. procedência do documento II. quem os

construiu e as fontes utilizadas para sua confecção; III. o alcance deste documento – público à que se dirige tal documento (consumo interno ou abrangência externa de massa); IV. que resultados são possíveis reter a partir da emissão deste documento; V. qual a mensagem (metadiscurso) principal e sua influência no fazer cotidiano dos praticantes da cultura *rapper*.

### 2.1.5 Formulando as entrevistas - *desenrolando a fita*:

A **entrevista em profundidade** que empregamos nesta pesquisa é considerada uma das mais importantes ferramentas utilizadas pelos pesquisadores como fonte de informações, não para medir dados estatísticos e quantificar fenômenos, nas palavras de Duarte (2005):

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar do íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças (Idem, p.64).

Conforme o autor esta técnica é importante porque a partir de uma entrevista bem sucedida a pesquisa tende a superar o limite e a confusão que muitas vezes ocorre onde o mero levantamento de dados passa a orientar o trabalho (DUARTE, 2005), limitando as análises em seus pormenores complexos.

O processo de nossa entrevista seguiu o padrão de perguntas **semiestruturadas**, tendo como critério a **conveniência**, exatamente por termos rechaçado os dados estatísticos e quantitativos que poderiam engessar nosso estudo, desta forma buscamos a amplitude necessária para a busca, mesmo que provisórias de nossas inquietudes, mas partindo de um roteiro que facilitou nossa abordagem junto ao entrevistado. Neste sentido, definimos: 1 - reunião em grupo com os Sujeitos estudantes, visto a facilidade de acesso em sala de aula e; 2 – entrevistas, assim distribuídas:

- Dez entrevistas direcionadas aos Sujeitos ‘manos e minas’ do grupo Nação Hip Hop Brasil – seção Rio Grande do Sul, que possuem relativa representatividade e que moram/ou moraram, atuam/ou atuaram na Vila Cruzeiro e seu entorno, em Porto Alegre;

- Cinco entrevistas direcionadas aos Sujeitos ‘manos e minas’ que possuem relativa liderança nacional, ligados à mesma organização, integrantes da articulação nacional que moram e/ou atuam em outros estados da federação;
- Cinco entrevistas direcionadas aos Sujeitos professores que atuam na Rede Municipal do Ensino Fundamental de Porto Alegre.

Com base, em Duarte (2005) e Flick (2009), desenvolvemos um roteiro de questionário que serviu como base para nossa pesquisa de campo. Dentre as questões levantadas tivemos o cuidado de separar em dois blocos, direcionados a públicos distintos. No primeiro momento buscamos a partir de nosso objeto principal de pesquisa saber que influência desperta o lugar onde moram os Sujeitos *rappers* a partir de suas vivências em suas variadas representações e subjetivações. Neste momento a primeira bateria de perguntas direcionadas aos Sujeitos *rappers* foi assim constituída:

<b>A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:</b>	<b>A pergunta que faremos para nosso público alvo:</b>
A influência que desperta o lugar onde moram os Sujeitos <i>rappers</i> a partir de suas vivências em suas representações e subjetivações.	O que representa para você morar/viver na Vila Cruzeiro? Você percebe alguma diferença entre este e outro lugar que você conhece, ou não? Qual a sua relação com os membros desta comunidade? Quais são os problemas e os conflitos que você destaca nesta comunidade?

**Quadro 1** – A influência do lugar para os Sujeitos *rappers* (elaborado pelo autor).

Além destes questionamentos, foi possibilitado aos entrevistados contarem um pouco de suas trajetórias, de suas vidas, de seu cotidiano, o que se revelou importante para a contextualização dos mesmos em suas caminhadas pelas searas do *rap*. No segundo momento buscamos compreender se a prática do *rap* favoreceu a busca por outros interesses e desejos para além do aspecto cultural e afetivo nestes sujeitos, questionado entre os praticantes do *hip hop*:

A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:	A pergunta que faremos para nosso público alvo:
A prática <i>rapper</i> favorece outros desejos para além do aspecto afetivo.	Você já conhecia o <i>hip hop</i> antes de atuar, ou não? Na comunidade, quem você conhece que pratica o <i>rap</i> ? Sonha em ficar rico com o <i>rap</i> , ou não? Além do movimento <i>hip hop</i> você atua em outro movimento social, ou não? Qual?

**Quadro 2** – As práticas dos Sujeitos *rappers* e o lado afetivo (idem).

Uma das questões instigantes em nossas inquietações também disse respeito à produção dos praticantes da cultura *rap*, sobretudo se as mensagens das letras e as demais ações deste movimento funcionaram como desencadeadores do conhecimento e subjetivações. Neste sentido buscamos entender as particularidades desta cultura a partir de questionamentos direcionados aos Sujeitos *rapper*.

A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:	A pergunta que faremos para nosso público alvo:
As mensagens das letras de <i>rap</i> e as demais ações como desencadeadoras do conhecimento e subjetivações.	Para você, o que significa o <i>hip hop</i> ? Em qual elemento você se enquadra? Como/onde você aprendeu a movimentar seu elemento? Você ensina para alguém a sua arte?

**Quadro 3** – As mensagens da letra *rap* e as subjetivações (idem).

Outro questionamento referente a esta cultura, importante para a consecução da pesquisa disse respeito à percepção do olhar externo sobre a comunidade e a influência da cultura *rapper*.a partir representações diversas, no que, as contribuições de Moscovici (2010) e Guareschi (2011) foram fundamentais. As questões levantadas foram às seguintes:

A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:	A pergunta que faremos para nosso público alvo:
A percepção do olhar externo sobre a comunidade e a influência da cultura <i>rapper</i> .	Você ‘desce para o asfalto’ com sua arte <i>rapper</i> ? Como as pessoas que não praticam o <i>hip hop</i> os enxergam? E os outros jovens <b>não rappers</b> ? Já se sentiu discriminado?

**Quadro 4** – O olhar externo sobre a cultura *rapper* (idem).

Buscamos estabelecer uma relação entre o ensino e a Geografia. Neste sentido construímos duas questões que aproximam o mundo escolar à cultura *hip hop*, procurando entender se o *rap* facilita o ensino aprendizagem da Geografia e as demais áreas do conhecimento.

De acordo com Guareschi (2010, p.47) “educar e ensinar começa quando outra pessoa entra em contato conosco, questionando nossos saberes e experiências”, neste sentido procuramos dialogar com os Sujeitos *rappers*, a partir das questões relacionadas à educação:

A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:	A pergunta que faremos para nosso público alvo:
A cultura <i>rapper</i> facilitaria o ensino aprendizagem da geografia e demais áreas do conhecimento.	Você estuda ou não? Como o <i>hip hop</i> poderia contribuir para o ensino? Qual a área do conhecimento você mais gosta? E a geografia? Como você aprendeu Geografia? Se fosse Sujeito professor de Geografia, o que faria de diferente?

**Quadro 5** – A cultura *rapper* e a Geografia (idem).

O contato com a pesquisa da academia e sua aproximação com cultura popular *rap* e a retroalimentação do saber contemporâneo nos levou a questionamentos sobre o próprio papel da pesquisa para a vida destes Sujeitos. Atores sociais muito pouco escutados pela sociedade tornam-se naturalmente arredios, por diferentes experiências de pesquisas que não lhes contemplam, possivelmente por expectativas alimentadas para além das possibilidades e limites

oferecidas pelo mundo acadêmico. Através de inteligências afiadas e sinceridade rebelde aguçadas argumentam que:

Mesmo sem apoio do CNPQ, sem reconhecimento do MEC, na rua me formei ruólogo, cursei a velha e a nova escola da vida, graduado pedreiro literário, sem cela especial. (DEXTER, 2009, p.17)

Portanto, ouvi-los sobre a importância de uma pesquisa como esta foi muito importante. Elaboramos estes questionamentos a respeito:

<b>A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:</b>	<b>A pergunta que faremos para nosso público alvo:</b>
O contato com a pesquisa da academia como uma aproximação da cultura popular <i>rapper</i> e a retroalimentação do saber contemporâneo.	Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse você acha que desperta a cultura <i>rapper</i> no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação a uma pesquisa como esta. Ou não?

**Quadro 6** – A cultura *rapper* e a pesquisa acadêmica (idem).

Aos Sujeitos professores procuramos realizar os questionamentos na mesma trilha em que inquirimos os Sujeitos *rappers*, consideramos que os mesmos precisavam ser escutados, afinal integram importante engrenagem do sistema educacional. Educar não significa apenas retransmitir mecanicamente os ensinamentos que a vida escolar atribui, portanto a busca de equilíbrio diante das incertezas do fazer educacional requer constantes aperfeiçoamentos, muita dedicação:

Um professor não nasce pronto. Forma-se ao longo de sua própria caminhada de professor, observando em sua caminhada de professor, observando em sua experiência esta ou aquela ação, este ou aquele cuidado (ANTUNES, 2007, p.48).

Diante da complexidade em que está inserido o Sujeito professor, torná-lo protagonista em uma pesquisa como esta é importante para que se estabeleçam novos encontros nesta avenida chamada Educação, tarefa tão particular e grandiosa, que se refaz, dia após dia no ato de ensinar.

Nossos questionamentos aos Sujeitos professores foram construídos igualmente em blocos de perguntas, assim constituídos:

<b>A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:</b>	<b>A pergunta que faremos para nosso público alvo:</b>
A influência que desperta o lugar onde trabalham os profissionais em educação a partir de suas vivências em suas representações e subjetivações.	O que representa trabalhar nesta comunidade? Percebe alguma diferença entre este e outro lugar que você trabalha/ou? Qual sua relação com os membros desta comunidade? Que problemas e conflitos você destaca nesta comunidade?

**Quadro 7** – A educação e as subjetivações do lugar (idem).

<b>A questão que queremos saber, a partir de nosso objeto de pesquisa:</b>	<b>A pergunta que faremos para nosso público alvo:</b>
A prática do <i>rapper</i> , a partir de olhar do 'outro' favorece os desejos e interesses para além do aspecto afetivo.	Você conhece o <i>hip hop</i> ? Conhece, na comunidade, alguém que pratica o <i>rap</i> ? E na escola, alguém é atuante da cultura <i>hip hop</i> ? Você considera que o <i>hip hop</i> contribua para a modificação do sujeito?
A percepção do olhar externo sobre a comunidade, a possível influência da cultura <i>rapper</i> e o fazer cotidiano no ensino aprendizagem.	Como você enxerga os sujeitos que praticam <i>hip hop</i> ? Qual sua percepção sobre os jovens da periferia? Já se sentiu discriminado (a) por trabalhar nesta comunidade? Como é seu cotidiano de trabalho? E suas aulas, você pode me falar como elas funcionam? Se você pudesse fazer algo diferente, estaria aberto (a) a propostas?
A cultura <i>rapper</i> como facilitadora do ensino aprendizagem na Geografia e demais áreas do conhecimento.	Você estuda atualmente? O que é Geografia para você? Você acha que o <i>hip hop</i> poderia contribuir para o ensino

	da Geografia ou não? Se fosse um <i>Sujeito rapper</i> utilizaria a Geografia em sua aula ou não?
O contato com a pesquisa da academia como uma aproximação da cultura popular <i>rapper</i> e a retroalimentação do saber contemporâneo.	Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse você acha que desperta a cultura <i>rapper</i> no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação a uma pesquisa como esta. Ou não?

**Quadro 8** – Bloco de questões relacionadas ao *rap* e a educação (idem).

## 2.2 AÇÕES, ENCONTROS E OFICINAS - *FORMIGUEIRO É NÓIS*:

Em nosso trabalho de campo consideramos importante, a partir da prática cultural dos *Sujeitos rappers*, observarmos alguns elementos que possibilitaram uma maior percepção frente às inquietações que nos movimentam, mesmo que as dúvidas e respostas nos sejam provisórias. Para tanto propomos como prática nesta etapa da pesquisa, algumas performances e oficinas. Sabemos o que significaria nosso envolvimento neste processo, pois “o pesquisador não se coloca ingenuamente em relação a sua presença no grupo pesquisado, pois naturalmente também está sendo observado, em seu desenrolar, em sua rotina” (TRAVANCAS, 2005, p. 103).

Em virtude dos nossos interesses, nos colocamos como articuladores do processo na preparação destes eventos, organizando as reuniões iniciais, definindo e agendando locais e datas para a realização das atividades, construindo as possibilidades materiais a serem utilizados nas atividades, avaliando e ajustando os contratemplos que iam surgindo nesta caminhada. A seguir apresentamos um quadro esquemático da proposta temática utilizada:



**Ilustração 1** – Temas para as oficinas (Ilustração do autor).

Ao propomos as temáticas utilizadas nos quatro elementos da cultura *hip hop*, os sujeitos pautaram-se respeitando, evidentemente o ritmo de cada seguimento na medida em que aconteciam, as ações dos *sujeitos* durante as entrevistas, encontros diversos e oficinas realizadas com os estudantes.

### **3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS – NÃO TAMO DE MIOLO MOLE!**

“[...]Largar as armas e pegar em canetas”  
Nego Drama (TONI C, 2009, p.16)

Na busca para superar as simplificações, as verdades prontas, fechadas a possíveis questionamentos e análises, a partir das contribuições teóricas de Edgar Morin é que chegamos a ideia da Complexidade.

Caminho que nos possibilita perceber o mundo, as coisas, a sociedade e suas múltiplas relações partindo do pressuposto de que as respostas para os questionamentos que se manifestam no seio da sociedade, não estão de todo formatadas e prontas, esgotadas e engavetadas em livros e enciclopédias deixadas por mentes brilhantes! Desta forma a Geografia deve preocupar-se com “o espaço e suas múltiplas dimensões” (CASTROGIOVANNI, 2000, p.12), tentando juntar as partes fragmentadas do saber, num processo de unidade e complementaridade provisória.

A Complexidade não descarta ou renega pensamentos, idéias e ciências já acumuladas pela humanidade, ela junta, tece, unifica e busca ir além! De acordo com Morin(2000):

Vivemos numa realidade multidimensional, simultaneamente, econômica, psicológica, mitológica, mas estudamos estas dimensões separadamente, e não umas em relação com as outras. O princípio da separação torna-nos mais lúcidos sobre uma pequena parte do seu contexto, mas nos torna cegos e míopes sobre a relação entre a parte e o seu contexto. ( MORIN, 2000, p.14).

O mundo se complexificou, ou melhor, o mundo é um todo complexo, desde seu surgimento (ou desde o entendimento do Sujeito sobre ele), no entanto fomos acostumados – ou treinados - a pensar de maneira desconexa, dissociando uma coisa da outra, dificilmente interligando os fios que tecem uma unidade viva do pensamento, tanto relacionada ao sistema natural quanto a social.

A compartimentação dos saberes, em seus diferentes níveis, dificulta conhecermos a diversidade dentro da unidade, estabelecendo um raciocínio não dialético sobre os diferentes fenômenos, sobre as diferentes realidades do mundo, da natureza, da sociedade. Daí a necessidade de compreendermos o mundo não apenas do ponto de vista da lógica concreta e racional inflexível, mas percebendo através do questionamento cotidiano os diferentes campos da subjetividade, por entendermos que é a partir da dúvida que movimentaremos o desenvolvimento do conhecimento da humanidade.

Morin (1998) afirma ainda que “os problemas dos limites do nosso conhecimento é, ao mesmo tempo o problema do ilimitado problema do conhecimento” (1998, p.78), portanto a aventura que nos remete a qualquer campo da pesquisa requer abertura sem preconceitos para interrogar sem parar, sempre que uma nova questão surgir. Um dos desafios, nesta caminhada é distinguir e separar pensamento de conhecimento. Em suas argumentações, Sposito (2004) diz:

Conhecer deriva do latim *cognoscere*, que significa ‘procurar saber, conhecer’[...], já pensar deriva do latim *pensare* que quer dizer “pensar, refletir[...]. Trazendo para a Geografia podemos dizer que o conhecimento refere-se à produção intelectual dos geógrafos em suas mais diferentes investigações, na busca de realizar uma leitura da realidade objetiva.[...] o pensamento é decorrente do trabalho epistemológico de discussão e reflexão daquilo que é acumulado pelas leituras da realidade[...](SPOSITO, 2004, p.14 e 15).

Se, o pensamento, com base nas verdades prontas e fechadas, entranhadas no seio da sociedade ocidental não for rompido, corremos o risco, quem sabe de não descobrir novas respostas que possibilitem a verdadeira evolução humana, teremos então dificuldades de compreendermos o papel de investigadores, de formuladores, aí reside o desafio.

O caminho que nos levou à ciência dura, não relacional, ao que nos parece produziu um Sujeito de visão curta, linear, sem possuir um alcance tridimensional, daí, talvez a grande dificuldade de entendermos, dentro da escola atual, o Sujeito estudante tridimensional que fala, pensa se organiza e se desorganiza com uma velocidade gigantesca, e, ao mesmo tempo demonstra fragilidades e necessidades. Sobretudo de reequilíbrio, dentro deste desequilíbrio constante que o afasta de outras possibilidades e perspectivas (que os aproxima das drogas, da marginalização excludente) e vai o afastando cada vez mais da escola e do conhecimento.

Ao olharmos os nossos Sujeitos jovens nas escolas, principalmente se eles forem moradores da periferia de nossas grandes cidades, como Porto Alegre, por exemplo, perceberemos que seu aprendizado pode se tornar ainda mais difícil por estar à escola muito longe de uma realidade questionadora! Quase tudo está pronto e respondido.

As verdades sobre o mundo, sobre a Geografia, sobre os diferentes fenômenos físicos, políticos, sociais ou até mesmo sobre a afetividade, amores, desejos e anseios estão ali já respondidos no manual fornecido pelos livros didáticos pela maneira enfadonha e repetitiva que recebem as informações! Conforme Tonini (2011):

Em todas as partes do mundo, milhões de estudantes, todos os dias, nas mais diversas sociedades, entram em sala de aula com livros didáticos, desde a institucionalização da escola, pelo menos à séculos. Mesmo diante de tempos e espaços escolares tão diferenciados e distantes, a força deste artefato sobrevive a políticas díspares, culturas diferentes e espaços virtuais.[...]. O livro didático é um dos recursos de aprendizagem mais universal de todos na cultura escolar” (Idem, p.145).

A *rap* pode, quem sabe, ser uma destas ferramentas novas que possibilitem didaticamente aos Sujeitos estudantes e aos Sujeitos professores uma nova visão, mais aberta, que lhes facilitem vislumbrar novos horizontes educacionais, não como

um fim em si, pois o *hip hop*, embora surja como uma ferramenta diferenciada, e provisoriamente inovadora, não se encerra como mais uma verdade, e pronto! Talvez possibilite ao Sujeito estudante e a escola uma construção mais arejada e promissora em sua multidimensional lateralidade!

Passemos então a desvendar alguns conceitos que servirão como suportes teóricos para nossa pesquisa.

### **3.1 O ESPAÇO GEOGRÁFICO - LOOPING NA ÁREA (“É A NOSSA FITA...”):**

A questão do espaço geográfico é um conceito fundamental e central para a Geografia, por tratar-se de seu objeto principal.

A partir dele podemos estabelecer uma série de possíveis entendimentos conceituais que estarão submetidos a este espaço geográfico, em suas variadas dimensões. Milton Santos enfatiza que o espaço geográfico é constituído de um conjunto de sistemas de objetos em movimento, em ação. O espaço, para Santos:

É formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e ações não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (SANTOS, 2004, p. 63).

Ao olharmos uma comunidade na periferia, podemos distinguir que os sujeitos que ali vivem possuem uma infinidade de relações sociais, e estas relações são fundamentais para sua própria sobrevivência, pois é neste lugar que acontece a dinâmica da ocupação espaço/temporal de que são protagonistas.

Os moradores, portanto, integram intermediações sócio espaciais a partir das ações e ligações que ultrapassam as fronteiras indissociáveis desta comunidade, e quiçá do mundo, uma vez que circulam pelo complexo espaço urbano em seus fazeres, em suas atividades de trabalho, em suas possíveis horas de lazer, de busca dos serviços que ali, neste lugar não as encontram.

Nesta caminhada é provável que sintam a segregação sócio espacial, tão visível, em países capitalistas de economia periférica (CARRIL, 2006), como ocorre no Brasil, verificado na medida em que, muitas áreas da periferia, em qualquer

grande cidade, foram praticamente ocupadas irregularmente, pois possivelmente sofreram uma espécie de empurramento de certos bairros mais nobres e de classe média, para o entorno da cidade. Neste lugar constroem suas 'comunidades' cristalizadas através do conjunto de ações, de iniciativas voluntárias próprias e solidárias, no sentido de 'organizar' a desordem que foi constituída por suas necessidades, por exemplo, ao abrir um beco para interligarem seus caminhos, ao puxarem um 'gato' de luz para adquirirem energia elétrica.

Na medida em que a realidade se impõe sobre as suas necessidades, os moradores das áreas periféricas transformam o espaço que antes possivelmente estava reservado para algum tipo de especulação imobiliária ou imobilizado pelo poder público. Através de suas 'técnicas', a partir de seu saber empírico, vão dando, um contorno de ressignificação, de mudança de valor para este espaço já em possível transformação de uso. E ali, as famílias vão se construindo enquanto Sujeitos que parecem se lugarizar, constituindo sua história, recebendo as novas gerações que passam a exercer as contradições expressas neste espaço as quais se refere Milton Santos (2004).

As contradições perpassam não somente pelas necessidades básicas que são fundamentais em termos de estrutura mínima, já mencionada anteriormente, como saneamento, escola, posto de saúde, segurança, etc.

Os desejos para adquirirem produtos da moda como tênis de marca, roupas de grife, o celular de última geração permeiam as vontades dos moradores. Especialmente dos Sujeitos jovens que, muitas vezes impedidos de adquirir tais produtos, fabricados pelas técnicas e artificializados pelo desejo impulsivo e midiático de consumo, acabam seduzidos pelo caminho mais fácil de satisfação das 'suas necessidades', de sujeitos consumidores.

O crime organizado, através do controle da venda e distribuição das drogas, de diferentes espécies, encontram nestes desejos juvenis um aliado fundamental de persuasão: armas, poder e sedução para a aquisição de produtos da moda, através do ganho 'fácil' de dinheiro, são ingredientes que atraem os jovens mais vulneráveis. E, a partir deste processo, redirecionam suas caminhadas, muitas vezes utilizando a própria escola como controle espacial de 'seus negócios'.

O espaço, enquanto um conceito que ultrapassa o olhar meramente objetivo e prático limitado pelos fixos temporais ali presentes, poderão ser vistos também, através da subjetividade presente nas ações e intencionalidades de seus sujeitos,

servindo possivelmente, como um parâmetro para a compreensão de como estes fluxos permeiam os sistemas de objetos e sistemas de ações indissociáveis. Ligados, logicamente, a vida da periferia, em especial dos jovens que ali interagem. Afastados, em muitos casos das forças produtivas que movimentam os fixos e os fluxos econômicos do espaço urbano, os jovens por sua vez, perdem a perspectiva, de quem sabe, encontrar outro caminho que não o de mergulhar no denominado mudo da contravenção.

A sugestão oferecida pela *'pegada'* do crime, especialmente envolvendo o tráfico, sugere um caminho de atalho pelo viés mais fácil e sedutor aos Sujeitos jovens. Como consequência provavelmente serão levados à rotina de violência, de controle e de *'poder'* espacializado por novas relações que fluem, a partir da manipulação dos traficantes, através do comércio e distribuição de drogas.

O *hip hop* passaria então a um possível contraponto nesta disputa espaço/territorial também como um provável sedutor, disputando, talvez, com o narcotráfico as mentes jovens da periferia. Podemos perceber, mesmo ainda provisoriamente, que o espaço enquanto um sistema complexo de relações, de ações e de subjetivações está em disputa na periferia, assim como em outras escalas de poder.

Ao "produzir sua existência a sociedade reproduz, continuamente, o espaço" (CARLOS, 2001, p.11), no caso dos Sujeitos jovens que produzem suas experiências, portanto produzindo e reproduzindo plenamente seu viver, a partir do conjunto de seus sistemas de ações, os fazem como uma espécie de enfrentamento à sedução para o caminho da violência, ultrapassando as fronteiras de sua comunidade, ganhando corpo e adeptos para além dos *'muros invisíveis'* da favela, perpassando por sistemas de comunicação comunitárias, ganhando espaços em rádios FM e consolidando-se, a partir da mídia televisiva, como podemos citar o Programa *Hip Hop* Sul produzido pela TV Educativa do Rio Grande do Sul<sup>17</sup>.

Ainda marginalizado, embora venha conquistando gradativamente terrenos mais amplos na seara cultural contemporânea, o *hip hop* caminha em busca de uma autonomia e identidade própria que lhe possibilite uma força maior. Não somente enquanto mais um seguimento cultural da moda, mas, sobretudo como agente

---

<sup>17</sup> O programa Hip Hop Sul da TVE foi substituído em 2012 por outro denominado "Cultura de Rua", mantendo o mesmo gênero, apresentado entre outros por um dos entrevistados desta pesquisa, o rapper White Jay.

interativo da vez e da voz, do espaço da periferia, dedicando cada vez mais, ao que nos parece, momentos de reflexão a partir de suas vivências, de suas experiências, possivelmente; e, quem sabe, a partir desta resignificação do espaço territorial em que vive, possa atrair outros jovens para a busca de conhecimento, possibilitando à escola que interaja neste processo, levando os Sujeitos professores/educadores a refletir, conjuntamente com os Sujeitos estudantes o novo e provável papel de uma educação diferenciada, proativa, desacomodada de suas enfadonhas práticas cotidianas.

### **3.2 O ESPAÇO ESCOLA - LÁPIS NO CHÃO QUEBRA POR DENTRO (“O ESTUDO É A CURA...”):**

As escolas poraqui tem mais grades que livros, ensinam que a Terra é azul. Que isso mano? Aqui no fundão onde nós vêve o chão ainda é vermelho (TONI C, 2009, p.15).

Se o espaço é um conjunto indissociável de sistemas e objetos e ações, de acordo com Santos (1996), também o é perfeitamente complexo de subespaços, de nuances que muitas vezes passam despercebidos. Não somente pelos Sujeitos professores, em especial os de Geografia, mas que de uma forma mais abrangente precisam ser estudados. Não como algo surreal, distante, ao contrário, é preciso desnaturalizar estes espaços, e desacomodá-los, questioná-los, perturbá-los, percebendo suas diferenças, suas particularidades, suas múltiplas especialidades objetivas e subjetivas que ali se manifestam, independentes de nossa vontade! Callai (2000) argumenta:

O espaço construído resulta da história das pessoas dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem e como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. Isto resgata a questão da identidade e a dimensão do pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busquem conhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativo seu estudo. (CALLAI, 2000, p.84).

O Espaço Geográfico onde as experiências do vivido acontecem é na escola, onde o cotidiano dos sujeitos se manifesta em diferentes escalas, afinal vivemos no mesmo planeta, no mesmo continente, no mesmo país, na mesma cidade, no mesmo bairro que nos lugariza (ou não)!

O ensino da Geografia, no espaço escolar, nos coloca diante de muitas realidades, dinâmicas, voláteis. E estas realidades em muitos casos choca-se com o cotidiano de um sujeito de diferentes gerações passadas, especialmente por tratar-se, como é o caso da escola pública, de uma clientela de baixa renda, em sua maioria moradora dos espaços periféricos da cidade. Logo, ao nos depararmos com uma pesquisa ligada a este espaço geográfico específico e seus atores ligados à cultura periférica, somos levados a uma reflexão sobre os conflitos a respeito do ensino da Geografia não são um tema novo, portanto integra nosso fazer geográfico cotidianamente. Por isso mesmo, questionamos se somos realmente capazes de compreendermos as dificuldades de aprendizagem dos sujeitos estudantes que povoam o atual espaço geográfico escolar? Será que temos capacidade de apontarmos pistas que nos deem conta das defasagens intelectuais tão acaloradamente debatidas nos conselhos de classe ou em reuniões pedagógicas nas escolas?

Historicamente estas inquietações movimentam diferentes teses, visões estratégicas de como superar tais conflitos, e por certo muitas ainda virão. Mas umas das percepções sentidas, a partir dos diferentes diálogos entre os sujeitos professores ligados à Geografia é que a carga de informações que chega à escola, a partir de uma nova dinâmica social vivenciada, no estágio atual da humanidade é repleta de banalidades e futilidades ligadas ao processo do consumo. Tais informações não conseguem transformar-se em conhecimento efetivo e, em muitos casos, o próprio professor, na ânsia de transmitir o 'seu' conhecimento acumulado em 'sua' trajetória de vida não consegue estabelecer a ligação entre as infinitas informações dispersas e fragmentadas que chegam, com o conhecimento 'do' sujeito estudante que as recebe nesta instantaneidade, por diferentes meios.

Paulo Freire (1996) nos argumenta que o professor deve ser aberto a indagações, a curiosidades, a perguntas, construindo possibilidades do estudante de estabelecer os nexos das coisas, do cotidiano, sem inibições, portanto, sendo um sujeito (professor) que canalize as inquietudes e curiosidades para o ato da aprendizagem, não apenas como um mero reproduzidor do conhecimento. Nas correrias frenéticas corriqueiras, nas dinâmicas internas da escola, atendendo turmas com trinta, trinta e cinco alunos, por exemplo, estas reflexões passam despercebidas e o sujeito professor perde a oportunidade de aproveitar a informação dinâmica que temos hoje, para colar ao conhecimento sobre os mais variados temas

que a Geografia oferece, para torná-la inclusive mais atrativa. Evidentemente que este descompasso afasta o sujeito estudante não somente do interesse pelos principais objetos da Geografia (e não somente dela), mas do necessário conhecimento, que é uma das ferramentas de poder de uma sociedade.

O ato de ensinar Geografia, portanto, não deve servir como um mero instrumento reprodutor de ideias sem dinamizá-las, sem questioná-las, sem a construção de objetivos definidos, deve servir como uma ferramenta capaz de despertar desconfortos diante da realidade, de dentro e de fora do espaço geográfico escola. A este respeito, Castrogiovanni (2007) argumenta que:

muitos acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos (Castrogiovanni, 2007, p.42).

O poder ligado ao conhecimento, portanto é uma ferramenta chave para que possamos reposicionar o debate a cerca do papel que o ensino desempenha no espaço escolar, visto que o espaço geográfico escola atual é um imenso caldeirão que fervilha, pois é constituída de Sujeitos de diferentes culturas, com diferentes tarefas que vão desde a senhora da merenda, passando por funcionários da secretaria e também o corpo docente, mergulhados muitas vezes na rotina, nas infinitas queixas corporativas, razoáveis ou não, como as salariais, por exemplo.

No entanto, o tempero mais precioso, que dá sabor a este “caldo” e somente ele pode engrossá-lo são os Sujeitos estudantes. Parece ser uma obviedade, mas sem eles a escola não existiria. Esses Sujeitos estudantes acumulam vivências boas ou ruins, se relacionam com um mundo a partir de uma superdescarga de informações que lhes tornam sujeitos diferentes de seus pais, de seus avôs, e, portanto diferentes do Sujeito professor.

A Complexidade em que se apresenta o processo do ensino-aprendizagem, no momento, nos permite compreender que, mesmo neste espaço vivo e rico de histórias de vida, de relações múltiplas, as verdades não são definitivas, portanto o processo escolar necessita estabelecer novas formas de interações curriculares

para dar conta, cada vez mais das incertezas que surgem, como nos aponta Castrogiovanni (2011):

A troca de informações, o desafio na reflexão e no emprego de diferentes posturas teóricas e metodológicas, o uso de novas tecnologias, a necessidade do trabalho de equipe para buscar a tão almejada interdisciplinaridade são atitudes fundamentais, propagadas já há algum tempo, mas que devem continuar fazendo parte dos nossos propósitos interacionistas. (CASTROGIOVANNI, 2011, p.170).

Estas interações (CASTROGIOVANNI, 2011) necessitam de um currículo integrativo, portando interagindo vivamente com os sujeitos que atuam neste espaço, a fim de responder, mesmo que provisoriamente as dúvidas epistemológicas diversas que, por curiosidade, possam surgir no Espaço Geográfico Escola. Percebe-se, com certa nitidez, uma distância entre os Sujeitos professores, atores do fazer cotidiano do espaço escola, possivelmente mediadores apenas de diferentes conflitos.

A maioria dos Sujeitos estudantes talvez sintam-se distantes em seu próprio território. Apesar se serem “cidadãos do mundo”, são ao mesmo tempo cidadãos que provavelmente não se sintam deste mundo. É como se fossem apenas sujeitos de passagem, percebendo que a escola é apenas um ponto de encontro, conforme Castrogiovanni (2004). A possível efemeridade dos Sujeitos estudantes vai tornando-se evidente, sem que a eles seja possibilitado abrir cortinas para assistirem diferentes espetáculos que não o de suas vivências escolares rotineiras.

Fica a pergunta: será que o papel do Sujeito professor é o de apenas apaziguar conflitos deixando as crianças mais passivas e dóceis? O saber conteudista/moderno ou complexo, do mundo, das coisas, dos fenômenos, do que for, caberia apenas aos filhos das elites dominantes, estudantes das escolas de excelência como as privadas e as militares? Será que os filhos dos trabalhadores, das escolas públicas da vila estão fadados à ignorância e desconhecimento? Os retornos a essas dúvidas, por certo possuem, dependendo de quem as interpreta, respostas muito diferentes. O fundamental é que elas não se reduzam a frases e palavras de efeito, sem questionamentos mais aprofundados do papel e responsabilidade ética que o ato de ensinar nos proporciona. Cavalcanti (2011) nos alerta para o fato de que:

A diversidade e a complexidade no ato de ensinar são muito grandes, como de resto o são as demais atividades profissionais que requisitam a relação direta com pessoas [...]. A compreensão da complexidade do ato de ensinar deve ser tarefa constante dos professores, e deve ser feita, evidentemente, de variadas maneiras, observando-se com sensibilidade e discernimento, a realidade escolar (CAVALVANTI, 2011, p.79).

Ao que nos parece, saber ler e interpretar o mundo complexo constitui um dos processos do ensino aprendizagem que necessitam ser melhores entendidos pelos Sujeitos professores, para que auxiliemos nossa juventude, nossos educandos para um discernimento da realidade que hoje é muito virtual/informacional, levando a ser mais interpretativa, menos imediatista. Tonini (2011) ao refletir, em seus estudos monualísticos<sup>18</sup> sobre o que considera como *movimentos de textualidades* nos argumenta que:

O texto não é lido apenas no papel. Ele está também onipresente em uma miríade de suportes suspensos e em uma diversidade de aparelhos tecnológicos, móveis e de comunicação. Isso faz com que, para a compreensão do mundo, hoje, exijam-se alterações nas formas de aprender, nas maneiras de ensinar (TONINI, 2011, p.152).

Portanto é importante saber ler, isto nos remete a interpretação, não apenas traduzindo símbolos lineares e sem contextualizações com a vida, mas atribuindo-lhes significado, fazendo com que o Sujeito estudante, a partir deste espaço geográfico recriem totalidades (COSTELLA, 2011), juntando as partes numa unicidade, dando coerência ao diverso íntegro e contraditório, mantendo sua especificidade conforme os argumentos de Maffesoli (2003) ao que também nos remete a Morin (2000). Sensibilidade para o ato de ensinar também possibilita aprendizagens a partir do olhar do outro, pois a vida é constituída pela mistura, pela diferença (MAFFESOLI, 2003). A escola atual não precisa ser reinventada, muito embora ocorram momentos de conflitos em que o diálogo sirva como um vetor a apontar novas perspectivas para o ato de ensinar, especialmente onde se vive estas contradições, ou seja, no lugar do vivido.

---

<sup>18</sup> Campo investigativo que tem como foco temático o estudo do livro didático (TONINI, 2011).

### 3.3 O LUGAR – NOSSA QUEBRADA (“CORRERIA NA QUEBRADA...”):

Para Milton Santos (1997) o lugar passa a expressar as relações objetivas e subjetivas a partir de uma visão hegemônica estabelecida pela verticalidade, ou seja, pelo poder vigente justaposto sobre as relações horizontais em diferentes dimensões de ações e conflitos, de ordem e desordem, poderíamos complementar, na concepção de Morin(2000). Conforme Massey (2008) “é o lugar que nos fornece um porto seguro onde podemos nos refugiar (p.103)”, portanto é o *lócus* que nos remete a idéia da existência de um mundo de ações indissociáveis dentro de um espaço particular, real, objetivo e ao mesmo tempo comprimido por inúmeras subjetivações dos sujeitos que ali se relacionam. O lugar encerra múltiplas dimensões da experiência do vivido, e construído a partir da história dos seus sujeitos. Com relação a este conceito, afirma Hall (2006):

O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas [...].Os lugares permanecem fixos; é neles que temos “raízes”.(Idem, p.72).

Neste caso, o vínculo do sujeito com o local onde mantém suas raízes nos remete a compreender “o lugar através de sua necessidade existencial, a partir de sua localização, posição, mobilidade, interação com os objetos e/ou com as pessoas” (SUERTAGARAY, 2000, p.26). Podemos provisoriamente perceber este vínculo nos Sujeitos, praticantes da cultura *hip hop* que atuam no lugar, na vila, onde as ações efetivamente ocorrem, trazendo consigo o sentimento de afetividade como é expresso por Yu-Fu Tuan (1997) em seu conceito topofílico. Milton Santos (1997) ainda afirma que:

No lugar, no nosso próximo, se superpõe, dialeticamente, ao eixo das sucessões que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, alcançando definitivamente, as noções e a realidade de espaço e tempo (SANTOS, 1997, p. 101).

Portanto, entender a escala local, a partir da concepção geográfica do lugar onde as ações do vivido, do compartilhado, do conflitivo se estabelecem é resgatar

as experiências cotidianas dos atores sociais que ali se relacionam, incluindo seus sucessos e fracassos, suas glórias e decepções, seus desejos e frustrações.

É neste lugar que as manifestações verticais impostas pelo mundo globalizado irão se interpolar em uma rede de relações horizontais, a partir da prática e dos 'modelos' exportados como se pode observar através da cultura, por exemplo. A música e seus mais variados gêneros, suspeitamos, portanto, é um exemplo simples disso.

O *hip hop* e seus adeptos constituem-se em seus lugares de moradia enquanto grupos sociais que buscam ao que parece, distinção através de sua prática diferenciada, a partir de seu reconhecimento enquanto sujeitos não apenas passivos (MOSCOVICI, 2010, p.45) diante das adversidades inerentes ao seu cotidiano. A posse é a organização coletiva formada pelos jovens praticantes da cultura *hip hop* que possuem ações e interesses comuns. Essas organizações ou grupos compartilham vivências e experiências na busca do reconhecimento da cultura *rapper* e denúncia, possivelmente, das desigualdades sociais, do racismo e violências sofridos nas periferias, portanto a posse assume uma grande dimensão, que passa a significar aparentemente uma espécie de demarcação histórica e geográfica do lugar.

Histórica porque seus articuladores a materializam a partir de uma história comum de vida, mas que variam de acordo com a constituição cotidiana de seu fazer cultural individual, transmitidos normalmente pela história familiar, pela ancestralidade.

Geográfica porque a partir desta história comum que os unem em grupos (posses), demarcam seu território através de inúmeras iniciativas. Não somente através da cultura, buscando espacialmente delimitar suas ações em função de possíveis reivindicações pontuais como espaço de lazer, esporte, etc. As posses, ao que parece nos dão a real dimensão do fazer cotidiano cultural do *hip hop*, através dos ativistas DJ's e MC's, grafiteiros ou *B.boys* que militam nesta arte.

As demarcações das ações culturais, materializadas pelas posses servem, provavelmente para unir seguimentos juvenis que espacialmente vivam juntos, mas que estão separados. Normalmente os bairros periféricos, como todo espaço complexo, possuem contradições em sua estrutura espacial. Nem todo o jovem *rapper* é igual, e não necessariamente formam uma confraria de amigos. O ponto de

convergência, suspeitamos, decorre quem sabe, a partir dos relatos e denúncias das condições soioespaciais em que vivem.

Assim, a periferia é o lugar que delimita interna e externamente o ambiente dos excluídos do emprego, do dinheiro, do lazer, do consumo e que, muito provavelmente vá culminar em espaço marcado pelo estigma da violência e abandono. Não necessariamente constituindo-se no porto seguro aos quais os ‘*manos e minas*’ se refugiam, conforme Massey (2000), pois a realidade da favela tecida nas letras de *rap* é possivelmente muito dura.

### **3.4 O TERRITÓRIO - A PERIFA É A NAÇÃO “PODICRÊ, A PEGADA É NOSSA...”**

Os tencionamentos reproduzidos na vida, traduzidos nas múltiplas relações entre os sujeitos, nos remetem à ideia de Santos (1996) em que atribui ao território uma espacialidade dinâmica. Lugar onde ocorrem os sistemas de ações, portanto refere-se a um extrato espacial que é usado, e se é usado possui uma história que interliga as relações entre os sujeitos que nele habitam diferente da concepção geopolítica e de sua ênfase na estruturação científica da integração territorial.

Haesbaert (2007) salienta que é necessário compreendermos os diferentes conceitos relacionados ao território a partir da história conceitual e filosófica de seus inúmeros interpretes, no entanto aos que buscam a visão integradora da concepção territorial, aponta que:

O território só pode ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais ( e da sociedade com a própria natureza).[...] Hoje poderíamos afirmar , a “experiência integrada” do espaço( mas nunca “total” como na antiga conjugação íntima entre espaço econômico, político e cultural num espaço contínuo e relativamente bem delimitado) é possível se estivermos articulados (em rede) através de múltiplas escalas, que muitas vezes se estendem do local ao global. Não há território sem uma estruturação em rede que conecte diferentes pontos ou áreas. (Idem, p.74-79).

De acordo com Carril (2006) “é no território que se encontram todos os personagens ou os atores hegemônicos e não hegemônicos em luta, a cada período histórico”(2006, p.64). Percebe-se, portanto que a força hegemônica de determinados atores dissolve-se na medida em que novos personagens ocupam

diferentes interesses, este espaço dinâmico, a partir de diferentes formas de interligações, as redes a que Haesbaert se refere, ou seja, novas territorializações. Estaria, portanto, conforme acentua este autor, o território identificado pelas novas formas em movimento (HAESBAERT, 2007, p.279).

Vários são os conceitos que permeiam a fazer geográfico a partir desta concepção de território. No entanto, a partir da leitura complexa deste conceito é possível fugir de uma possível homogeneidade conceitual em que atribui ao território o poder rígido e materializado apenas pela superestrutura do Estado.

O que podemos perceber, mesmo que provisoriamente, é que em muitos casos os seguimentos menos favorecidos da sociedade se apropriam e agregam diferentes valores ao uso do território, como percebemos nas forças marginalizadas das favelas brasileiras, constituídas pelos agentes do tráfico e narcotráfico, por exemplo. Os próprios sujeitos *rappers*, a partir de suas ações culturais delimitam o espaço territorial de sua utilização, portanto aferindo-lhes um caráter de uso, como reporta-nos Milton Santos (1996), independentemente da presença das forças do Estado ou leis que regem suas ações.

Os moradores das vilas, das favelas, por exemplo, ao ocuparem um território buscam atribuir outro sentido para este lugar, a partir de um sentimento solidário em busca de sua autoestima e sobrevivência. Aliás, uma marca muito presente nestas relações entre os jovens da periferia que, ao se agruparem em diferentes tribos, entre elas, os grupos de *hip hop*, ultrapassam as fronteiras tênues da visão individualista e fragmentária incentivada pelo Estado capitalista, na atualidade, permitindo, com isto construir, possivelmente uma nova tecitura do lugar, do território onde vivem, na busca da remodelagem da paisagem urbana em seu cotidiano.

### **3.5 A PAISAGEM - SPREY NO MURO DO MUNDO “NÓIS NA FITA...”:**

O cotidiano do Sujeito e do conjunto de sistemas de ações que perpassam o seu fazer somente é objetivado através da percepção mensurável de um referido lugar, de um ambiente. Santos (1996) define paisagem como sendo:

O conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas à porção da

configuração territorial que é possível abarcar com a visão [...] a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal (SANTOS, 1996; 83).

A paisagem, embora visivelmente mensurável passa a conter atributos simbólicos a partir da interação de seus agentes. Um grafite ornamentando um muro, um prédio antigo com sua imponente fachada, podem servir como exemplos destas diferentes significações subjetivas por representar a cultura marcada como cicatrizes, registros de um passado ou presente que demarcam uma determinada área, ou seja, as denominadas rugosidades conceituadas por Milton Santos (1996) aí se expressam.

Na chamada periferia das grandes cidades, é muito perceptível também o contorno no espaço da ordem/desordem estabelecida pela distribuição dos prédios, muitos visualizados de longe, como um quadro destituído de vida, de dinamicidade. No entanto, ao transitarmos entre as ruelas e becos nos bairros pobres das grandes cidades observamos um mosaico multicolor de vidas, seja através da variedade de barracos completamente despadronizados (cada Sujeito morador estabelece seu padrão de construção partindo de suas possibilidades financeiras e de sua concepção arquitetônica), uns são maiores, outros muito pequenos, uns de tábuas e restos de materiais improvisados, outros de alvenaria.

Nos postes, ao longo destes caminhos, que também são improvisados e abertos como atalhos para as vias de maior circulação, o emaranhado de fios se entrecruzam formando uma rede infinita de ligações (muitas clandestinas) e sinalizam que a tomada dos serviços que deveriam ser comuns a todos é taticamente apropriada pelos moradores.

Não raro, é percebida uma grande quantidade de lixo por entre as ruas e terrenos abandonados, pois muitos destes moradores sobrevivem da coleta de materiais para reciclagem e se desfazem do despojo que o capitalismo produz ali mesmo, sem preocupação com os possíveis danos que possam ocorrer, a partir das chuvas, da proliferação de insetos e ratos, por exemplo. Santos (2006) nos argumenta que a natureza, ao se transformar a partir da técnica utilizada pelo homem pode se constituir na base material que interliga essa mediação entre a natureza e as pessoas.

A técnica, empregada pelos Sujeitos da periferia em muito se diferenciam da técnica que sugeriria uma condição de vida adequada a partir da utilização dos bens

materiais e dos meios de produção para sua sobrevivência. Assim, ao transformar a paisagem urbana, a tecnicidade utilizada pelos sujeitos, que ali residem, em muitos casos, se comparam ao período mais primitivo do desenvolvimento da humanidade, registrado nas subcondições que levam pessoas, desprovidas de praticamente tudo, a traçarem estratégias de sobrevivência muito inimagináveis para os padrões da dita 'civildade' atual, em pleno século XXI.

A paisagem que configura o espaço urbano possibilitaria outro estudo específico para buscar provisórias respostas para este contraste histórico e contraditório. Onde em um mesmo território diferenças perceptíveis, mesmo aos olhares menos atentos revelam uma situação em que, lado a lado, se constituem mansões que valem fortunas, construídas num quarteirão inteiro (para abrigar uma família de reduzido número de habitantes), enquanto nesta mesma proporção espacial, possivelmente vivam centenas de pessoas, amontoadas em dúzias de pequenos barracos.

Um detalhe interessante ao observarmos na paisagem das cidades, como é o caso de Porto Alegre, precisamente na periferia, é que aos poucos o distanciamento que existia de condomínios fechados, onde vive a classe média alta, providos de infraestrutura, de acesso fácil aos locais de consumo e lazer, de segurança privada estão ao que nos parece, cada vez mais, próximos. O contraste entre o luxo e a pobreza é visível, com isto aumentando as segregações a partir de símbolos reais entre as mansões versus barracos que marcam a paisagem dos lugares, onde há uma nítida divisão territorial entre estes moradores.

Esta situação nos faz refletir sobre a teoria do espaço vital identificada nas ideias de Ratzel. A luta pelo espaço territorial ao que nos parece, torna-se aí uma luta vital pela sobrevivência, e, nesta aparente 'paz' observada a partir de uma paisagem imóvel, sobretudo ignorada pelo o olhar do Estado, os conflitos e estranhezas se estabelecem, transformando a paisagem ainda mais Complexa e desfigurada, e, nesta paisagem se sobressai à pobreza, vulgarizada e estigmatizada como "restos da sociedade". O estudioso Hall (1995) em *Cidades do Amanhã* demonstra o tipo de tratamento em que as pessoas da periferia eram/são tratados:

Os pobres eram geralmente retratados como grosseiros, animais, bêbados e imorais; a negligência e a complacência de anos e anos haviam feito com que eles se tornassem uma ameaça à civilização. (Idem, p.27).

Os praticantes da cultura *rapper*, integrantes desta paisagem complexa, em muitas situações recebem este tratamento e são perturbados, e desequilibrados, diante desta realidade, buscam reagir a partir de ações, possivelmente, tentando constituírem-se enquanto Sujeitos através da manifestação cultural, sobressaindo-se na cena, denunciando, quem sabe, o inconformismo que se abate sobre eles.

As paisagens das cidades, nos grandes centros urbanos, provavelmente necessitam ser vistas a partir de sua multiplicidade de contrastes, pois esta paisagem é complexa demais para percebê-la estática, imóvel, dissociada da ação e reação do conjunto da população que nela habita. Santos (2009) argumenta que a cidade, como materialidade deve ser colocada na frente da cena. Porque ela se impõe aos demais figurantes como uma estrutura de enquadramento, ou seja, vista a partir de um processo dinâmico, sem a qual a vida que nela existe não poderia ser entendida. A cidade, portanto, e suas diferentes espacialidades buscam reconstruir-se enquanto uma paisagem que marca sua fisionomia, construindo e reconstruindo entre os sujeitos estas disputas pelo espaço, pelo território, pela afirmação cultural e singularidades identitárias próprias.

### **3.6 A CULTURA E IDENTIDADE- *CORRE NA QUEBRADA “CORRERIA ATÉ O CONCRETO RACHAR”...***

Podemos dizer que cultura é resultante de inúmeras experiências históricas construídas e reconstruídas por gerações que deixaram registradas material e espiritualmente a partir de suas crenças, de suas necessidades de trabalho, envolvendo as diversas experiências de grupos, estabelecendo relações sociais distintas, definindo comportamentos “normas, leis políticas, econômicas e sociais, refletindo no modo de agir, de falar, de vestir, de se alimentar” (OLIVEN, 1990). O antropólogo Laraia, já na década de 1970 argumentava que a:

Cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Estes homens, dependendo do ponto de vista e da história que os caracterizam podem enxergar os fenômenos de acordo com a lente que lhe possibilitam o foco de seu acúmulo de vivência e conhecimento (LARAIA, 1972, p.105).

Segundo nos argumenta este autor, a natureza, o espaço geográfico no olhar de um matemático será diferente da ótica de um biólogo, que por sua vez será diferente da compreensão de um índio da Amazônia e que, conseqüentemente, terá uma visão diferenciada de um sujeito economicamente abastado, onde as condições materiais favorecem a sua territorialização e que provavelmente não seja a mesma percepção da espacialidade de um sujeito da periferia.

Ainda, de acordo com Laraia (1972) “este acúmulo produzido pela sociedade, em face das transformações através da história”, está situado num cenário de grandes dúvidas e incertezas e estão em constantes mudanças e que esta dinâmica é importante para atenuar, ou não, os choques culturais geracionais, evitando, ou não, comportamentos preconceituosos.

Para Sauer (2000):

A Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas[...] os fatos das áreas culturais devem ser explicadas por qualquer causa que tenha contribuído para criá-las e nenhum tipo de causalidade tem propriedade sobre outro[...] a área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da superfície terrestre, o conjunto cultural que registra na medida integral do uso do homem na superfície (SAUER, 2000, p.106).

A expressão característica, de que fala Sauer (2000), se insere num contexto onde a cultura *rapper* constitui um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas? É possível perceber que atualmente a Geografia Cultural dá conta desta explicação? Ou não? São questionamentos que momentaneamente evocamos, em busca de respostas provisórias.

A Geografia Cultural, distingue, descreve, identifica e complexifica os tipos de aspectos ambientais, incluindo aqueles construídos pelo homem (WAGNER, MIKESSEL, 2000, p.112). Ao estabelecermos um diálogo com o conceito referido anteriormente pelo antropólogo Laraia, podemos ampliar sua contribuição para o espectro coletivo, sintetizado por Wagner e Mikessel, a partir do que entendem como a melhor introdução cultural, referindo-se a Alfred L. Kroeber e Clyde Kenckhohn em “*Culture: a Critical Rewiw of Concepts and Definitions*”, reforçando o argumento de que:

A noção de cultura considera não os indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de numerosas características de crenças e comportamentos comuns aos membros de tais comunidades. Em outras palavras, o conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam (WAGNER, MIKESSEL, 2000, p.113).

Ao continuarem neste raciocínio, complementam o argumento acima considerando que a cultura parece resultar da capacidade dos sujeitos se comunicarem entre si por meio de signos. Os signos justificariam, para eles, a comunicação dos praticantes da cultura, como poderemos observar nos adeptos da cultura *hip hop*.

Contribuindo com estas afirmações, Carril (2006), afirma que o *rap* é também uma linguagem, ou seja, um signo, materializados pelas necessidades dos Sujeitos. Para tanto, argumenta que:

A cultura é uma condição de produção e reprodução da sociedade, diversificada pelas vivências no tempo e no espaço. Mas, enquanto ela é dada pela materialidade da vida e suas transformações em símbolos, que é o que diferencia os homens dos animais; as formas diversas de adaptação às condições ambientais são respostas que não se inserem no ser biológico, mas na cultura criada (CARRIL, 2006, p.180).

Ao analisarmos as posses, primeira iniciativa de dar vazão à necessidade individual dos praticantes de *hip hop* em se agruparem a partir das suas **identidades** e necessidades, nos reportamos a uma análise que encerra ainda muita dúvida quanto à identificação do grupo. Nos bairros pobres periféricos das grandes cidades, onde a maioria dos jovens perambulam pelas ruas sem emprego, a busca de identidade se manifesta pela constituição de grupos que ao se formarem constroem fortemente sua territorialidade e por vezes se confrontam ferozmente para defender as áreas que dominam (CLAVAL,1999), através de elementos e vontades que se identificam por interesses comuns.

De acordo com Wagner e Mikessel (2000) quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntos, aprendem dos mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os

mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem os mesmos **significados** aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado (ou não!). Este parece ser um dos principais motivos que levam os Sujeitos jovens da periferia, a se agruparem em torno de objetivos comuns. A cultura, neste caso, serviria então como o elo comum de ligação? Ou não? Na cena *hip hop*, a imagem parece ser formadora de um dos elementos desta cultura – o grafite. Neste caso ele exprime/imprime nas paredes, nos locais onde são trabalhados muito do conhecimento adquirido no cotidiano, na luta diária pela sobrevivência!

A identidade destes praticantes fica aí exposta, possivelmente como digitais de seu tempo e de suas vivências, são marcas tão profundas que parecem perturbar a 'ordem vigente'. Tanto, que o Viaduto da João Pessoa, que corta a Av. Perimetral em Porto Alegre foi todo azulejado. Antes havia ali um painel confeccionado pelos jovens do grupo de Sujeito *rapper* integrantes desta pesquisa, percebíamos ali uma possível politização, pois através das imagens os '*manos*' comunicavam sobre violência contra os jovens, questionavam o dinheiro, exprimiam a exploração prematura da sexualidade. A imagem pode construir muitos elementos que ultrapassam as relações simbólicas, elas podem auxiliar na compreensão do lugar, do mundo onde vivemos!

Com base apenas no aspecto cultural poderíamos elevar a categoria de posse a um ou mais grupo de Sujeito *rapper*, sem que os mesmos não possuam uma base geográfica? Ou não? Bem provavelmente estes jovens, cujas mesmas identidades servem como um atrativo para o agrupamento e comunicabilidade regular, a partir do desenvolvimento de sua arte, não teriam as mesmas oportunidades se não fosse fundamental a ocupação de uma área cultural comum, quem sabe? Claval (1999) argumenta:

Os homens tem necessidade, para dar um sentido à sua presença neste mundo, de se assimilar a um território que é para ele refúgio e um espaço onde se sentem protegidos, conhecidos e reconhecidos. A história do grupo do qual fazem parte está ali, nas lembranças das batalhas, nos monumentos herdados do passado e no conjunto das histórias e lendas que dão sentido ao destino coletivo (Idem p.90).

Neste aspecto parece ser compreensível que o mesmo Espaço Geográfico, o lugar onde eles moram, seja relevante, pois as relações que estabelecem entre si, a

partir da ocupação deste espaço poderão ser determinantes para sua projeção enquanto um grupo cultural, ou não. É neste espaço (ou lugar), que poderão ser estabelecidas estas relações sócio-ambientais, sócio-espaciais e sócio-culturais, ou seja, na Vila Cruzeiro e seus arredores, em Porto Alegre.

Ainda Claval (1999) colabora pontuando que:

Os homens, os grupos e os lugares são realidades variáveis, construídas em um momento e em um local precisos. Sua natureza é ao mesmo tempo material, histórica e geográfica (Idem, p.63).

Ao constituírem-se enquanto grupos sociais, as posses poderão materializar a necessidade de suas manifestações culturais e sociais, que antes eram apenas uma manifestação individual, podendo agora ser coletiva, ou não!

Ao mesmo tempo poderão estes sujeitos reconstruir suas histórias através destas ações coletivas, especialmente entendendo que “o mundo em que vivemos é totalmente social” (MOSCOVICI, 2010, p.32) compreendendo assim que suas identidades e origens étnico-raciais, por exemplo, integram esta totalidade.

### **3.7 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS - *GRIÔ FAVELADO É NÓIS “É PAPO RETO, TAMO JUNTO”*:**

Antes de entrar propriamente nas denominadas representações sociais é necessário estabelecermos, mesmo que genericamente a ligação entre sociedade e identidade, pois são elementos conceituais que corroboram para uma compreensão mais ampla dos sujeitos enquanto construtores da sociedade complexa a partir das diferentes relações.

Estas relações passam necessariamente por momentos históricos e enquanto seres sociais os sujeitos constroem individualmente ou não suas referências, seja a partir da cultura, da religião, do mundo do trabalho, etc. Ao reportar-se sobre o tema Hall (2006) argumenta que a sociedade não é um todo, unificada, ela é uma reprodução aberta, portanto reproduzindo, com o passar do tempo mudanças a partir de si mesmo. Ela está constantemente sendo transformada, influenciada pelos sujeitos que protagonizam esta ou aquela época, caracterizadas pelos diferentes

antagonismos, pelas diferenças inerentes aos conflitos que se estabelecem entre estes sujeitos.

Assim, a este complexo processo de interrelações, onde o sujeito constrói e reconstrói sua identidade, mesmo que provisoriamente a partir das situações em que está inserido, nos dá a dimensão do conjunto de explicações crenças e ideais que nos permitem evocar um dado acontecimento individual ou coletivo, resultantes da operação social, do agir dos sujeitos conforme Moscovici ( 2010). De acordo com o autor:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo que descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2010, P.37).

Em um mundo que parece ser cada vez mais complexo requer que percebamos, com olhar cada vez mais crítico, seu emaranhado de retalhos, talvez propositadamente recortados pelo sistema capitalista, numa fragmentação cada vez mais individualista e compartimentada, onde o valor das coisas se resume a ter, não ser, tornando a dominação dos setores menos abastados mais fácil!

Neste sentido, as ações dos Sujeitos *rappers* nos sinalizam para a seguinte questão: o espaço complexo e dispersivo, em que estão inseridos, não estaria possibilitando aos mesmos uma nova constituição de ideias interconexas para a superação do preconceito, denunciando o estereótipo marginal estabelecido pela crença midiática de que são sujeitos perigosos, de má índole e de má influência, entre outras características. Será que suas opiniões, representariam na atualidade uma nova atitude representando uma estratificação na memória coletiva na busca de construir uma nova reprodução da linguagem, do seu jeito como uma teia social, do qual nos reporta Moscovici (2010) para serem aceitos enquanto indivíduos e/ou grupos? Considerando esta dinâmica de inquietudes, sujeitas a diferentes interpretações, conforme as indagações anteriores, a partir da interação espacial cotidiana dos sujeitos na sociedade, vamos aos argumentos de Santos (2006):

Através do entendimento desse conteúdo geográfico do cotidiano, poderemos, talvez, contribuir para o necessário entendimento (e

talvez teorização) dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é, ao mesmo tempo, um convite à ação. (Idem, p.321).

A Complexidade histórica em que vivemos nos permite pensar, provisoriamente nas mais variadas associações realizadas por diferentes sujeitos, em função de muitos interesses. Regina Bega dos Santos, em sua obra *Movimentos Sociais Urbanos* apoia-se no conceito de sujeito social e histórico empregado por Sader (2001) e indica que os indivíduos, ao se conhecerem e decidirem agir conjuntamente, o fazem por darem-se conta de que individualmente as ações, em busca de suas necessidades tornam-se mais difíceis. Ao movimentarem-se a partir do coletivo, “outros agentes interagem e passam a ter uma visão totalizadora, portanto servindo como fio condutor para as ações dos movimentos sociais em uma sociedade” (SANTOS, 2008, p.29).

Os movimentos urbanos refletem esses novos tempos possivelmente indicando que as inquietações, do mundo moderno, onde os problemas das cidades preocupam a sociedade, a partir de possíveis ações partilhadas por suas necessidades, traçando talvez objetivos comuns para seus conflitos materiais ou simbólicos, constituindo para tanto identidades comuns surgidas de suas experiências de seus temores, de seus posicionamentos enquanto um grupo, ou não.

Neste caso, os grupos formados no movimento *hip hop*, as denominadas **posses** refletem aparentemente esta experiência do cotidiano, do mundo conflituoso que o envolve, seja através da falta de possibilidades, da exclusão e dos constantes conflitos que os perseguem. Os interesses coletivos, a partir da formação das posses materializam-se para além das práticas culturais, possivelmente. Ao se agruparem nas posses, a forma mais nuclear de organização, ali, na vila, em seu território, os ‘*manos e minas*’, além de reproduzirem a cultura (talvez ressignificada no ato cotidiano e coletivo) reproduzem também a própria sociedade. Tal como ela é possivelmente, delimitada pelo jogo do poder, pela sedução do querer ter (e não poder ter), pelo contraste entre os que tudo tem e o que nada possuem, reproduzindo situações de instabilidade e desordem típicas de uma sociedade que se faz a partir da desigualdade na qual esta juventude da periferia está inserida.

Os movimentos sociais, no geral, pelo que percebemos refletem estas situações e configuram, a partir de ações em seu cotidiano de reivindicações e lutas, ações que ao seu tempo retratam histórica e socialmente estas significações sócio espaciais.

Mesmo grupos, que não são necessariamente necessitados de 'bens' materiais (pelo menos aparentemente), simbolicamente buscam fazerem-se notar enquanto sujeitos coletivos (e aqui não iremos entrar no mérito e julgamento se suas ações são corretas ou não), como é o caso dos jovens ligados aos movimentos neonazistas, os chamados *skinheads*.

Assim, muitas "tribos" nos centros urbanos buscam satisfazerem seus desejos a partir destas múltiplas relações, veladas ou escancaradas na tentativa, quem sabe, para fazerem-se notar enquanto sujeitos coletivos, integrantes de uma sociedade complexa. Estas representações portanto constituem-se também em necessidade de interação, de comunicabilidade para serem, quem sabe, notados.

### **3.8 A COMUNICAÇÃO - SE LIGA NO VERBO "QUEM NÃO RIMA SE TRUMBICA":**

Pensar em comunicação, também é pensar em desacomodação porque estamos trabalhando fortemente com um instrumento poderoso de manipulação, portanto com o PODER. A mídia, a grande mídia comercial, que vende o que quer, que diz o que quer e nunca é criticada por ela mesma e/ou sequer é capaz de autocrítica exerce uma gigantesca influência nas pessoas.

O Brasil, país com diferentes problemas políticos, econômicos e sociais possui uma grande e poderosa rede de comunicação que não trabalha para formar conhecimento, como expõe Castrogiovanni (2004), na verdade hoje, ela despeja toneladas de *bytes* em informações instantâneas sem dar tempo para as pessoas discernirem uma coisa de outra, influenciando as salas de aula, competindo com as propostas conteudistas ou não oferecidas pelos Sujeitos professores que não conseguem professar conhecimento! A sala de aula, de uma ou de outra forma está ligada às reproduções midiáticas do cotidiano, sejam locais, regionais, nacionais ou globais!

Neste processo comunicativo, a **imagem** geralmente pode valer como um milhão de palavras. Ela pode nos transmitir momentos de pura viagem atemporal – nos transporta para o passado com a mesma velocidade que nos remete para ‘sonharmos’ com um possível futuro construído a partir de **símbolos** inventados em nossa mente, que poderão exprimir uma vontade, um desejo. Ganhar na loto, por exemplo, quantos milhões de coisas poderiam fazer? Gravar um CD, um vídeo clipe, no caso dos *manos rapper*, quanta projeção para sua arte poderiam ter?

Nem sempre conseguimos externalizar a emoção que uma imagem nos transmite quando desejamos exprimi-la por escrito. Mesmo a partir da oralidade esta emoção, quando transmitida, não mensura realmente aquilo que desejamos dizer, independentemente se a imagem for boa ou ruim. No caso do Espaço Geográfico, a imagem parece embriagar, pois ela desperta emoções, sentimentos, fascinação; a palavra serve para balizar as emoções, os sentimentos e o fascínio. Ela é um sistema disponível, para limitar a imagem (CASTROGIOVANI, 2004).

Agora, imaginemos em nossas escolas, nossos Sujeitos estudantes são muito imagéticos (são mais observadores – do que são vistos pelo Sujeito professor), e ao contrário do que o senso comum costuma afirmar, os Sujeitos estudantes possuem um sentimento muito mais apurado, e independente!

As gerações mais antigas, como a dos Sujeitos professores foi muito reprimida em diferentes momentos! Hoje as novas gerações são mais soltas, mais passionais, amam e desamam como a velocidade de um raio! E as imagens, muitas vezes em suas casas (brigas infinitas, a mãe sofrendo violências, o pai adoecido pelo alcoolismo, irmãos drogados, quem sabe) podem refletir diretamente em sua aprendizagem, em sua interatividade, em sua entrega para o mundo escolar, não somente para “ponto de encontro”, como bem sinalizou Castrogiovanni (2004), mas para a elevação de conhecimentos diversos.

Portanto, no espaço geográfico escola, é importante o Sujeito professor entender e possibilitar diferentes interações do Sujeito estudante com imagens que possibilitem a (re)construção constante do conhecimento. É interessante percebermos como o lugar constitui-se a partir da imagem representativa que temos dele, a partir dos nossos sentidos, os quais são limitados pelos elementos culturais e sociais. A imagem é a comunicação não-verbal das formas, dos sentimentos que constituem o lugar (CASTROGIOVANNI, 2004)

Por exemplo: basta olharmos para uma favela e logo passaremos o imaginar aquilo que nos foi construído, durante anos, sobre este lugar: local de traficantes, de gente aculturada, que só curte músicas vulgares, de pessoas miseráveis, etc.

Boaventura de Souza, sociólogo português, como é sabido residiu na década de setenta, na Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro e contribuiu muito para desconstruir, parcialmente, esta imagem de mazela que temos das pessoas que moram na periferia, nos morros e ruelas das grandes cidades. Nestes lugares acontece de tudo! Inclusive assalto, tráfico, etc. O privilégio (?) não é somente deste lugar, pois, suspeitamos que também haja mazelas (se não piores – porque envolve o poder corruptível) em bairros elegantes dos jardins e das zonas nobres das grandes cidades. No entanto, ali na comunidade as pessoas possuem afetividades múltiplas, se lugarizam muito possivelmente a partir de suas relações sociais, de suas histórias de vidas comuns, de contatos com inúmeras culturas que se misturam, formando um caldeirão de diversidade, mesmo que pulverizadas, diluídas pelo sentimento egoísta que nos é inerente!

Nos últimos anos as favelas se mundializaram e passaram a ser estudadas, como laboratórios sociológicos, geográficos, etc. por diferentes pensadores. Servem de cenários para filmes e palcos para grandes artistas se manifestarem, conforme ilustramos na figura 6, onde Michel Jackson e o cineasta Spike Lee filmaram um clipe em 1996. Na contemporaneidade trabalhamos com diferentes universos escolares e em nossas experiências estamos em constante conflito para não reproduzirmos preconceitos que se enraizaram em nossos fazeres como verdades!



**Figura 5** – Michael Jackson no Morro de Santa Marta, Rio, ao fundo a cor da favela(2009)<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> In.: <http://www.new.divirta-se.uai.com.br> Folha de Minas. Acessado em 28/11/2011.

#### 4 HIP HOP EM BREVE HISTÓRIA - TAMU ARMADO!

Os sociólogos me ouvem e ficam puto, dizem que esse barato de rap é coisa de maluco( MV Bill in TONI C, 2009, p.16)

O *hip hop* é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960, nos Estados Unidos<sup>20</sup>, como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pela classe menos favorecida da sociedade urbana. É o que seus praticantes denominam de *cultura das ruas*, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e por vezes agressivas que buscavam, quem sabe, ferir os ouvidos das classes dominantes. Possuíam um ritmo forte e intenso e eram traduzidas nas imagens grafitadas pelos muros das cidades.

Nos subúrbios/guetos<sup>21</sup>, enfrentavam diversos problemas de ordem social como pobreza, alcoolismo, violência, racismo, tráfico de drogas, carência de infraestrutura e de educação, entre outros. Através das gangues, as quais se confrontavam de maneira violenta na luta pelo domínio territorial, não identificavam inicialmente a origem de sua exclusão social, tornavam-se reféns de suas próprias mazelas.

Os bairros pobres norte americanos eram habitados por imigrantes do Caribe, vindos principalmente da Jamaica. Por lá, nas periferias da Jamaica, existiam festas de rua com equipamentos sonoros ou carros de som muito possantes chamados de *Soun*.

Em 1969, foi lançada a música *Get on the good foot* (Entre no Passo Certo) que ganhou os Estados Unidos. Em Los Angeles surgiu a dança *Locking* (Travar) influência do ritmo *Funky Chick* (Pintinho Funkeiro) e *Hustle* (gíria para maquiavélico). Em Fresno, na Califórnia, cria-se com influências de séries de ficção científica, danças robóticas que imitavam os movimentos mecânicos. Na limitação

<sup>20</sup> Gênese do *Hip Hop* em [www.movimentohiphop1.hpg.com.br](http://www.movimentohiphop1.hpg.com.br) e ainda [www.nacaohiphopbrasil.org.br](http://www.nacaohiphopbrasil.org.br) acessados em 13.12.2010.

<sup>21</sup> Loïc Wacquant (2006) em "As duas Faces do Gueto"-São Paulo: Boitempo, 2008, nos remete à origem da palavra gueto. Conforme o autor "o termo teria surgido em Veneza em 1516 e derivado do italiano *giudeica* ou *gietto*, que designa em sua origem histórica nas sociedades da Europa medieval a reunião forçada de judeus em certos bairros, para proteger os cristãos, de acordo com a Igreja, da contaminação dos quais os judeus eram portadores (*ed scandala evitanda*). Esta segregação, com o passar dos tempos em função da superpopulação destes lugares, fonte de promiscuidade e miséria, que superpões-se em um emaranhado de medidas discriminatórias e vexatórias, seguidas de restrições econômicas, que incentivaram os habitantes a se promover de instituições específicas, instrumentos de ajuda mútua e fontes de solidariedade interna que funcionavam como proteção contra a alienação então inscrita na própria estrutura do espaço urbano ( WACQUANT, p.17,2006).

de movimentos proporcionados a um robô começa-se a imitar ondas por todos os membros do corpo, dedos, braços, pernas, tórax, etc.

O resultado de inúmeras influências de dança e músicas que assolou os norte americanos gerou o *break*, e os grupos que se encontravam para brigar e demarcar território, agora se uniam por um motivo maior, a disputa para ver quem iria realizar a melhor performance cultural através da arte das ruas. As gangues passaram a se denominar "*crew*" (tripulação) - de uma nave cultural que iria sacudir as periferias do mundo. Dos Estados Unidos o *hip hop* de globalizou pelas periferias do planeta, recebendo dos locais onde atracava suas influências.

Estabelecemos então uma relação com a chamada realidade norte americana e jamaicana, dos jovens nos anos 60 e 70, com os das periferias brasileiras, habitadas por descendentes de africanos, os afro-brasileiros, e por retirantes nordestinos, principalmente em São Paulo.

Em Porto Alegre, nos bairros: Vila Cruzeiro, Santa Rosa, Farrapos, Rubem Berta, Lomba do Pinheiro, Restinga, entre outros, além dos Sujeitos negros, se estabelece aí o povo pobre, que vindo do interior, muito provavelmente, encontraram ali nos terrenos ocupados de forma irregular, o seu espaço geográfico de sobrevivência.

#### **4.1 HIP HOP NO BRASIL - QUEBRADA VERDE AMARELA:**

A cidade de São Paulo é considerada o berço da cultura *hip hop* no país. A cultura de rua surgiu aqui nos anos 80, sobre influência norte americana. Segundo Mano Oxi (2011), *rapper* gaúcho, em entrevista, no Brasil prevaleceu um som inventivo e criativo, nós adaptamos a cultura *hip hop* à nossa realidade que é, de certa maneira, mais difícil que a deles, cada lugar com seu jeito. Dos tradicionais encontros da rua 24 de Maio e do metrô São Bento, em São Paulo saíram muitos artistas reconhecidos como Thaíde, DJ Hum, *Styllo* Selvagem, Região Abissal, Nill (Verbo Pesado), Sérgio Riky, Defh Paul, Mc Jack, Racionais MCs, Doctors MCs, Shary Laine, Mt Bronks, Rappin Hood, entre outros. De acordo com Carril (2006):

Em 25 de janeiro de 1989, o produtor musical Milton Sales criou o Movimento Hip-Hop Organizado – MH20, com o objetivo de constituir os grupos de rap nascidos das equipes de Break, que se reuniam na rua São Bento desde o início da década [...]. Mas, ao mesmo tempo penetrava nos bailes funk e nos cliques da MTV, além de se difundir pelas rádios comunitários (CARRIL, 2006, p.170).

Atualmente existem diversos grupos que representam a cultura *hip hop* no país, como Movimento Enraizados, MHHOB, Zulu Nation Brasil, Casa de Cultura Hip Hop, Associação de Hip Hop de Bauru, H2P, Cedeca, CUFA (Central Única das Favelas), a Nação Hip Hop Brasil, entre outros.

#### **4.2 O HIP HOP GAÚCHO - QUEBRADA GAUDÉRIA:**

A história da cultura *hip hop* no Rio Grande do Sul<sup>22</sup> teve como referência inicial às festas de *Soul* e *Funk* promovidos por equipes de *Black Music* nas comunidades, salões e clubes negros de Porto Alegre. Nestas festas eram comuns performances de *funk* e *soul*. Em meados do ano de 1982, surgem movimentos robóticos dentro dos passos do *Soul* e do *Funk*, aos poucos os movimentos desta nova dança, se incorporam como novas técnicas entre os dançarinos.

Um conhecido dançarino chamado GEDA MIL, reuniu alguns nomes desta cena *black*: KADINHO, MESTRE FÚ, NEZO, PAULINHO, NÉLSON, ADRIANO, ITAMARATI em abril de 1983, realizando a primeira roda de Break, na Rua da Praia. Estabelecia-se aí o marco da cultura *hip hop* na cidade. Desta roda surgiu o primeiro grupo de *Break* da cidade.

#### **4.3 QUATRO ELEMENTOS DA CULTURA HIP HOP- “UM SALVE!” É NÓIS:**

O movimento hip hop é reconhecido legitimamente como uma manifestação da juventude da periferia, negra e excluída. Os principais DJ's do hip hop são considerados os papas das músicas eletrônicas, os MC's vendem muito mais CD's do que vários artistas de televisão, o grafite ganha as sacadas dos comércios, escolas e exposições de arte, o break concorre como estilo de dança nos

<sup>22</sup> A respeito da cultura Hip Hop no RS, ver : <http://www.hiphopdosul.com.br/principal.php?arg=hip-hop-gaucho.php> Acessado em 13.12.2010.

principais concursos de dança no Brasil inteiro (BURACO, 2005, p.59).

É a partir deste cenário que envolve e legitima a cultura de rua, descritas nas palavras do *rapper* Buraco (2005), ativista do Grupo Nação Hip Hop Brasil, que iremos descrever, a seguir, os principais elementos que envolvem esta cultura popular. O termo música *hip hop* refere-se aos elementos *rap* e *DJ*, sendo *hip hop* também usado como sinônimo de *rap*. Assim, descreveremos os seguintes elementos, personagens e expressões dessa cultura juvenil popular.

#### 4.3.1 Mestre de Cerimônias - MC (*master of ceremonies*):

O *canto do rap* (sigla para *rythm-and-poetry*) fica a cargo do **MC - Mestre de Cerimônias**. O sujeito MC, normalmente, é o porta-voz do grupo, é o *mano* que relata, através de articulações de rimas, os problemas, as carências e experiências em geral das comunidades e das posses. De microfone em punho, geralmente, não só descreve, também emite opiniões, mensagens de alerta e orientação. O MC tem ainda como função principal o de animar uma festa e contribuir para que as pessoas se divirtam, conforme observamos abaixo, na figura 7.



**Figura: 6** – MC em Oficina de *hip hop* Escola Aramy Silva- Foto do Autor, 2011.

#### 4.3.2 O músico e seu tocadisco - *DJ (Disc Jockey)*:

É o sujeito operador do toca discos com discos de vinil (figura 8 à esquerda), ele é quem faz as bases e colagens rítmicas, sobre as quais se articulam os outros elementos. Hoje, o DJ é considerado um músico, após a introdução dos *scratches* de *Gradmixer*, incrementos da composição (criatividade) e não somente um efeito.



Figura: 7 – DJ e MC'S em Oficina de *hip hop* na Escola Aramy Silva. Foto do Ator, 2011.

#### 4.3.3 Quebrar o corpo, mexer os quadris - *B.boying (Break Dance)*:

É a prática efetuada pelo *B-Boying* que através de inúmeras habilidades, 'quebra' o corpo e se põe a dançar a partir de movimentos cadenciados (figura 9), acompanhados normalmente por MC'S ou DJ'S, por sua maneira verdadeira e espontânea de demonstrar suas danças costumam interagir mais diretamente com as pessoas que os assistem em suas *Break Dance*. James Brown, foi um exemplo, além de cantar também dançava o *Good Foot* (Pé Bom), servindo de referência para muitos, inclusive Michael Jackson e Prince.



Figura 8 – B.Boy em oficina de *hip hop* Escola Aramy Silva. Foto do Autor, 2011.

#### 4.3.4 As artes plásticas pintadas no muro – *grafite*:

É a expressão plástica representada pelos desenhos, apelidos ou mensagens sobre qualquer assunto, feitas com *spray*, ou outros materiais como rolinho ou pincel em muros ou paredes ilustrados nas figuras 10 e 11. Sendo considerada uma forma de arte, diferente do "picho", que tem outra função, a de apenas deixar sua marca. O grafite é usado por muitos como forma de expressão e denúncia. Grafite ou *Graffiti* (do italiano *graffiti*, plural de *graffito*) significa "marca ou inscrição feita em um muro", era o nome dado às inscrições feitas em paredes desde o Império Romano. O grafite está ligado às artes plásticas, em que o artista aproveita os espaços públicos, criando uma linguagem intencional para interferir na cidade.



Figuras 9 e 10 – Grafiteiro em Oficina de *hip hop* Escola Aramy Silva. Foto do Autor, 2011.

#### 4.4 OS PERSONAGENS DESTA RIMA - LOOPING NA RAPA:



**Figura 11** - I Encontro Estadual da Nação Hip Hop Brasil na Assembleia Legislativa do RS.  
Autor: ALERS, 2006.

Os Sujeitos *rappers* vestem roupas características que registram, na cena, a presença dos praticantes do movimento *hip hop*. Como suas calças largas e camisetas coloridas parecem retratar os jogadores de basquete norte-americano, e, nas cabeças não é raro o uso de bonés. Em sua maioria são negros e pobres, oriundos de vilas ditas periféricas e possuem uma linguagem própria, articulada e ritmada. Percebemos, na medida em que se constrói a aproximação necessária para a consecução desta pesquisa uma forte politização em suas palavras e uma oralidade que remete os sujeitos a se identificarem, a partir da visão deles como guerreiros, revolucionários urbanos.

O diálogo<sup>23</sup> entre o grupo de manos surge a partir de suas necessidades, entre um rosto inquieto e uma referência carinhosa a Steve Biko<sup>24</sup> proferem palavras de desconfianças, dúvidas e incertezas. No decorrer do diálogo podemos perceber que os manos empregam palavras diferentes, usando muitas gírias que formavam uma espécie de dialeto da periferia, muito utilizado entre os praticantes da cultura

<sup>23</sup>O primeiro contato com os jovens Sujeitos *rappers* ocorreu na ocasião da organização do I Encontro Regional da Nação Hip Hop Brasil, ocorrido no primeiro semestre de 2006, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (ilustrado na Figura 11). Em 2009, com base na pesquisa sobre o *hip hop* concluímos a Especialização em Ensino de Geografia, cursado na PUCRS com a monografia: *O Hip Hop e a transformação do lugar: estudo de caso na Grande Cruzeiro*.

<sup>24</sup> Steve Bantu Biko, importante ativista sul-africano lutou contra o *apartheid*, jovem ainda, morreu em 11 de setembro de 1977 vítima de múltiplas agressões e tortura pela polícia.

*rapper*. A forma de tratamento é ampla, expressa através do termo ‘*mano*’ e ‘*mina*’ utilizada pelos praticantes do *hip hop* como identificação de gênero entre o grupo ou grupos, conforme Carril (2006):

Mano é um termo empregado para a identificação dos moradores da periferia que se organizam nas denominadas posses. Ainda, o tratamento de ‘mano’ não é gratuito, indica uma intenção de igualdade, um sentimento de fratria, um campo de identificação horizontal, em contraposição ao modo de identificação/dominação vertical, de massa em relação ao líder ou ao ídolo (CARRIL, 2006,p.24)

Para os autores Wagner e Mikesell (2000), ao se referir à forma de linguagem entre diferentes grupos sociais, as distinções ocorrem para afirmarem uma equivalência de tratamento:

Seja como for, a língua, por sua vez, é fortemente afetada por outros aspectos de uma cultura. Quaisquer que sejam estas inter-relações, a linguagem de uma comunidade é uma de suas características distintivas. Uma cultura pode, certamente, abranger ou sobrepor grupos linguísticos diferentes desde que seja mantido algum tipo de equivalência entre os sistemas simbólicos coexistentes. (WAGNER & MIKSELL, 2000, p. 115)

A maioria dos Sujeitos *rappers* aos quais tivemos contato, pertencem a uma organização denominada Nação Hip Hop Brasil<sup>25</sup>. Durante a conversa inicial que durou algumas horas, além da cena *rapper* também discorremos sobre temas gerais, de interesses diversos como droga, aborto, machismo, campanha político-eleitoral, racismo, samba e futebol. Na medida em que a conversa avançava, percebemos também não se tratar de mais uma “gurizada” pertencente a uma ‘nova’ tribo juvenil que perambulam pelos espaços urbanos, na cidade. São diferenciados (e às vezes são iguais). São muitos: a maioria é pobre e através da cultura *hip hop*, buscam, quem sabe, uma alternativa que possa lhes garantir uma nova perspectiva para enfrentamento da vida difícil em que estão inseridos, dentro de um universo

---

<sup>25</sup> Nação Hip Hop Brasil é uma das organizações nacionais que congrega parte dos praticantes do movimento hip hop brasileiro. Existem segundos dados da própria entidade, núcleos organizados em 22 estados brasileiros.

complexo onde são expostos a escolhas diante de trilhas vulneráveis do seu cotidiano, ou não!

Perceber a particularidade dos Sujeitos *rappers* a partir da interação com os seus fazeres em sua arte de rua levou-nos necessariamente a questionamentos que remeteram a uma melhor compreensão de seu universo, tendo como ponto de partida as indagações: de onde eles são? Quem são? O que fazem? Pela caminhada inicial percebemos que a maioria era desempregada e mora na periferia de Porto Alegre, mais precisamente na Grande Vila Cruzeiro e em seu entorno, sobrevivem de pequenos bicos de sua produção cultural. No estudo procuramos ainda, entre uma e outra indagação e a provisoriedade, dialogar com/sobre este seguimento juvenil a partir de um olhar *geoinvestigativo*, sendo por nós entendido como ato de pesquisar, o conjunto de sistema de objetos e ações a partir de reflexões e indagações partindo da percepção complexa sobre as coisas. Onde o que movimenta nossas incertezas são as dúvidas e questionamentos sobre os fenômenos gerais que envolvem o fazer geográfico, neste caso geoinvestigando esta parcela social que apresenta múltiplas possibilidades de interpretação, em suas variadas manifestações.

Os fenômenos que se destacam nesta seara juvenil, especialmente na Grande Vila Cruzeiro de Porto Alegre (composta por um complexo de 15 vilas e adjacências) cujas atividades culturais possivelmente se desenvolvam alheias à ausência das denominadas políticas públicas, por parte dos órgãos governamentais fizeram parte de nossa caminhada, pelas '*quebradas*' do morro, pelas '*quebradas*' incertas desta cena acadêmica. Estudar a cena urbana a partir da dinamicidade da cidade, mais especificamente o espaço periférico é um ingrediente que complementa nossa compreensão sobre estas relações entre o ser humano e sua espacialidade.

#### **4.5 A CIDADE E A PERIFERIA - A CITY, NA QUEBRADA:**

A Revolução Industrial (1750) aperfeiçoou e globalizou as relações do mundo do trabalho e com isso, a cidade passou a ter um papel relevante na vida dos indivíduos. A reprodução do capital se perpetuou também neste tempo/espaço adquirindo uma dinâmica capaz de transformar a vida dos sujeitos camponeses em seres urbanos. A esse respeito Haesbaert (2007) afirma que:

É intrínseco a reprodução do capital este alimentar constante do movimento, seja pelo processo de acumulação, com aceleração do ciclo produtivo pela transformação da técnica e paralela a reinvenção do consumo, seja pela dinâmica de exclusão que joga uma massa enorme de pessoas em circuitos de mobilidade compulsória na luta pela sobrevivência cotidiana (HAESBAERT, 2007, p.22).

Com essa expansão objetiva e subjetiva ampliou-se as relações dos sujeitos em seus espaços territoriais. As cidades passaram a ser uma referência, oferecendo (ou não) mediações entre o Estado e os sujeitos moradores. Na atualidade, mais do que uma simples relação homogenia, a heterogeneidade das relações entre os sujeitos se restabelece na medida em que a complexidade organizacional dos lugares onde as pessoas vivem, de ordem (positivismo-modernidade), virou desordem (neoliberalismo – pós modernidade). O que antes era constituição de territorialização, cristalizada em certos modelos espaciais urbanos, hoje transformou-se em desordem. No início a expansão vertical era mais perceptível, visto que a imponentes dos prédios transformaram-se em símbolos concretos do poder desta expansão do capital, refletidos no espacial.

O fantástico deslocamento dos homens e mulheres do campo para os centros urbanos é uma realidade em nossa atualidade complexa, irreversível. Nervosas, inquietas e eletrizantes as cidades concentram múltiplas territorialidades, revelam suntuosidades, situam-se como referência de inúmeros movimentos globais. Escamoteiam suas fragilidades a partir de lugares que se impõem como as favelas, cortiços e palafitas, incrustadas em vazios (e nem tão vazios) urbanos que são reveladores de desigualdades, sobretudo em países pobres, subdesenvolvidos. Para Santos (2009) a cidade é um mosaico revelador de contrastes e disparidades onde convive a suntuosidade a partir de condomínios luxuosos misturados ao caos de ocupações populares que vão (ou não) estabelecendo uma relação de amor e ódio em meio aos constantes conflitos sociais.

Com a dinâmica frenética que a cidade impõe, a horizontalidade deste espaço é muito mais perceptível e mais dramático, talvez. A cidade expande seus limites (SANTOS, 2009) rumo às franjas periféricas. Basta percebermos, quando nos deslocamos pela Av. Castelo Branco, Zona Norte da capital gaúcha onde localizamos este contraste: as muitas favelas brotam, da noite para o dia. Embora este problema urbano seja antigo, foi a partir dos anos 70, do Séc.XX que este

fenômeno acentuou-se. Exemplo disto é percebido no crescimento fantástico do Bairro Restinga, em Porto Alegre. Sem entrar nos detalhes, embora muito relevantes, não vamos considerar os motivos que levaram a população pobre de Porto Alegre para a Zona Sul. Isto possivelmente seja tema para outra pesquisa. Mas o fato é que a Restinga se transformou em um super bairro, capaz de suplantar centenas de cidades médias do interior brasileiro. Em torno de seu núcleo principal está o cerco por inúmeras vilas que perfazem a totalidade crescente deste lugar. Outros exemplos desta expansão são os bairros Rubem Berta e a Grande Cruzeiro.

O ambiente das cidades, especificamente dos lugares favelizados são talvez subprodutos mal acabados de um momento histórico complexo em graves crises: econômicas, éticas, morais, sociais e políticas refletidas no cotidiano dos sujeitos moradores destes ambientes, especialmente dos sujeitos jovens das periferias. Viver na favela, embora exista uma certa "naturalização" desta situação na atualidade, requer muita superações em virtude das constantes exclusões que encerram o cotidiano dos jovens, Sujeitos que vivem diretamente estas contradições.

A favela, conforme Carril ( 2006) recebeu esta nomeação pela semelhança entre o Morro da Providência, no Rio de Janeiro e o Morro da Favela, em Canudos, interior da Bahia. Assim, na luta compulsória cotidiana pela sobrevivência (HAESBAERT, 2007) os jovens favelados enfrentam toda a sorte de desconfiança e preconceito, obstáculos que aumentam mais ainda os contrastes e disparidades (SANTOS, 2009) encontradas nestes lugares. É importante salientar que somente recentemente algumas políticas públicas<sup>26</sup>, encaminhadas pelo governo brasileiro, voltaram-se para reparar, ainda muito timidamente, os equívocos impostos pelo próprio Estado de omissão aos problemas estruturais enfrentados pelas populações pobres da periferia desde os tempos do Brasil imperial. Há muito a ser feito. Carril, ao referir-se a esta ausência do Estado nas favelas argumenta que:

A favela e a periferia são, assim, o lugar onde o Estado não está. Não é a questão do lugar, mas a concepção de que uma parte da população não têm direito ao patrimônio e à riqueza, relações desiguais que tem origem no passado colonial (CARRIL, 2006, p.231).

---

<sup>26</sup> O Governo Federal, nos últimos implementou algumas políticas públicas voltadas para pessoas de baixa renda como o programa Bolsa Família, os Territórios da Paz, a Polícia Pacificadora. Fonte: [WWW.brasil.org.br](http://WWW.brasil.org.br) Acessado em 02.02.2012.

Como contribuição, Santos (2006) pontua que o mundo depende das virtualidades do lugar, assim, os Sujeitos jovens que vivem nas periferias, aliás, sobreviventes incontestes da exclusão, contribuem para o desequilíbrio do *status quo* que, balizado pelos padrões elitizados, julga os pessoas faveladas as nivelando por baixo, questionando suas inteligências, reduzindo o caráter destes sujeitos pelo que vestem, pelo que comem, por seu gestual, por suas atitudes, pelo lugar desigual onde moram – olhares preconceituosos que não percebem a riqueza fantástica que este universo popular é capaz de produzir e reproduzir através de diferentes manifestações culturais como o carnaval e o *hip hop*, e a religiosidade que mistura contraditória e pacificamente o catolicismo, o evangelismo e o batuque<sup>27</sup>. É neste lugar onde moram, de maneira fracionada e fragmentada que muitos são (des) percebidos como páreas sociais, numa visão unidimensional do conjunto da sociedade. Em geral a sociedade não-favelada, separa-os da realidade dita comum, tornando cegas e míopes as possibilidades de reflexão (MORIN, 2009), de perceber uma visão integradora destes sujeitos como fração apenas de uma paisagem integral, inteira, seja de que lugar forem, em que condições vivam, inclusive na periferia, na favela, local de diversidade onde milhares de jovens se reinventam, todos os dias, ou não?

---

<sup>27</sup> Segundo o babalaorixá Hùngbónò Charles o Batuque ou simplesmente Nação, é uma religião afro-brasileira, ou quem sabe afro-gaúcha, pois está presente principalmente neste estado e em lugares vizinhos a ele (como Santa Catarina, e outros países como Uruguai e Argentina). O Batuque tem seu culto voltado aos Orixás e é fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria, com as nações Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda e Nagô (e as chamadas “mistas” como Jeje-Ijexá, Jeje-Nagô, Nagô-Ijexá, etc). Apesar de diversas nações o culto do Batuque é praticamente homogêneo em todas as casas predominando a cultura Ijexá que cultua doze orixás (Bará, Ogum Oyá, Xangô, Odé e Otin, Ossanha, Obá, Xapanã, Oxun, Yemanjá e Oxalá), além dos Ibejis. <http://ocandomble.wordpress.com/2011/03/24/o-batuque-do-rs/> em 23/01/2012. O Historiador Oliveira Silveira(2000) refere-se às religiões de Matriz Africana e suas ramificações que referenciam Nzambi ou Zâmbi (Deus) em toques de tambores, cultuando os pretos velhos (ancestralidade).

#### 4.6 A GRANDE CRUZEIRO – ZAPING PELAS QUEBRADAS :

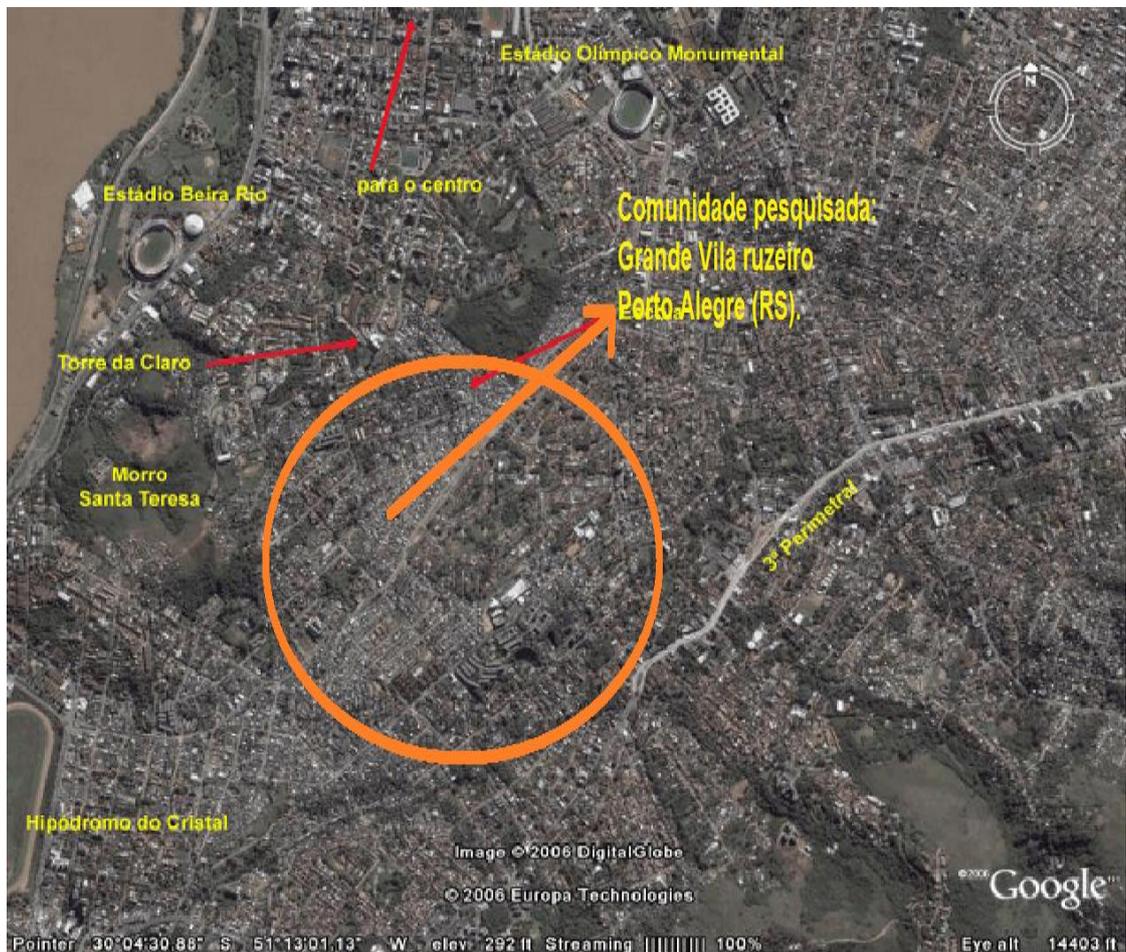


Fig. 12 - Grande Cruzeiro vista a partir do Google Earth<sup>28</sup>

A vila<sup>29</sup> Cruzeiro do Sul, ou a denominada Grande Cruzeiro localiza-se na Zona Sul da cidade de Porto Alegre, como podemos observar abaixo. A Grande Cruzeiro ilustrada no mapa (figura 12 acima) é composta pelos bairros Medianeira e Santa Teresa, fazendo limite com os bairros Cristal, Centro, Glória e Partenon. Possui uma população, de aproximadamente 90.000 pessoas, segundo os últimos dados do IBGE, ou seja, contém 5,14% da população do município. Sua área é de aproximadamente 6,8 Km<sup>2</sup>, possuindo uma grande densidade demográfica, mais de 13.000 habitantes por Km<sup>2</sup>. Uma das características da Grande Cruzeiro é o enorme

<sup>28</sup> Fonte: [www.googleearth.com](http://www.googleearth.com) Acessado em 13.12.2010.

<sup>29</sup> Conceituando vila, Castells (2009,p.162) faz os seguintes comentários: “A vila, agrupamento de habitações às quais está associada uma atividade e que constitui, no sentido próprias do termo uma comunidade, quer dizer ‘a extensão espacial concreta que representa a esfera viva’ de cada um’, onde encontramos, por exemplo, equipamentos coletivos comuns e onde o espaço está na escala do pedestre”.

contingente de população de baixa renda, o que pode ser visivelmente constatado pelas más condições de moradia, cujas casas de minúsculas estruturas se incrustam amontoadas em pequenas ruelas e becos, ou no morro, geograficamente desordenadas pelas ocupações irregulares, pela reagrupação de várias casas em pequenos lotes, conforme podemos observar na figura 13, a seguir.

Esta característica é presente neste lugar; pois, conforme Carril (2006) os bairros pobres e distantes dos centros urbanos, apresentam os serviços públicos precários, não há área de lazer, praças pública, jardins, parques de diversão infantil, creches e postos de saúde(CARRIL, 2006,p.161). Essa deficiência está muito presente na Grande Cruzeiro, percebendo-se a inexistência de espaço de lazer e cultura, especialmente, para a juventude. Espaços esses secundarizados pelos agentes planejadores da cidade (muita embora alguns locais, como a Cruzeiro, já estejam cristalizados pelo tempo de ocupação) não levam em consideração as significações e representações pautadas nos direitos e nas necessidades dos sujeitos que vivem nestes lugares, Lefebvre (1976) afirma que:

O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou retorno às cidades tradicionais. Só se pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada. Pouco importa se o tecido urbano encerre em si o campo e aquilo que sobrevive da vida camponesa conquanto “o urbano”, lugar de encontro, prioridade do valor e de inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontre sua base morfológica, sua realização prático-sensível. O que pressupõe uma teoria integral da cidade e da sociedade urbana que utilize os bens da ciência e da arte (LEFEBVRE, 1976, p.17).

Há uma tendência dos moradores deste espaço urbano estarem alheios aos mais elementares direitos, em virtude de que as necessidades mínimas lhes são negadas, pois os legisladores, muito provavelmente, ano após ano não conseguem perceber a cidade em sua integralidade como nos dá a entender Lefebvre.



**Figura 13** - Vista da Vila Cruzeiro<sup>30</sup> - Foto de Autor desconhecido<sup>31</sup>.

Para citarmos um exemplo bem concreto, reportamo-nos aos dados da própria prefeitura de Porto Alegre<sup>32</sup>, que aponta a taxa de analfabetismo na média de 6,1% da população local, na Grande Cruzeiro, ficando muito superior à taxa média de todo o município de Porto Alegre que é 3,3%. Agora passemos a realizar um exercício, o de imaginar as condições de outros instrumentos sociais que não se fazem presentes no cotidiano deste espaço urbano dito periférico, ou seja, direitos fundamentais e elementares não se constituem em um direito a vida urbana como o esgoto, postos de saúde adequados, aparelhos de segurança, de cultura e de lazer. Tais características podem indicar provavelmente, o grau das dificuldades enfrentadas pelos Sujeitos deste lugar para se manterem nas escolas, afastados do possível encantamento que a ‘vida de ganho fácil’ como o tráfico, por exemplo, lhes pode proporcionar.

---

<sup>30</sup> Veja o mapa em Anexos.

<sup>31</sup> In.: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=412606>. Acessado em 16.03.2012.

<sup>32</sup> Fonte: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio> Acessado em 13.12.2010.

## **5 PEDAGOGIA POPULAR RAP E A APRENDIZAGEM - FRY STYLE NO PENSAMENTO:**

No presente capítulo trilhamos nossa pesquisa nos meandros da cena *rapper*, a partir do entrelaçamento das entrevistas, oficinas e encontros com os Sujeitos apresentados ao longo desta dissertação e, ainda, analisamos alguns documentos e algumas músicas de *rap* que subsidiaram nosso diálogo epistemológico através deste fazer popular juvenil. Em nossa caminhada alimentamos expectativas que responderam temporariamente nossas inquietações. O universo *rapper* tem se revelado um importante objeto de pesquisa em virtude das variadas e instigantes leituras que este universo vasto, forte, contundente e ao mesmo tempo frágil nos possibilita.

A dúvida constitui-se em um elemento muito presente durante este processo. Como nos argumenta FLICK (p.109, 2009), uma vez que os processos de negociações e as estratégias de referência dentro de um processo metodológico requerem do pesquisador uma disposição que vá além das dificuldades a serem superadas, na arena da pesquisa. A abordagem durante a pesquisa passa a ser, dependendo da disponibilidade do objeto, um calço a emperrar o avanço natural que alimenta as expectativas do Sujeito pesquisador. Paciência e persistência passam a ser nesta etapa, uma questão chave para que possamos responder com mais segurança, temporariamente as nossas inquietações.

Esta disponibilidade, conforme Flick (p.113, 2009) é um fator que requer uma estratégia de bola de neve, ou seja, a partir de um caso vamos a outro e a outro, enfim, até constituirmos uma teia de relações que nos possibilitem construir um banco de dados, que se relacionam e propiciem ao pesquisador uma boa análise sobre os dados coletados e o que se quer realmente responder, provisoriamente, em seu campo de pesquisa.

Iniciamos nossa análise a partir da realidade vivenciada pelo povo da periferia, contextualizando as suas condições sociais, para tanto nos reportamos aos dados apresentados pelo IBGE<sup>33</sup>. De acordo com este órgão os últimos dados da amostragem nos apontam que 5,6% (3.224.529) do total de domicílios brasileiros

---

<sup>33</sup> In.: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/mobilidade\\_social/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/mobilidade_social/default.shtm) Acessado em 22 de 12 de 2011.

estão localizados nessas áreas de favelas, em processo ascendente. Em todo o país foram identificadas 6.329 favelas espalhadas em 323 municípios, perfazendo um total de 11 milhões de pessoas, população próxima a da Bolívia e do Uruguai juntos.

Os números são aparentemente arbitrários ao revelarem que uma imensa massa de brasileiros são excluídos do sistema de habitação dito convencional, onde a infraestrutura é praticamente inexistente e não atende minimamente os moradores destas localidades, portanto substanciam os argumentos de que estes lugares são espaços propícios para situações de degradação das relações sócio/espaciais que se mostram desumanas, e que há muito por avançar em termos de condições de vida das pessoas que vivem nestes lugares.

Ao se multiplicarem, as favelas parecem revelar a hipertrofia que o sistema capitalista apresenta em seu estágio de globalização, onde exclui pessoas de um processo econômico, expulsando-os não somente do processo produtivo, sobremaneira do consumo que é a sua expressão máxima, ao que no reportamos a Harvey (1996) nos desenvolvimentos geográficos desiguais.

A frustração pelo não alcance, por parte desta imensa massa de moradores, aos bens de qualidade, de tecnologias avançadas, de moradias dignas, de mobilidades condizentes e adequadas não os insere no *status* social neste processo consumista, ao contrário, enquadra-os no que Santos (2000) chama fábrica de perversidades, onde as necessidades das pessoas, por mais banais que sejam são subtraídas pela concentração perversa das riquezas cada vez mais sedimentadas nas mãos de poucos.

A geografização da pobreza, esparramada por diferentes espaços urbanos, especialmente na periferia, parece constituir-se numa contradição que subjaz novas espacializações dos Sujeitos das favelas, que segregados em uma desordem espacial, se manifestam subvertendo o sistema social opressor com sua capacidade inventiva para o enfrentamento destas mazelas sociais em que estão submetidos.



**Figura 14** - Favela brasileira, Foto de Kauan Kaizen, 2011<sup>34</sup>

O Sujeito jovem da periferia, ao enfrentar cotidianamente uma situação desfavorável, por estar inserido em um contexto social, parecidos ou piores, do que a revelada, na Figura 14, se reinventa a partir de inúmeras possibilidades oferecidas. As opções não variam muito: para não permanecerem no abandono uma parcela destes Sujeitos buscam na contravenção atividades que se alimentam das mazelas que a própria sociedade oferece – o mundo das drogas que funciona também em rede, em um mercado clandestino, a partir do refino, fabricação, embalagem, distribuição e venda e, conseqüentemente o mergulho em outros delitos de diferentes alcances como furtos, assaltos a mão armada, assassinatos por futilidades estúpidas ou por disputas territoriais, por exemplo. O tráfico de drogas é um atrativo muito fácil e que está ao alcance de todos os moradores da periferia. Conforme Feffermenn (2006):

O tráfico de drogas é o ramo de atividade mais importante do processo de globalidade do crime, embora outros tipos de tráficos sejam efetuados por este sistema, cujo poder se estende por todo o mundo: armas, tecnologia, materiais radioativos estão interligados pela grande matriz de todos os atos ilícitos (2006, p.37).

Portanto, o tráfico é um elemento que retroalimenta anseios e desejos imediatos destes Sujeitos que não dimensionam o alcance deste universo

<sup>34</sup> In.: <http://www.skyscrapercity.com> Acessado em 16.03.2012.

contraventivo, territorializado a partir do que a geografia da droga é capaz de produzir, como as ramificações manifestadas pela lavagem de dinheiro, pelo desmanche de carros roubados, pela venda do corpo, por exemplo.

Por outro lado, a cultura popular, entre elas o *hip hop*, também não passaria a ser outra alternativa, a partir dos elementos centrais desta cultura? O pensamento ferve na mente dos Sujeitos *rappers*, na medida em que se constituem seres em movimento, desacomodados com inércia aparente que o lugar onde moram lhes tenta “naturalmente” enquadrar, levando-os a refletir, parar, pensar no seu passado, no presente e na possibilidade de vencer uma idéia cristalizada pelo determinismo social: se nasceram assim, vão morrer assim.

Os jovens que hoje atuam no movimento *hip hop* são como brotos que nascem em um ambiente inóspito e pedregoso, emergindo para novas possibilidades, irrompendo com a ideia da necropsia do pensamento, ou não. Conforme End ( 2009), integrante da Nação Hip Hop Brasil:

As ruas ligam bairros e deixam a cidade viva, me diga, que lições eu tiraria das ruas desertas dos bairros nobres, ruas vazias, sem sentimento? (END, 2009, p.50)

Esta arte, originária das ruas, confere credibilidade, sentimentos e afirmação aos seus praticantes. Muito possivelmente, neste universo contraditório e rico em complexas teias de subjetivações, suas ações culturais e reivindicatórias possibilitem lhes afirmar uma identidade a partir de adjetivações explicitadas em seus codinomes, em suas vestimentas despojadas, em uma provável remodelagem geográfica da espacialidade na qual percorrem, no seu dia a dia, para muito além das materialidades não oferecidas por estes lugares onde vivem. Daí, talvez a nova **lugarização** destes sujeitos contemporâneos, como verificamos nos diálogos e entrevistas com os sujeitos rappers.

### 5.1 DIÁLOGO A PARTIR DAS ENTREVISTAS – PAPO RETO:

Foram variadas as formas de realizar as entrevistas com os ‘*manos*’ do *hip hop*. A programação inicial, prevista para o primeiro semestre de 2011 sofreu os ajustes, necessários para a compatibilização das agendas. Os Sujeitos *rappers* são dinâmicos, inquietos e estão sempre na ‘*correria*’, em busca de algo para suas

práticas, além, é claro, da busca pelo pão de cada dia. Foram poucos os momentos em que marcamos entrevistas individuais com nossos contatos. O trabalho coletivo, as conversas em duplas ou em grupos foram mais comuns e mais proveitosos. Sempre que a oportunidade surgia conversávamos com Sujeitos *rappers*, como ocorreu na escola Aramy Silva, na Usina do Gasômetro, no Largo Zumbi dos Palmares, no Teatro Renascença, na Assembleia Legislativa ou em locais onde eram realizadas oficinas e performances de *hip hop*. Em alguns casos o cenário da conversa foi o apartamento, a casa de alguns deles e mesmo seus locais de trabalho.

O pesquisador, nesta caminhada parece ter que ‘dançar conforme a música’. O mais produtivo, no entanto foi o ajuste realizado para os momentos de encontros e, a partir daí buscar coletivamente dialogar com a rapaziada a partir da proposta da realização de um evento: um ‘salchipão’! No que consistiu tal evento, o salchipão? Foi um encontro informal organizado pelo entrevistador no Parque Harmonia, em Porto Alegre, onde os Sujeitos reuniram-se para conversar, bater papo, responder às perguntas pertinentes à pesquisa e para apreciar um *menu* simples, que requer poucos investimentos: pão cacetinho (como é conhecido o pão francês em Porto Alegre) e salsichão assado.

Evento porque neste encontro o tema que estabeleceu a liga com o diálogo entre os Sujeitos *rappers* nas diferentes escalas temporais e espaciais foi à ação que envolve os elementos da cultura *hip hop*. E claro, porque surgiu, apresentações musicais e até mesmo gravações de *clips* a partir das rimas e performances dos MC’S, danças instigantes de *crews* que interagiram enfrentando-se em desafios plásticos, onde as mentes e os corpos se entrelaçaram com os ritmos dos *bit-box*, com o estalar sonoro dos dedos e dos novos elementos rítmicos que surgiam nos muitos improvisos do momento. Assim ocorreram as entrevistas, em diferentes momentos, regados a música, danças e interlocuções entre os *manos* e *minas* da contemporânea cultura popular *hip hop*.

O que chamou a atenção nesta etapa da pesquisa foi que quando a proposta era a realização de um encontro, como a que ocorreu, por exemplo, com o salchipão, os *manos* Sujeitos *rappers* sentiram-se aparentemente mais fortalecidos, e, juntos conseguiram responder ao que parece mais tranquilamente às perguntas oferecidas pelo entrevistador. Inclusive uns indicando os seus parceiros para serem

entrevistados. Os ajustes foram importantes, tanto para os entrevistados, quanto para o entrevistador, o que facilitou a observação.

Ao reordenar o processo da entrevista a um misto de grupo focal com entrevista semiestruturada, onde os *manos* respondiam individual e coletivamente durante o evento do salchipão, fomos levados a alguns questionamentos levantados por Flick (2009) e ajustados pelo pesquisador, tais como: o entrevistador assegurará a boa colaboração de seus participantes potenciais de estudo em eventos como este? Como estar seguro de que os Sujeitos envolvidas neste processo demonstrem boa vontade e com isso as entrevistas ou dados coletados sirvam como boa base de dados para o projeto de pesquisa?

Ficou negrito neste momento que as adaptações para este formato de entrevistas coletivas foram momentaneamente a resposta mais eficaz para a coleta das informações necessárias para a aferição, sendo que a intervenção do pesquisador foi importante na medida em que buscou agendar o local, a data e horários que se ajustassem ao grupo de Sujeitos *rappers*. Nesta fase onde surgiu um determinado emperramento no processo de entrevistas, o pesquisador assumiu um papel de linha de frente, não ficando neutro (FLICK, 2009), sendo intermediador em alguns momentos tensos, durante o processo, pois, os resultados para a pesquisa, neste estágio precisaram ser obtidos a partir de uma intervenção mais direta, qual seja a de estabelecer contatos com os integrantes do grupo, ajustando os dias e horários como já mencionados acima.

Assim, ocorreu uma maior segurança para ambos os lados, encontrando a reciprocidade necessária tanto para os entrevistados quanto para o entrevistador, cujo foco era a pesquisa em si. Observaremos isso a partir das próprias falas, afinal, como afirma Moscovici (2010, p. 31): “nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas à determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos”.

Um dado interessante que nos chamou a atenção é que as ‘*minas*’ presentes durante as diferentes atividades, como a do salchipão, por exemplo, ficaram neutras (ou neutralizadas) pela intervenção quase exclusiva dos homens, cumprindo apenas o papel de suporte logístico, uma espécie de contra regra nas ações dos Sujeitos *rappers*. Muitas delas são namoradas, esposas ou mães destes ativistas culturais. Mas elas também atuam no movimento *hip hop* e possuem trabalhos nos diferentes elementos da cultura *rapper*, como vimos na entrevista da *B.girl* Céli.

Convém ressaltar que os *manos* do *hip hop*, embora sujeitos principais desta pesquisa, não foram o grupo exclusivo abordado neste processo: os Sujeitos professores e Sujeitos estudantes também participaram ativamente de oficinas e entrevistas, qual seja: **o movimento *hip hop* e a sua relação com o Ensino da Geografia.**

Ao serem questionados sobre o que representa morar/viver na periferia, e se percebem diferenças entre o lugar onde vivem e outros espaços que conhecem, analisamos suas manifestações, compreendendo ser possível a lugarização do sujeito, a partir da sua **metalinguagem**, conceito que compreende o emprego de significações discursivas (FERREIRA,1994), ou seja, percebemos que através dos discursos descritos nas entrevistas e em suas músicas de *rap*, por exemplo, dão novas significações a respeito do espaço onde vivem, ressignificados a partir da arte que realizam, da cultura que emerge nos discursos e linguagens próprias e originais. Logo, percebemos que as narrativas empregadas nestes discursos retroalimentam esta linguagem discursiva nova, este posicionamento diante da vida ou da sobrevivência, no enfrentamento aos seus problemas, como as diferentes violências, onde percebemos, nos trechos da letra do Rap do Grupo DNA – Dinastia Negra Absoluta (2009), extraídos do seu CD, este universo retratado no lugar onde vivem os problemas sociais, no bairro Santa Tereza. Letras que descrevem cenas muito comuns no cotidiano desta juventude. A crônica real aí se articula em versos, a partir de diferentes significações rimadas em seus discursos:

1995, eu me lembro, naquele dia horrível na minha pele ainda sinto, Tinha uns *calunga* rondando a minha casa, Periferia, mano é sempre bem diferente, [...] tiro pra tudo que é lado, o meu parceiro no chão, sangrando ajoelhado. Não vou aceitar, minha arma eu vou puxar, Eu disparei três *veis*, um dele eu peguei. A vida na favela não ter valor humano, respeito se adquire da ponta de um cano. Nós somos da paz, somo pela vida, mas nessa ocasião não tinha outra saída, matar pra não morrer – Lei da sobrevivência! O sistema quer assim, simula a violência, reflexo do mal, dentro da periferia. Está aberto o portal, entre a vida e a morte! É bem difícil depois de você acreditar, que a vida de um ser humano você acabou de tirar. Olho pra frente, o passado eu deixo pra trás. Esse domingo eu nunca mais quero lembrar (DNA MC'S, 2009).

A memória descritiva emoldurada na letra de *rap*, a partir de um fato ocorrido em um 'beco' do Santa Tereza é ilustrativa deste submundo que coloca a periferia como um lugar diferente, e que contraditoriamente é um lugar, segundo os Sujeitos

*rappers* que não valoriza o humano, cuja prevalência das leis da favela são demarcadas por suas próprias armas de fogo, onde a violência ignorada pelo Estado, presente neste cotidiano é, de fato uma luta pela sobrevivência. Fica bem explicitado neste episódio, que os Sujeitos possuem um discurso de posicionamento crítico diante do “sistema”, tendo uma nítida noção de quem simula a violência e portanto as denunciam, através de seus versos este “sistema” que verticalmente subjetivam suas ações.

É possível, a partir dos depoimentos, compreendermos também os principais problemas que há muito acabam sendo ignoradas pelo Estado em suas diferentes escalas. Na fala do Sujeito *rapper* a ausência de projetos públicos que acolham as populações periféricas são novamente reveladas:

A gente vive todo o tipo de problemas, desde a falta de ônibus pros lugares mais distantes, até a cooptação *pro* tráfico. Eu já trafiquei, já tive do lado obscuro. Não é fácil a gente não ter orientação, se sentir sozinho ( MANO OXI, 2011 – depoimento).

Os conflitos estabelecidos pela falta de equipamentos públicos transformam a periferia um lugar de solidão, no sentido do isolamento, da segregação, portanto de abandono. A fala da Sujeito *rapper* mais uma vez manifesta este abandono:

Eu tive três tentativas de homicídio e eu não tivesse assim, o apoio do governo, ou da sociedade, ou de pessoas que me encaminhassem *pra* um psiquiatra, porque eu e as crianças sofreremos com aquilo ali, durante dez anos, nós fomos oprimidos (CÉLI, B.Girl, 2011 – depoimento).

Diferentes violências na periferia, incluindo a doméstica, uma das mais graves talvez, nos revelam que a complexidade que envolve o abandono dessa gente por parte das autoridades automaticamente às empurram cada vez mais para o vazio, para o sofrimento do qual este cotidiano sem alternativas os sujeitam. Viver na periferia portanto, é mais do que estar materialmente lá, é subjetivamente estar lá, com seus conflitos, múltiplos problemas, subjetivando desejos e sonhos que os tornem seres de uma sociedade integral, não fragmentada. A *B.girl* Céli, hoje com trinta anos, em um dos depoimentos revela este dilema. Com quatorze anos casou-se, foi mãe e por, durante dez anos sofreu violências diversas, juntamente com seus três filhos. Identificada com a cultura *rap* não podia realizar sua arte, não podia

trabalhar. A vida de casa, ao que percebemos, não aprisionou seus sonhos. Voltou a estudar, classificada em sexto lugar no curso de Filosofia, ingressou na faculdade, mesmo assim ficou impedida de seguir seus objetivos, pelo companheiro. Fugiu de casa com seus filhos e durante dois meses viveu em um albergue. Encontrou na Zona Sul de Porto Alegre a espaço para externalizar sua vontade de praticar a cultura *hip hop*.

Jafferson, 27 anos, cujo nome artístico é Mano Fino, é outro exemplo de reinvenção de um Sujeito a partir das atividades do movimento *hip hop*. Nesta quebrada acadêmica, conhecemos histórias que possibilitariam belos roteiros de filmes, de contos ou novelas. No entanto a realidade dura, forte e contundente, demonstra que a favela, parte integrante de uma totalidade urbana, é mais cruel do que às vezes supomos, pois revelam neste cotidiano, aos olhos de quem não está lugarizado neste espaço muitas histórias de tristeza, de contradições envolvendo um universo infanto-juvenil que podem, em muitas situações estarem sombreadas, obscuros nas salas de aula e escondendo vidas atormentadas, torturadas pela exclusão, pela discriminação, pela falta de oportunidades, pela falta de afetividade.

O depoimento de Mano Fino (2011) é revelador deste sentimento que extrapola a racionalidade quando diz:

Sou ex-drogado, já fui morador de rua, já fui ladrão, traficante, tudo que tem que ser, nessa vida de favela, já fui. Quando eu comecei no crime, nas correrias, eu morava na Cruzeiro, na Vila Pedreira, depois fui para Alvorada, de lá fui pra Vila Dique, Vila Nazaré – na Sertório, um dos piores lugares pra se viver em Porto Alegre. Este lugar é sobrevivência! Vi muitos gurizinhos lá, de dez anos tomando ‘tunico’ na veia, criança que era pra estar com a família, comendo, vivendo, estavam lá... eu vi eles sofrendo. Ao invés da escola era cocaína direto na veia. Eu conheci o rap, ainda pequeno, e aqueles momentos do rap era quando eu saía das correrias, que me deixavam com mais esperança de viver (MANO FINO, 2011 – depoimento).

Em seu depoimento, Mano Fino foi revelando, com sua voz rouca quase imperceptível (sofrera um tiro na altura do pescoço, em conflito com a polícia) uma vida difícil. Desde pequeno deparou-se com os dilemas das rejeições impostas pelas circunstâncias da vida. Quando nasceu, relata que foi jogado para a avó, da avó para a mãe, morava, segundo suas próprias palavras, como um bicho, não possuindo uma estabilidade, uma família: “Este é meu sonho” (MANO FINO, 2011),

revela! O *hip hop*, para Mano Fino, modifica a vida das pessoas, do lugar onde vivem. Segundo ele, quando está escrevendo as letras do seu *rap* é o momento em que a vida muda e entra em outra dimensão, ajuda a viver.

Muitos são os jovens que reagem proativamente diante de circunstâncias que a vida lhes impõe, independentemente de suas escolhas. A singularidade vertical que a vida da favela aparentemente lhe oferece, como alternativa a conviver com o submundo, com o descaso, com as debilidades e fragilidades presentes no lugar subjetivamente é elevada a termo pela emoção presente, constituídas em uma simbiose entre medo e destemor. Esta verticalidade é cotidianamente imposta pelo “sistema”, neste caso, sistema não é algo aparentemente invisível, surreal. É objetivo, é cruel, como nos aponta a letra de *rap* ‘Malandragem’ do Sujeito *rapper* Pirata, em seu CD Triunfo:

A malandragem teve um grande significado no meu passado, lembro dos meus amigos e considerados, meu irmão, meu companheiro Edson, Ricardo, Palmerinha, Tico, Lito, Nasser e outros mais[...], éramos manos e aliados, estávamos num mundo discriminado, por professores, diretores e outros putos dessa sociedade, que nos chamavam de bandidos e elementos[...] eles compravam em nossa mãos tocas, vídeos e outros objetos de valores, a *pedrita* era nossa ferramenta de produção, em fração de segundos vidros de carros estavam no chão, tínhamos chegado ao ponto cri da vida do crime[...], sentimos o amargo da vida loca, principalmente quando uns as drogas começou a curtir, boa parte da malandragem já não está mais aqui, foram batendo suas asas no sentido do céu, lado ruim, lado cruel (RAPPER PIRATA, 2011).

O capitalismo oferece (mais precisamente, impõe), a partir das diferentes mídias – e o jovem da periferia possui acesso a inúmeras mídias – um mundo mágico e colorido, onde tudo aparentemente se concebe, se recebe, se obtém com o estalar de um *clic*, com o manusear de botão. Mesmo as roupas de marca, os bonés de *grifes* famosas, ou os tênis cada vez mais sofisticados permeiam estes sonhos e desejos. Na periferia, porque haveria de ser diferente? Observamos em outro trecho da letra do Sujeito *rapper* Pirata, a identificação do “sistema”, muito recorrente nas falas, nos depoimentos dos Sujeitos *rappers*:

Conhecemos muito cedo o sistema capitalista, que fez camarada atirar em camarada, caímos na roubada que nos resume a cada hora que se passa, deixando o centro totalmente sem graça, foram-se garotos que não tornaram-se homens, qualquer dia a morte sorteia o meu nome, eu pedi para as forças divinas me tirar, desse maldito dito

que temos que ser , o mais vivo dos malandros meninas e meninos foram se afundando, na areia movediça da podre vida bandida, cheia de trapaças[...] (SUJEITO RAPPER PIRATA, 2011).

Talvez aí resida uma das mais cruéis contradições que o sistema capitalista impõe: a todos é oferecida a liberdade de adquirir tais bens de consumo. Mas quem são esses “todos” e que preço pagam pela “liberdade” para obterem tais mercadorias de consumo? Desprovidos desta possibilidade muitos recorrem, como anteriormente abordado, ao crime. Aos que resistem, ao conscientizarem-se deste dilema, embora não distantes destes desejos de consumo, denunciam a horizontalidade perversa entranhada em cada beco da favela, globalizada naquilo em que o sistema capitalista lhes impõe.

O *hip hop* surge daí talvez, como um instrumento cultural que, somado a tantas outras práticas surgidas na contemporaneidade, aproxima topofilicamente (YU-FU TUAN, 1975) seus articuladores também como uma cultura vertical, e que horizontalmente percola do mesmo modo, na periferia com uma alternativa, como uma perspectiva de sonhar com algo que lhes auxilie a emergir de situações de conflitos, reordenando a desordem, talvez, que é estabelecida pelas indeterminações do seu cotidiano. Tudo isso ao mesmo tempo em que, sobrevivem no espaço em disputa, como por exemplo, pelo narcotráfico, refazendo-se enquanto sujeitos que protagonizam a cena cultural rebelde e marginalizada por setores importantes da sociedade, como a escola e/ou as redes de ensino tradicionais, bem como pelo poderio midiático convencional.

Mais dura do que a própria realidade revelada é a vida destes sujeitos, sobretudo se observamos atentamente que a cena que se desenrola nas ‘quebradas’ das favelas, nas esquinas dos becos das ocupações irregulares são retratadas na imagem frágil destes Sujeitos jovens que circulam por estes espaços. A fotografia pode ser aparentemente desoladora se não percebermos que nem todos os sujeitos pertencem ao tráfico. Uma boa parte destes Sujeitos, talvez nunca tenham cometido nenhum delito, mas são todos tripulantes de uma mesma nave (*crew*), aparentemente caótica e desgovernada, ou seja, o que Edgar Morin consideraria como **ordem** e **desordem** em meio ao **caos** urbano, chocando-se com

a realidade de um país poderoso que busca se auto-re-ordenar, e que ironicamente proclama estar entre as seis<sup>35</sup> maiores potências econômicas do planeta.

Nossos questionamentos também emergem de uma necessidade, a da complementariedade para compreendermos o protagonismo destes Sujeitos e se, a prática do *hip hop* desempenhada pelos Sujeitos *rappers*, favorecem, de fato, outros interesses e desejos para além deste aspecto afetivo? E, o que de fato despertou o interesse pelos praticantes desta cultura de rua, se já tinham contato, antes de suas práticas com o *hip hop*? Partindo destes dois questionamentos, outros foram se abrindo, como a influência que sofreram esses jovens a partir de membros da comunidade e, o que sonham esses jovens? Sonham em ficar ricos, ou não? Atuam em outro movimento social?

Nestas inquietudes, encontramos aqui, provavelmente um Sujeito reinventivo, capaz de soerguer-se de um processo que naturalmente os jogaria para as mazelas aparentemente cristalizadas pelo abandono. Mas, como a sociedade dialeticamente se movimenta em um processo complexo de relações incompletas, onde a ordem aparente se desorganiza, e desta desordem se faz outra ordem de acordo com os preceitos de Morin (2010), na medida em que observamos a realidade como ela é, ou seja, caótica e desordenada pela sua essência, os Sujeitos *rappers* ao transformarem, a partir de suas ações e seus desejos uma cultura (mesmo que exógena) na *sua* cultura, passam quem sabe a representá-las como a dar um salto na qualidade de vida que buscam, dentro desta ordenação social em que estão inseridos.

A arte de representar personagens se converte a partir de novas representações simbólicas, ou não, quando assumem codinomes para sua nova identificação, discentrando-se dos jovens derrotados e acomodados diante de uma vida difícil na favela, os levando a se apropriar, em determinados momentos de novas simbologias, assumindo novas linguagens, cruciais para o despertar deste novo personagem que reinventa seu espaço, que ordena seus pensamentos para novas possibilidades, formulando, questionando, indignando-se com situações que antes não percebia, abrindo-se para o mundo, abortando preconceitos e abrindo-se para soterrar o universos mesquinho e pequeno que os cercam, indo além de

---

<sup>35</sup> O anúncio de que o Brasil superou a Inglaterra, atingindo o ranking de sexta maior potência econômica mundial foi anunciada através de diferentes mídias pelo Ministro de Economia, Guido Mantega, [WWW.brasil.org.br](http://WWW.brasil.org.br), Acessado em 26/12/2011.

intencionalidades, reformulando sua representação destrutiva para uma cultura que lhe possibilita se engajar em uma outra realidade produtiva, que lhe confira relação de confiança não somente no lugar onde vive, para além dele, como podemos observar na fala de Juninho, *B.boy*:

Eu fui um cara que não estava nem aí pra nada, eu só queria ficar em casa comendo, jogando vídeo game, caçando passarinho, sabe, eu não tava nem aí. Depois que eu me envolvi com a cultura hip hop a minha vida se transformou da água pro vinho, porque eu era um cara gordo, as pessoas passavam o tempo todo rindo de mim, eu não tinha amigos, eu não conversava com ninguém. Eu comecei a dançar, então, o mundo todo são meus amigos, eu posso sair daqui, lá pra Montevideó, tem lugar pra mim ficar, eu posso sair daqui e ir pra Bahia que eu tenho lugar, então hoje em dia a cultura hip hop me forneceu muita informação ao ponto de eu ser uma pessoa de, tipo, bom relacionamento, que onde eu chegar eles vão me receber ao natural. Ela ajuda a pessoa ter uma autoestima, a confiar em si próprio, a acreditar no seu sonho (JUNINHO, 2011, depoimento).

A revolta, a rebeldia, a rejeição e naturalmente a solidão são elementos que tornam-se, em um determinado contexto histórico, na vida destes Sujeitos um fenômeno social imperceptível, balançando a já tão frágil sensibilidade humana, ainda mais na periferia onde o pêndulo da sobrevivência pende, tanto para o horizonte da transformação da consciência em si para si, quanto para o da sobrevivência, apenas de si para si. Ao canalizar as energias criadoras para a cultura *rapper*, a realidade simbólica e geográfica do mundo passa a ter outro sentido e os sonhos individuais assumem outra dimensionalidade pois, neste momento somam-se as demais práticas de seus iguais, reeinventam-se para serem novos Sujeitos, dotados de consciência, de linguagens e de cultura enriquecedoras, capazes de decisão, de escolha, de estratégia, de liberdade, de invenção, de criação (MORIN, 2010, p.326) num processo transformador de seu tempo e seu espaço, do lugar onde vivem, nestas convulsivas contradições.

Conforme Jovchelovitch (2008) os Sujeitos se refazem a partir das representações que da vida extraímos. Ou seja, a representação usa símbolos para (re)significar sentidos ao mundo real em que estamos inseridos, portanto, os Sujeitos *rappers*, ao se reinventarem a partir da arte *rap* alimentam uma nova perspectiva para um olhar social que os percebiam, projetando-se para além das muralhas que os guetos lhe oportunizam. Nas entrevistas, nos encontros, as falas nos respondem, provisoriamente, alguns elementos que simbolizam estas

representações: o *hip hop* é um instrumento de empoderamento para além da favela, ou seja, para além do lugar que limita anseios, amores, desejos e sonhos.

Buraco (2009), Diretor Nacional da Nação Hip Hop Brasil, relata no Livro *Hip Hop à Lápis, a Literatura do Oprimido* que viera do interior do estado do São Paulo para morar numa favela em São Bernardo, cidade do ABC paulista. Seus pais, humildes, não tinham condições de oferecer aos filhos um lugar mais adequado para viverem. A favela era chamada de DR, habitação clandestina assentada em um terreno particular. Já adolescente conviveu diretamente com os conflitos fundiários que estes lugares enfrentam, já que a favela estava (des) organizada em um lote particular. Logo veio a solicitação de posse por parte do proprietário e, conseqüentemente a resistência para a permanência das inúmeras famílias no lugar. Conheceu vários líderes comunitários, muitos deles jovens que lhe possibilitaram ver o mundo, fora das quatro paredes do barraco, a céu aberto:

Tive contato com o bairro, suas histórias, suas lideranças. Mas o mote que me cativou foi o mundo de hip hop. Os manos do hip hop eram altamente estereotipados como bandidões. Em 1988 fui, pela primeira vez num evento de música rap, com dança de rua e suas roupas grafitadas. A rapa se chamava DMC Brasil e faziam agitos no bairro que juntavam uns 300 jovens. Fique absolutamente impressionado por aquilo, queria fazer igual e me tornar mais semelhantes a eles do que já era (BURACO, 2009, p.41).

Provisoriamente passamos então entender que estes Sujeitos jovens se projetam para além das muralhas que a favela encerra, e teimosamente, a partir de ações singelas sensibilizam-se pela verticalidade da cultura de rua que chegou nos anos 70 e 80, do século passado, dos guetos violentos do *Broonks*, de Nova York, para se esparramarem pelo mundo, fazendo seguidores como o grupo DMC Brasil que, com seus 'agitos', tocou o coração de um guri da Vila DR, fazendo com que o mesmo ficasse impressionado com 'aquilo' que assistia, a ponto de querer se tornar mais um, semeando esperanças, anseios, musicalidade, plasticidade, tonalidades multicores. Deixando as digitais desta cultura marcadas na consciência, fornecendo novas leituras totalizantes do seu lugar, do seu espaço territorial, do seu mundo. Fugindo das regras impostas pela sociedade, desobstruindo com sua arte, nas quebradas periféricas e fora delas, as grandes convicções e verdades estabelecidas pelo poder do Estado, pela Escola, pelo sistema judiciário, pelo poder midiático que

os caricuram com seres exóticos, rompendo, em certa medida com a tendência essencialista que os naturalizam como Sujeitos marginais.

Em suas convicções discursivas, são muito recorrentes as crenças, os ensinamentos e as referências aos seus antecessores mais experientes. O Sujeito *rapper* Agnaldo, cujo nome artístico é Mano Oxi, em seus depoimentos fez questão de nos transmitir as origens do *hip hop*, muito embora já tivéssemos subsídios para este trabalho de pesquisa.

Em seus relatos, nos fala que o Afrika Banbaataa foi o primeiro artista ligado a essa cultura de rua, juntando os quatro elementos do *hip hop*, num processo muito difícil, nos anos 70. Em uma época de muita revolução tecnológica, de transformações, em Nova York e também de muita miséria, fome, consumo de drogas como *crack* e de muita violência. Banbaataa resolveu unir quatro manifestações culturais originárias dos guetos, das ruas, portanto, sintetizou a cultura entre os que dançavam, os que discotecavam, aqueles que rimavam, e por fim os que se dedicavam a arte do rabisco, aqueles que grafitavam, era o que se consolidava como *Hip Hop*. Através dos quatro elementos, todo mundo dançava, saltava, movimentava-se e balançava o corpo, mexendo o esqueleto.

O *hip hop* ganha a cultura popular norte americana, porém a origem dela é da diáspora africana, chegada da Jamaica, onde se usavam muitos toca-discos, instrumento que aceleravam ou diminuía o ritmo das músicas que tocavam. De acordo com Mano Oxi (2011):

Essas bases musicais serviam como pano de fundo para que muitos jovens, a partir da poesia, cantassem e denunciasses a situação de miserabilidade em que vivem na sua condição de exclusão social. Daí se espalha pelo mundo, esta que é a maior contracultura do planeta (Idem, depoimento).

Globalizada, a cultura de ruas se instrumentaliza a partir dos Sujeitos jovens, moradores dos lugares onde integram os exércitos de excluídos, como é o caso de muitos moradores do Bairro Santa Tereza, de Porto Alegre. Neste lugar, as escolas, as associações de moradores, os clubes sociais, a rua servem como salas de aula para a divulgação e ensinamento da arte *rapper*. Os Sujeitos *rappers* transmitem para os 'aprendizes' do *hip hop* não somente os fundamentos dos quatro elementos, sistematizados em um só movimento cultural, o movimento *hip hop*, por Afrika Banbaataa. Repassam, a partir do denominado **quinto elemento, como**

**perceberemos a seguir**, toda a historicidade, a geograficidade desta cultura a partir da ancestralidade, pois foi, segundo eles, a partir da manifestação religiosa e artística negra que esta cultura se firmou. Principalmente porque construiu-se para além da arte, serviu também como um instrumento de denúncia contra o racismo, contra a perseguição policial relatando nas manifestações artísticas as subcondições vividas nas periferias urbanas.

## **5.2 A METALINGUAGEM E A AÇÃO RAPPER - UMA ARTILHARIA NO MEU PENSAMENTO:**

A legitimação da ação dos integrantes da cultura *hip hop* poderá contribuir para desconstruir provisoriamente algumas idéias que se tem destes ativistas. Nas entrevistas, nos encontros realizados para estabelecer a dialogicidade entre os integrantes Sujeitos *rappers* notamos que em suas falas, um conceito surgiu muito consolidado entre estes sujeitos: o **conhecimento**.

De acordo com Morin (2009, p.81) “o conhecimento é uma tradução seguida de uma reconstrução”, visto que a percepção das coisas e o reconhecimento dessas coisas passam a ter sentido para quem as observa. Neste caso, a transformação imediata, na vida dos Sujeitos *rappers* se constitui em conhecimento na medida em que, ao realizarem suas ações culturais, os Sujeitos *rappers* dão-se conta que a sociedade lhes impõe o que Morin (2009) denomina de *imprinting* cultural, ou seja, são reféns de inúmeras **restrições** – desde a fragmentação familiar (família dispersas por parentes presos ou mortos pela violência, pais separados, por exemplo) não conseguindo se somar efetivamente a uma referência do que se convencionou chamar de primeira célula social, ou seja, o núcleo da família que é para ser uma importante ligação, pelas experiências do mundo vivido com a formação dos sujeitos, ou não.

O mesmo ocorre com as relações que os divorciam da escola, na medida em que muitos sujeitos da periferia (e não somente dela), por inúmeras razões abandonam a escola, ou seja, deixam de receber da escola, por mais atrasadas, autoritárias, tolas e estúpidas que sejam suas ideias, estabelecendo estas (re) ligações com o mundo externo afastando-os do conhecimento formal, mesmo que este conhecimento formal também esteja carregado de *imprintings* pelas ideias e conhecimentos restritivos.

A construção conceitual do **conhecimento**, a partir das ações juvenis, especificamente dos *rappers*, nos ampliam a noção do significado da apropriação das sabedorias inerentes aos sujeitos, para o além dos muros que se erguem, cotidianamente em suas vidas, permitindo-nos desobstruir ideias engessadas de que os moradores das periferias contribuem para a subjetivação social apenas com o lúdico que a cultura *hip hop* oferece, com as construções presentes em suas histórias de vida. É possível perceber uma ânsia por conhecimento, nas entrevistas e conversas informais obtidas para esta pesquisa, na medida em que foram identificados temas interessantes que surgirem com muita tranquilidade entre eles e que, raramente são debatidas superficialmente nas escolas convencionais como: racismo, machismo, socialismo, capitalismo, ideologia, imperialismo, corrida armamentista, crise ambiental, dentro outros. Vejamos:

Nós vivemos num país que discrimina as pessoas, discrimina o gay, discrimina o negro, discrimina o pobre, discrimina o gordo, enfim, discrimina todas aquelas pessoas que não fazem parte daquele padrão estético e não fazem parte daquela classe social, então a gente vive num país rico, lindo e maravilhoso, só que é um país racista, um país extremamente homofóbico, e extremamente fascista em muitos dos espaços (MANO OXI, 2011 – depoimento).

Tais temas conectam esses Sujeitos a partir de uma metalinguagem rebuscada e bem articulada, ligando-os ao mundo real. Revelam-se um caldeirão de novas possibilidades na elaboração destes novos conhecimentos, reconstruindo novos discursos específicos e originais, advindos de uma ruptura com a cultura associada à fragmentação das ideias, das noções gerais que separam as coisas, os fatos. Cultura que permeia o senso comum e que busca constantemente a desapropriação material e simbólica do lugar destes sujeitos, que disputa a partir de interesses sociais, políticos, especulativos imobiliários e econômicos desterritorializar, buscando distanciá-los de seus elos, de seus iguais, neste caso os Sujeitos que vivem nas favelas, nas comunidades, especialmente os jovens.

A partir destas percepções, notamos muitas dúvidas e questionamentos por parte destes Sujeitos, visto que suas preocupações rivalizam, o tempo todo, com o relativismo empregados nas diferentes mídias, a partir do bombardeio pautado ideologicamente (escrito, *blogado*, falado e televisionado) atribuindo-lhes adjetivos

que buscam enquadrá-los como páreas sócias, buscando imprimir-lhes um rótulo de marginalização, muito assimilado por eles.

Percebemos que o Estado, através da escola possui dificuldade, ao que nos parece, de estabelecer um diálogo que busque entender e responder as dificuldades e necessidades dos sujeitos jovens em suas buscas por mais oportunidades, mais sabedoria, visando superarem, quem sabe, suas contradições. As noções realistas do mundo onde estão inseridos, as diferentes interpretações que lhes possibilitam responderem suas indignações estão muito presentes em seus posicionamentos, em suas argumentações, na construção de suas identidades, e são construídas a partir de suas ações no *hip hop*, como podemos observar, na fala do rapper Aliado G (2009):

O hip hop é um movimento internacional, porém não é responsável pela internacionalização do tráfico de armas, de drogas, de seres humanos, violência, desigualdades sociais ou quaisquer outros males destes tempos de “globalização”. O Hip Hop é uma cultura de Matriz Africana e está no DNA da juventude da periférica. Quando um “rap” bate a caixa de som no barraco e ecoa na favela, é como se fossem os novos tambores ecoando pela diáspora e os rimadores são os novos griôs (passando conhecimento de geração em geração). Essa juventude urbana e periférica, marginalizada, sofrida, herdeira não de armas, não de terras e diamantes, mas apenas de história de lutas de seus ancestrais, é com certeza a que mais sofre, é a que tem seus direitos históricos e mesmo constitucionais, violados cotidianamente (ALIADO G, 2009, p.132).

Submergir de uma fronteira invisível, que os tenta aprisionar na favela, impedindo-lhes de perceber o mundo sob sua ótica, sobre a sociedade onde vivem, sobre as raízes ancestrais de onde emergiram a maioria deles é um importante salto na qualidade de seus pensamentos, na elaboração de seu conhecimento na medida em que identificam, a seu modo, os males que lhes trazem aflições. Como nos argumenta Morin (2010), o movimento *hip hop*, fruto das contradições históricas do tempo presente, esboça um importante (re) encontro destes sujeitos com a razão. Para reforçar este argumento, Almeida (2003) afirma que:

Noções, mais do que conceitos, argumentos abertos, mais do que dogmas, uma atitude mental metafórica, mais do que uma estratégia metonímica se constituem circunstâncias atenuantes para o desmoronamento em bloco do conhecimento, das mundo-visões e das explicações científicas. A convicção de que toda a matéria muda e está em movimento é também um antídoto importante contra a

cristalização e ossificação do pensamento do conhecimento (ALMEIDA, 2003, p. 31).

As transformações na vida dos *rappers* parece configurarem-se para além do seu contato com a arte da periferia, que é um fator externo de grande influência e relevância para a vida destes Sujeitos. Elas ultrapassam esta fronteira tênue e (in)visível que a exclusão impõe, dando novo sentido à vida destes sujeitos. Ou não?

A partir desta noção do que representa o conhecimento para os sujeitos jovens praticantes da cultura *hip hop*, balizamos nosso entendimento de que se processa no movimento Sujeito *rapper* brasileiro um elemento que passaria então a integrar, digamos assim, uma nova metalinguagem da cultura *hip hop*, um **novo elemento** – uma espécie de contribuição à brasileira que se soma aos quatro elementos da cultura nascida nas ruas, e que se propõe a descer ao asfalto<sup>36</sup>, e a romper os muros invisíveis da ignorância, materializando-se através da ‘sede’ de estudo, em conhecimento efetivo.

Portanto, passa a ser traduzido na (re) construção da arte Sujeito *rapper*, onde os sujeitos praticantes do *hip hop* se ressignificam valorando ainda sua cultura rebelde, constituindo-se numa espécie de “intelectuais da favela”, como afirma Toni C, Sujeito *rapper* influente de São Paulo, organizador do Livro: *Hip Hop a Lápis: Literatura do Oprimido*, onde na introdução desta obra sugere que o “silêncio da biblioteca já impõe castigo... o livro é um sismógrafo medindo o terremoto ambulante com epicentro na favela” (TONI C, p.12, 2009).

Ou como notamos na fala do MC, Jean – Alvo Independente, de Porto Alegre, que afirmou com um dos diálogos:

Os jovens da periferia, contrário do que muitos dizem não perderam sua cultura, ao contrário, ganharam voz, vamos colher aos poucos os frutos de nossa batalha desigual, pois afinal é preciso agir, produzir conhecimento, erguer as mãos numa corrente que nos liga como aço na construção de um mundo melhor (JEAN, 2011 entrevista).

---

<sup>36</sup> Descer para o asfalto, na linguagem popular da periferia, é descer os morros é ganhar a vida na cidade, onde as condições de trabalho e dignidade, segundo pensam, são maiores. Em um trecho de uma canção Gonzaguinha Jr, em homenagem à sua Mãe adotiva, Dona Dina cantou: “...Sentado bem lá no alto, pivete olhando a cidade, sentindo o cheiro do asfalto, cresceu por necessidade, O Dina, teu menino desceu o ‘São Carlos’, pegou um sonho e partiu...”(GONZAGUINHA JR, CD – GONZAGUINHA DA VIDA, EMI, 1979). Assim, milhares de jovens sonham com um mundo bem melhor longe das favelas, dos morros, das periferias.

O elemento conhecimento passou a ser uma necessidade presente no cotidiano dos jovens *Sujeitos rappers*, influenciando uma parcela dos jovens da periferia que os têm como referência, seja através do aperfeiçoamento das danças, das poesias elaboradas, das rimas contundentes ou dos grafites emoldurados nas paredes e muros das cidades. Transmitindo, quem sabe, uma **nova ruga subjetivada** na paisagem urbana, estabelecendo ligações efetivas e afetivas com o lugar onde a unidade e multiplicidade somam-se neste emaranhado denso de relações sociais, vislumbrando, a partir do fator consciência uma possível extensão territorial para o além dos guetos da cidade clandestina, da cidade invisível, quebrando a lógica da invisibilidade imposta pelos setores sociais dominantes que enxergam a população da periferia como um estorvo. O quinto elemento é:

O que liga tudo e é esse quinto elemento que faz com que a gente cresça intelectualmente dentro da periferia, quando a gente percebe não é mais aquele negãozinho revoltado, continuamos tendo uma revolta, só que a gora nossa revolta é de uma maneira mais inteligente, ela perde a agressividade e prepara a gente pra viver com as pessoas de maneira mais civilizada, conhecendo nossa ancestralidade, da história do Brasil, a constituição brasileira, a história da política no Brasil. Isso é uma questão de tempo, quem prepara tudo isso é o quinto elemento.(MANO OXI, 2011 – depoimento)

Nesta tessitura dialógica entre o Sujeito e a apropriação que tem do conhecimento para transformar, observamos momentaneamente que o movimento *hip hop* ao se consolidar nos grandes centros urbanos, como Porto Alegre legitimam-se, muito provavelmente como um forte e significativo movimento social urbano contemporâneo, ao que Moscovici (2009) conceitua como representação prescritiva, ou seja, esta força do gueto, da favela, se impõe sobre a sociedade como uma força irreversível, ou mais precisamente:

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro da sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam em um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (Idem, p.37).

Ao que nos parece, a linguagem empregada pelos *Sujeitos rappers* se traduz num elemento capaz de traçar uma rede de ligações entre os elementos já

consolidados como o *graffiti*, o *breack*, a rima e o MC, ou seja, capaz de alinhar, a partir destes elos uma provável nova visão totalizadora do mundo, a partir das narrativas descritas em sua arte, seja através das denúncias, seja através dos lamentos, abrangendo novos processos teóricos que se estabelecem a partir de novas simbologias e linguagens.

As bandeiras metadiscursivas como igualdade, fraternidade, etc, parecem ressurgir entre os Sujeitos *rappers* como algo a caracterizar suas convicções políticas, seus discursos, suas posições a partir de suas ações culturais. O conhecimento aparece aí como um conceito que amarra os elementos da cultura *hip hop*. Ou seja, não partindo do zero, os elementos que configuram esta teia são aí costuradas a partir do que Morin (2006) chama de pensamento distintivo que une a ação da cultura *rapper* com a elevação do conhecimento complexo, em um tecido articulado, resultando numa colcha alinhavada pela complexidade. Colorida pelas diferentes manifestações, variada em suas formas e conteúdos e consolidada pelo conhecimento que vai dando sentido, não somente à arte de rua, mas ligando os fatos, as 'correrias' do cotidiano em ações que vão além da repetição fracionada dos elementos centrais da cultura *rapper*.

De fato, ao reportamos-nos ao conceito empregado por Morin (2006) sobre auto-organização, percebemos que os elementos da cultura *rapper* passam então a constituírem-se num **sistema**, através dos diferentes elementos da cultura de rua, onde a **unidade** é constituída a partir de suas múltiplas ações, onde cada gesto de dança *breack*, cada risco grafitado, cada palavra proferida no verso rimado soma-se a esta unidade e multiplica as suas potencialidades dialógica e dialeticamente aos seus talentos acrescidos do fator conhecimento. Expressido pela consciência crescente do coletivo juvenil, permitindo-lhes novos horizontes no saber, na troca de experiências, nas diferentes formas de se comunicarem e de se posicionarem diante e para comunidade, formatando daí uma **pedagogia** juvenil própria, que independe do banco escolar convencional para se perpetuar, **reinventando**, há seu tempo e a seu modo uma maneira diferenciada de enxergar o mundo em que vivem, talvez.

O diálogo com os Sujeitos *rappers* ao se estabelecer a partir das entrevistas, refletiu-se no que Morin (2006) convencionou chamar de conceito **hologramático**, onde o sujeito praticante da cultura *rapper* passa a ser um ponto vivo, irreverente e inquieto, parte pulsante de um tecido social e cultural que une e transmite seus pontos de vistas, seus pensamentos e ideias a partir da soma das partes

materializadas em suas *crews*, em seus grupos de *rap*, ligando suas ações como podemos observar nesta fala do entrevistado:

Quando eu comecei a me interessar pelo rap, eu era quietinho, ficava na minha, mas ouvia muito os manos rimando...me dava uma vontade de sair alopando, e queria fazer tudo ao mesmo tempo, daí fui vendo que não é bem assim, que é preciso ter calma e o segredo está no ouvir e respeitar o que o irmão está comunicando com a gente, pois o movimento hip hop é mais do que cantar, do que lançar uma rima bem feita, e tal, é preciso dar uma mensagem, mínima que seja, pois senão o movimento se torna apenas um movimento, sem sentido. O certo é que com o tempo a rapaziada se dá conta que não é só sair por aí dizendo que curte rap, que é do hip hop, é preciso saber porque se é do hip hop, porque fazemos o movimento pra não ficar no vazio( MALICK, 2010, depoimento).

A vontade individual expressa na fala do Sujeito *rapper*: “me dava uma vontade de sair alopando” muitas vezes se inicia como ação individual. Quando o fator coletivo começa a ser entendido nota-se que o sujeito passa a “ter calma”, a “ouvir e respeitar” o que o outro sujeito está falando, cantando, rimando. Este indivíduo passa a integrar um conjunto e dar-se conta, quem sabe, que este somatório se interliga hologramaticamente, estendendo-se para sua interação com o conjunto do movimento *rapper*. E, o fator consciência, a partir do conhecimento que vai se acumulando durante o processo de aprendizagem, mais uma vez aparece como um **elo** a ligar estas características, pois “é preciso dar uma mensagem” que **transmita** algum sentido para seus pares, até então isoladas individualmente (embora socialmente vivam juntos) em um lugar qualquer das periferias das cidades, passando a um corpo coletivo, mais coeso, talvez, ou não.

O ativista e produtor cultural, VJ/DJ e MC White Jay, integrante da organização Nação Hip Hop Brasil, ao responder o que representa morar/viver na periferia argumenta que:

Ninguém gosta de viver num lugar onde não se tem condições para a gurizada jogar bola, pra dançar, se divertir. Quem gosta? A gente vai levando, vai usando a rua como campinho de futebol, como palco para divulgar nossa cultura, vai se juntando nas esquinas para formar nossa platéia, vai trocando ideias. É assim que a gente faz. Ninguém, em sã consciência gosta que viver na favela porque gosta de cheirar esgoto, de ver neguinho morto, de ver as minas se prostituindo, criança cheirando loló. Viver aqui é uma guerrilha, todos os dias, mano( WHITE JAY, 2010 – entrevista).

Viver no espaço geográfico denominado de periferia, portanto, longe da glamorização, muito em moda na grande imprensa, a partir das denominadas polícias pacificadoras<sup>37</sup> está longe de ser um consenso, principalmente para quem este espaço é a única alternativa de construir sua morada. A pergunta do Sujeito *rapper*: “quem gosta?” de viver em uma favela pressupõe desconstruir, também o mito de que os moradores da favela são conformados por esta condição.

A pequena revelação, a partir da fala acima nos sugere compreendermos que a Geografia, mais do que entender a noção do espaço e do tempo e/ou a supressão destas categorias como sugerem os geógrafos pós-modernos. Traz em sua compreensão mais ampla que, o fazer cultural dos Sujeitos *rappers*, nas periferias buscam ao romperem com formalismos estruturados a partir da visão totalizadora de mundo, apregoadado e enraizado em nossa sociedade. As particularidades, presentes nestes lugares pressupõem sim compreendermos a ação contida no fazer destes sujeitos, para as suas transformações, significações e representações, como nos observa Santos (2006):

A força da transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, onde o que é força esta na afetividade, nos modelos de significação e representação. A importância do lugar na formação da consciência vem do fato de que essas formas de agir são inseparáveis, ainda que, em cada circunstância, sua importância relativa não seja a mesma. A ação é própria do homem. Só o homem tem ação porque ele tem objetivo, finalidade (SANTOS, 2006, p.81).

Em um determinado tempo-espaço, a partir de suas ações, os Sujeitos jovens assimilam um possível conhecimento marginalizado, provavelmente estigmatizado como cultura subalterna, ofuscada pela hegemonia do pensamento moderno e até mesmo do denominado pensamento pós-moderno, que nada mais é do que a tentativa de negação das verdades fixas, prontas e intocáveis, mas que, no entanto continua a separar, fragmentar e pulverizar novas idéias, novas propostas e possibilidades de elevação do pensamento e inteligência humana, como estamos constatando, ao longo desta pesquisa, a partir da cultura revolucionária, rebelde e inovadora.

---

<sup>37</sup> Unidade de Polícia Pacificadora, conhecida também pela sigla UPP, é um projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro cujo objetivo é desarticular as quadrilhas de traficantes nos Morros e favelas do Rio de Janeiro. Fonte: [http://upprj.com/wp/?page\\_id=20](http://upprj.com/wp/?page_id=20), em 31.01.2012.

Mais, em nossas provisórias constatações, percebemos que os Sujeitos *rappers* se reestabelecem em virtude de sua relugarização, enquanto novos Sujeitos, tomados pela consciência de seu fazer cultural, de seu novo papel enquanto atores sociais especiais, possivelmente.

### **5.3 A ESCOLA, A GEOGRAFIA E HIP HOP - É TUDO NOSSO:**

Durante a pesquisa envolvendo a Geografia e o *hip hop*, ao qual nos desafiamos nesta *quebrada*, nos ocorreu sobremaneira que corríamos um risco de ficarmos presos apenas a um enfoque mais antropológico do que propriamente geográfico, pois "*pocas ciencias sociales presentan tal cantidad de problemas comunes com la geografía como la antropología*" (CAPEL, 1989, p.23). Mas em sua multidisciplinar capacidade de transitar pelas searas de diferentes ciências, a Geografia, assim como o *hip hop* também se reinventa. Camaleonicamente se abre, facilitada pelo método da Complexidade, permitindo-nos despirmos a carapuça das verdades imutáveis, compreendendo e respondendo, mesmo provisoriamente indagações a respeito de um universo juvenil tão complexo, cujo método convencional fechado, talvez não nos possibilitasse.

Algumas inquietações persistiram nesta jornada: como ligar a Geografia, o *hip hop* e a escola? Como partir da uma cultura popular de rua para a cultura convencional da sala de aula? Na medida em que nossos desafios se estabeleciam as respostas precisavam ser respondidas, mesmo que provisoriamente.

Buscamos temporariamente compreender que cada um deve responder os desafios a partir da visão que o mundo possibilita enxergar. Do mesmo modo, dependendo das situações, especialmente quando trata-se de uma sociedade cada vez mais fragmentada e individualista, as ações desencadeadas por uma pesquisa, devem refletir as necessidades do coletivo. Estabelecendo situações favoráveis para que a coletividade se beneficie da pesquisa, das novas possibilidades de perceber este mundo tão conflituoso, tão desigual.

Estas também são, possivelmente, as preocupações que assolam os Sujeitos *rappers*. Assim parece que conseguimos estabelecer a ligação entre a ciência geográfica, a cultura popular juvenil: o *hop hop* e o universos escolar, visto que todos integram um sistema, em um conjunto indissociável de objetos ( objetivos e

subjetivos) de ações, conforme Milton Santos, que, independentes de nossa vontade se relacionam.

Ao ligarmos a favela à escola, vimos que ambas estão geograficamente mais próximas do que parece, embora, suspeitamos, a escola, na maioria das vezes esteja vulnerável e envolta com os problemas do dia a dia, como a violência, por exemplo. Neste caso as decisões incorrem no sentido da proteção, visto que muitas erguem muros e grades, impedindo um contato mais imediato e direto com a comunidade. Involuntariamente afasta-se do cotidiano deste lugar.

Como sabemos a escola não é uma ilha, os problemas sociais, as violências, que cercam este espaço fazem parte do cotidiano – do mundo real, portanto a escola é um dos elos vulneráveis desta teia que deveria estar mais próxima da comunidade. Não é em vão que por vezes a mídia assume um discurso nefasto de desmoralizar o sistema educacional, buscando cumprir um papel de ‘mediadora’ entre a sociedade e o Estado. Percebemos essa intervenção indireta nas inúmeras opiniões discorridas nestas mídias a partir de editorias, de artigos opinativos que são publicadas corriqueiramente envolvendo profissionais que não são especialistas nas questões educacionais, como psicólogos, advogados, economistas, jornalistas que atropelam a opinião da própria comunidade escolar construindo negativamente uma visão derrotista do sistema educacional, visando firmar uma opinião única (LEÃO, 2008) que desconstrua o trabalho realizado na escola, elaborando, portanto, uma realidade que provavelmente não dominam.

A escola é um espaço muito rico, portanto possui múltiplas histórias de vida, e infinitas significações a partir do fazer de seus Sujeitos, onde as verdades são colocadas à prova pelas dúvidas que perfazem este universo educacional, portanto sujeitas a se reinventar diante de um mundo cada vez mais cheio de incertezas (CASTROGIOVANNI, 2011). Nesta reinvenção cotidiana, quem sabe a escola não encontre nas práticas culturais da própria comunidade uma forma diferente de pensar seu pedagógico. De fato, os hiatos existentes entre o **conhecimento** acadêmico e o empírico se evidenciam pelo certo distanciamento existente entre ambas, como parcialmente percebemos nas respostas dos Sujeitos professores, inquiridos durante o processo desta pesquisa. Pinto (2010) ao referir-se ao espaço escola argumenta:

Compreendemos hoje, que a visão da escola como espaço social onde ocorre a dinâmica de aproximação e de afastamento e valores nos levam a crer que ela parece ser um terreno cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos que compõem o próprio Espaço Escola (PINTO, 2010, p.70)

Quem sabe, a partir desta dinâmica que envolve Sujeitos tão plurais, este espaço desequilibra-se em seu cotidiano de resistência. E assim, a cultura *hip hop* possa servir como uma possibilidade de aproximação entre escola e comunidade (favela), contribuindo, através das experiências de vida para além dos cadeados, das portas fechadas das salas de aula, onde didaticamente e dialogicamente as histórias se inter cruzam. E, quem sabe, possam trocar neste espaço escolar ensinamentos, alegrias, poesias, danças, artes plásticas, movimentos dos corpos e mentes. Neste contexto, tecemos, mais uma vez uma ponte entre o que a Geografia, a educação e a cultura nos possibilitam temporariamente compreender, pois:

Pensar na didática e mais precisamente na didática da geografia, [...] permite uma conexão com a educação e a pedagogia. Este processo, por sua vez, se articula com a leitura da cultura como uma estrutura reguladora de um sistema onde interagem continuamente elementos e padrões determinados pelo meio social, pela construção coletiva, pelas interações entre os sujeitos e as ações, formando assim, a estrutura que sustenta o desenvolvimento das sociedades, em diversos espaços do mundo atual (LACHE, 2011, p.84 - tradução nossa<sup>38</sup>).

Muitas escolas integram, na paisagem urbana, uma estrutura que, em muitos casos é o único aparelho que o Estado oferece para a comunidade. Inserida em um contexto social complexo. A partir destas relações dicotômicas, a escola talvez possibilite uma dinamicidade que facilite os *lincks* entre a cultura de rua (manifestada através do *hip hop*), os Sujeitos estudantes e os Sujeitos professores, compreendendo que o fazer pedagógico da escola pode integrar, sem engessar, esta arte, lugarizando, quem sabe estes Sujeitos, desafiando-os numa dialética de

---

<sup>38</sup> Pensar en la didáctica y más puntualmente en la didáctica de la geografía,[...] permite una conexión de ésta con la educación y la pedagogía. Este proceso, a su vez, se articula con la lectura a la cultura como estructura reguladora de un sistema en donde interactúan continuamente elementos y patrones determinantes del medio social, de la construcción colectiva, de las interacciones entre los sujetos y las acciones, formando así la estructura que sostiene el desarrollo de las sociedades en diversos espacios del mundo actual ( LACHE, 2011, p.84).

unidade, e complementariedade, onde a soma das partes poderá reordenar seus diálogos e suas experiências.

Procuramos construir provisoriamente, nestas *pegadas*, partindo do entendimento de que a Escola é um espaço geográfico múltiplo, uma dialogicidade entre o que pensam o Sujeito professor, o Sujeito *rapper* e o Sujeito estudante. Partindo do entendimento que a escola é um espaço geográfico múltiplo, portanto, considerando a globalidade que envolve estes atores dentro de universo comunitário de periferia, no qual se valorizam e se fortaleçam cada vez mais, onde a escola nela está inserida.

### **5.3.1 Dialogando com os rappers – *mandando a rima*:**

Aos Sujeitos *rappers* buscamos, a partir do nosso olhar externo, saber se estudam e que percepções possuem da escola e da Geografia em suas experiências acadêmicas? E, de que maneira o *hip hop* poderia contribuir para o ensino da Geografia? E, mais, se os mesmos fossem Sujeitos professores de Geografia, o que de diferente fariam em suas aulas, utilizariam o *hip hop* como um instrumento pedagógico?

No geral, as respostas vieram acompanhadas pela representação que os Sujeitos *rappers* possuem da escola. Lugar que possibilita aprendizagem, mas também que oprime. Onde, segundo estes, existem professores que estão afastados do cotidiano e dos problemas enfrentados pelos Sujeitos estudantes, especialmente se a escola pertence a uma comunidade, a uma favela. Nesta visão, a escola aparece enquanto refratária dos jovens que vivem em situações de vulnerabilidade social. Estas são aparentemente as primeiras impressões surgidas em suas ponderações.

Outros problemas são apontados não somente nos depoimentos colhidos, mas em documentos, nas falas recorrentes na televisão, *sites*, nos panfletos, nas palestras e oficinas por eles desenvolvidos. Mano Brown, em entrevista ao Portal Vermelho<sup>39</sup>, publicada em 07/03/2003 disse que é “na rua que se encontra a verdade” (MANO BROWN, 2003, p 134), mas acrescenta que “a saída é a escola”, e que “o governo deve investir na escola, parar de construir ponte, de investir só em

---

<sup>39</sup> <http://www.vermelho.org.br/hiphop/noticia>

estradas e construir escolas” (idem), reconhecendo a relevância da escola. Questionado sobre a escola, Oxi (2011) enfatizou:

Boa parte das informações que a ‘aula’ da pra gente são defasadas. É complicado tu estar em sala de aula, e pra ser aceito tem que ter um bom tênis, ter uma boa roupa, tu não pode tá fedendo, e daí as pessoas falam: *não tem higiene, não tem isso, aquilo*. A maioria das crianças da periferia não tem nem comida, quanto menos um desodorante, uma roupa legal, um tênis legal, quanto menos um estado de espírito legal. A escola precisa se adaptar a esta realidade, ela não pode exigir de uma criança que tem tudo, de uma criança que não tem nada. Ela não pode exigir de uma criança negra, que sofre todo o tipo de preconceito o mesmo que exige de uma criança branca de olho azul, essas coisas precisam ser revistas pra gente não perder nossas crianças pro tráfico, pro crime (MANO OXI, 2011, depoimento).

Em sua fala, o Sujeito *rapper* retrata muito bem a realidade das escolas, principalmente das escolas situadas em bairros populares, em favelas. Em seu diálogo, foi possível perceber uma repulsão muito forte quando o assunto é a escola ao afirmar que “peguei nojo da sala de aula”, confessando que até hoje tem dificuldades em pensar a voltar estudar porque os medos e traumas sofridos na infância, ainda lhe perturbam:

É muito difícil tu ir pra uma sala de aula estudar com a barriga roncando, ter convívio com outras crianças quando, na tua casa aconteceu uma desgraça, que ninguém sabe, mas tu sabe! Essas coisas todas vão perturbando a gente, não é atoa que todos os anos milhares de crianças saem de dentro das salas de aula pra rua, é preferível ir pra rua trabalhar, traficar, roubar do que ficar dentro de uma sala de aula sendo *tirado*, gozado, às vezes pelos próprios professores (MANO OXI, 2011, depoimento).

O pessimismo desaparece, aparentemente quando o *rapper* refletiu ponderadamente sobre a escola. Os sentimentos que surgem nas falas dos Sujeitos demonstram que mesmo com suas crises e dificuldades, a escola continua sendo uma alternativa para as crianças, para a juventude. Insistimos na fala do *rapper* Mano Oxi, em função de que seu depoimento foi muito elucidativo desta dualidade. Ao indagarmos no que o *hip hop* poderia contribuir para o ensino da Geografia, por exemplo, obtivemos a seguinte opinião:

Acho que o hip hop é uma tecnologia social, que pode estar a serviço da educação, da cultura dos direitos humanos, da segurança pública,

da ciência e da tecnologia, certamente na Geografia ele pode dar uma grande contribuição. Pode despertar nos jovens a questão do meio ambiente, cada vez mais estamos vivendo, na Geografia, lugares sumindo, desaparecendo, a Geografia vai ser alterada pelo aquecimento global...o hip hop pode alertar, pois nos próximos os vamos ter mais refugiados por catástrofes naturais do que pela guerra(MANO OXI, 2011, depoimento).

O *rapper* Malick (2011) em seu depoimento, falou-nos das possibilidades temáticas que são possíveis abordar a partir da arte *rap*, como falar de paz, que as coisas boas também acontecem no mundo, portanto apontando outras possibilidades que podem ser trabalhadas em sala de aula e que, geografizadas, podem despertar interesses diferentes. O *hip hop* pode contribuir com temas como o preconceito, com a formação e construção da nação brasileira. A Geografia pode utilizar-se destes instrumentos didáticos que estão mais próximas do que se pode perceber, por exemplo, debatendo os contrastes entre a favela e sua “*arquitetura estragada*”, conforme Malick (2011) e a outra arquitetura da cidade. Outro tema relevante diz respeito ao papel que os meio midiáticos representam para a vida daqueles que não se enxergam na TV, não se identificam nos filmes, nos jornais, nas revistas, etc.

No dia a dia, as coisas, os fatos, os fenômenos não são ditos ou vividos, ali, pela primeira vez como algo inédito. São resultantes dos acúmulos do ato individual de alguém que se somou às ações coletivas que a sociedade constrói em sua história (GUARESCHI, 2011). A estabilidade acumuladas pelos símbolos e representações cotidianas são por vezes questionadas pela padronização das representações impostas pelo *status quo* de setores dominantes da sociedade – daí podemos considerar que as ações do movimento *hip hop* através de seus “metadiscursos” em suas letras, nas atitudes buscam (re)construir outro paradigma que lhe confira credibilidade cultural junto aos seus e aos demais setores sociais, buscando diálogo com outros jovens da periferia a partir de uma aproximação simbólica (fruto da arte de rua que desenvolvem) mais factível, nas condições em que vivem os jovens dos bairros e vilas pobres das periferias das grandes cidades.

A afirmação dos jovens *rappers*, ao se agruparem em suas *crews*, etc. substanciam-se valorizando coletivamente o que muitos fazem sozinhos (GUARESCHI, 2011), o indivíduo só tem valor quando está em grupo. Os Sujeitos *rappers* então buscam a estruturação de suas ações, incluindo a sobrevivência, em

outras bases, renegando um mundo fragmentado, individualista e compartimentado, onde o valor das coisas se resume a ter, não ser, contrariando o que diz o discurso pós-moderno.

Neste sentido as ações dos Sujeitos *rappers* nos sinalizam para a seguinte questão: o espaço complexo, em que estão inseridos os jovens *appers* não estariam possibilitando aos mesmos uma nova constituição de ideias interconexas para a superação do preconceito, denunciando o estereótipo marginal estabelecido pela crença midiática de que são sujeitos perigosos, de mal influência e etc., ou não? Será que suas opiniões, representariam na atualidade uma nova atitude na busca de construírem, a seu modo uma teia social de unicidade para serem aceitos enquanto indivíduos e/ou grupos? No que estas ações mudariam na escola? A interferência diferenciada de atividades como o *hip hop* nas escolas, orientados por temas do cotidiano dos Sujeitos estudantes podem fluir com naturalidade, possivelmente, por diferentes identidades que se inter cruzam, pelos olhares de cumplicidade e pelas vivências e experiências comuns entre os praticantes do *hip hop* e os Sujeitos estudantes, moradores das comunidades, das periferias, das favelas.

### **5.3.2 Diálogo com os professores e com os estudantes – *mixando a rima, mermão:***

O processo metodológico dos questionamentos entre os Sujeitos professores ocorreu a partir das entrevistas escritas, apresentadas em um roteiro com seis blocos de perguntas semiabertas, sujeitas a modificações ou respostas parciais em outubro de 2011. As mulheres estiveram representadas em cem por cento das interpelações, uma vez que, ainda hoje a presença feminina nas escolas é soberana. Nosso critério localizou-se nas séries finais do Ensino Fundamental, nas áreas de Sócio Históricas (SH), Educação Artística (EA), Língua Portuguesa e Literatura (LPL), Ciências (CN) Matemática (MT) e Língua Estrangeira (LE). A Geografia propositadamente ficou de fora, exatamente para que pudéssemos avaliar, de fora, o que estes profissionais pensam sobre esta área do conhecimento. Neste trabalho não nominamos as profissionais que se dispuseram a responder nossas perguntas, apenas buscamos situá-las através das Legendas, por área disciplinar a qual desempenham suas atividades.

A escola onde estas profissionais atuam é a Escola de Ensino Fundamental Aramy Silva, localizada das divisas dos Bairros Cristal e Camaquã, na Zona Sul de Porto Alegre, cuja clientela atende várias vilas populares como a Vila Areia, a Vila Tripa, Vila Resvalo, Vila Icaraí, entre outras. Estas comunidades são vizinhas territoriais da Grande Vila Cruzeiro, próximas ao Bairro Santa Tereza<sup>40</sup>.

Adaptamos os questionamentos realizados aos Sujeitos professores, na mesma linha como perseguimos junto aos Sujeitos *rappers*, buscando manter o foco, do questionamento sobre o que representa para as mesmas trabalharem em escola de periferia, de comunidades carentes e, se percebem alguma diferença entre este lugar, em que trabalham e outro? Ainda, saber quais os conflitos que são percebidos nestes locais e se, a partir da escola, especialmente do ensino da Geografia é possível alguma modificação, ou não?

Na sequência perguntamos se as mesmas conhecem o *hip hop* e se conhecem alguém que pratica esta arte de ruas? Seguindo este raciocínio perguntamos ainda se consideram que o *hip hop* contribui, ou não para a modificação do sujeito? Qual sua visão sobre os Sujeitos *rappers*? Se já sentiu-se discriminada por trabalhar em uma escola da periferia? Qual sua rotina de trabalho? Estaria aberta a novas propostas metodológicas de ensino? Acredita que o *hip hop* pode contribuir para o ensino, em especial o de Geografia? E, por fim, se já havia participado de algum grupo de pesquisa, bem como a expectativa que uma pesquisa como esta pode trazer para uma comunidade escolar?

A Professora, de Língua Portuguesa e Literatura, foi a primeira que se dispôs a responder. Uma das poucas de etnia negra considera que o Sujeito professor tem um papel fundamental em comunidades carentes, pois, de acordo com ela, a maioria possui carências: econômica, moral e afetiva. Por isso é necessário o Sujeito professor manter este vínculo, conhecer os Sujeitos estudantes, estreitar relações com os mesmos:

Como cheguei nesta escola há pouco, este vínculo ainda não foi suficientemente construído, mas com os alunos mais novos (na faixa etária dos 13-14 anos) foi mais fácil, mostraram-se mais receptivos. Há problemas de identificação, autoestima e desrespeito. Falta lhes

---

<sup>40</sup> Sobre a escola Aramy Silva: Escola Municipal Aramy Silva foi criada, de acordo com o decreto número 1297 de 31 de agosto de 1957, situada à Rua B, s/n, Vila São Gabriel, Bairro Cristal, durante o governo de Dr. Leonel de Moura Brizola, sendo Secretário de Educação e Cultura do Município o Dr. Sucupira Viana e Superintendente do Ensino Municipal a Sra. Judith Macedo de Araújo. In.: [http : http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/aramy/historico.html](http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/aramy/historico.html) Acessado em 20/12/2011.

tanta coisa, bons exemplos, modelos essenciais ao desenvolvimento do adolescente e sua formação como cidadão (PROFESSORA de LPL, 2011, entrevista).

Em suas considerações, ressaltou a importância agregadora e humanizadora que pode desempenhar um Sujeito professor em sala de aula, pois este cumpriria um papel de formador de cidadania. Na resposta da Sujeito professora de LPL algumas questões nos remeteram a questionamentos, ainda sem respostas, exatamente pela complexidade que envolveria a simplificação das mesmas: porquê ocorre o desrespeito por parte dos adolescentes? Que modelos estariam faltando para que nossos adolescentes, nossas crianças possam se espelhar?

Embora os discursos teóricos, na Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), nos Planos Políticos Pedagógicos (PPP), nos Regimentos Escolares (RE), nos Conselhos Escolares (CE), enfim, nos diferentes instrumentos legais que orientam a educação brasileira contenham fartas opiniões e orientações para a multidisciplinaridade e a transversalidade entre os diferentes campos do conhecimento, é possível concluirmos, provisoriamente, a partir da observação na Escola Aramy Silva, durante os meses de agosto a dezembro de 2011, que na prática, estas relações multidisciplinares não são tranquilas. A fragmentação dos horários, a presença pontual dos Sujeitos professores em horários alternados, por não possuírem dedicação exclusiva, principalmente, as séries finais do ensino fundamental e até os mesmo limites financeiros que envolvem materialmente uma escola pública, de periferia fogem do controle de qualquer boa intencionalidade que possa ocorrer por parte do corpo docente.

A Professora de LPL, no entanto, localiza na Geografia uma disciplina capaz de abarcar os conflitos existentes na escola em virtude de ser uma disciplina humana, na medida em que pode aproximar o homem e integrá-lo como ser social, buscando fazer com que perceba o seu espaço como espaço social, reconhecendo seus limites, no entanto cômico de sua cidadania (PROFESSORA DE LPL, 2011).

Perseguindo uma linha de raciocínio crítico quanto à percepção da relação da escola com a comunidade, a Sujeito professora de SH argumenta:

A clientela da periferia é muito mais afetiva, vê o professor com mais respeito, embora muitos não concordem comigo. O vínculo aqui nesta escola não é muito profundo. Criam-se alguns vínculos, mas individuais. A escola não se 'mete' muito com a comunidade e a

comunidade não se ‘mete’ muito com a escola. Acho que a escola, no geral, não quer ver a comunidade envolvida (PROFESSORA DE SH, 2011, entrevista).

Em sua entrevista, a Professora de SH, que trabalha a dez anos da Escola Aramy Silva destacou um diferencial importante que contribui para o estabelecimento do vínculo com a comunidade, em relação a outros lugares em que trabalhou: primeiro fato é o público que ela atende, de origem humilde. Em segundo lugar ressalta a importância do tempo em que o Sujeito professor atua em uma escola. Por se tratar de uma escola pública as relações entre a comunidade escolar se estabelecem com maior profundidade, visto que em uma escola privada esta perspectiva é muito efêmera pela alta rotatividade dos Sujeitos professores. “Aqui já dei aulas pros filhos, conheço os pais e, daqui a pouco estou conhecendo os netos, assim este vínculo é maior, mais profundo” (PROFESSORA DE SH, 2011), acrescenta. De fato, há por parte destes profissionais esta importante noção temporal, onde o vínculo se estabelece pelo tempo de convívio, pelas relações afetivas que permeia delicadamente estes Sujeitos que especializam-se, ou não, na comunidade escolar.

Pensamos neste momento que a escola, enquanto um mecanismo social vivo, inserido nestas relações não poderia se eximir de fazer parte dos momentos bons e ruins das comunidades. Especialmente na periferia, pois em determinados momentos, em virtude de problemas graves como o envolvimento destes Sujeitos com o mundo das drogas, com as violências externas, a escola não pode fechar os olhos para esta realidade. Por mais dura que ela seja, “a escola, se possível procura livrar-se do Sujeito estudante”, de acordo com a Professora de SH. Portanto, a escola é um palco onde os conflitos e as totalidades se configuram, possivelmente como um tecido alinhavado por relações ainda inconclusas. Uma questão que também surge no depoimento da professora de CN, é a pouca participação da comunidade nas ações implementadas pela escola:

Aqui a comunidade quase não participa da vida escolar, acredito que muito por conta da equipe que não chama/proporciona momentos para ter a comunidade como parceira. Ex.: não há confraternização de final de ano com a comunidade. Eu nunca tive problemas com a comunidade. (PROFESSORA de CN, 2011 – entrevista).

A escola, segundo a Professora de CN, é bem equipada, apresentando bons recursos didáticos. Possui diferentes materiais que podem ser trabalhados com os Sujeitos estudantes. No entanto sente muito a falta do diálogo com os pais, com os familiares dos Sujeitos estudantes. Percebe uma ausência destes atores no convívio diário da escola. De maneira recorrente, praticamente todas as entrevistadas apontaram este problema: o distanciamento da comunidade e da escola. A Professora de EA, em conversa informal com o pesquisador acrescentou que já trabalhou em comunidades mais carentes como na Restinga, no Chapéu do Sol, Lomba do Pinheiro, onde os conflitos e a violência talvez sejam mais graves do que os que envolvem a comunidade da Escola Aramy, no entanto estas escolas possuíam uma cumplicidade maior no acolhimento destas comunidades. O que percebe aqui é “uma grande distância da escola desta comunidade, poderíamos estar mais próximos” (PROFESSORA DE EA, 2011), pondera.

Ao analisarmos as respostas ocorreu-nos uma dúvida: afinal, quem faz a escola? Será que este distanciamento ou aproximação não caberia também aos Sujeitos professores a partir de recursos diferenciados, uma vez que, por variados motivos a Equipe Diretiva e a Coordenação Pedagógica estão mais envolvidas com o funcionamento da instituição, em si, mantendo a estrutura física e pedagógica da escola, estando fora da sala de aula? A escola, onde as experiências do cotidiano são vividas de formas diferentes, possivelmente, necessita ser um local de troca, de desafios e posturas metodológicas (CASTROGIOVANNI, 2011) compartilhadas, que nos levem a interagir coletivamente para fortalecê-la, ou não.

Os argumentos apresentados pelas entrevistadas nos remetem a reflexões sobre o papel, dos quais os Sujeitos professores desempenham, em sala de aula e na escola. Visto que são unânimes os argumentos que ressaltam a necessidade da interferência plena do Sujeito professor na vida dos Sujeitos estudantes, por mais que os conflitos relacionais se estabeleçam neste universo social, sensível e humano. Entender e perceber os Sujeitos estudantes, ouvindo seus argumentos, percebendo-os enquanto Sujeitos opinativos, autônomos, também foi outro fator que nos chamou a atenção nas conversas informais, observadas durante esta pesquisa. Em diferentes relatos, especialmente nas falas das professoras de EA e SH há necessidade de desequilibrarem os Sujeitos estudantes a partir de temas que envolvam suas vidas cotidianas para aproximá-los do saber.

Embora com pouco conhecimento sobre a cultura *rapper*, percebemos que unanimemente as professoras concordam que o *hip hop* pode ser utilizado como mais um recurso pedagógico para favorecer, tanto os profissionais da educação quanto os educandos em uma maior aproximação com a escola. Pensamos neste momento que com as atividades culturais desenvolvidas por Sujeitos jovens ligados aos bairros populares, esta identificação com os Sujeitos estudantes possa ser um fator que contribua para aperfeiçoar o conhecimento, já trabalhado na escola. Quem sabe, contribuindo para modificar o lugar onde a escola se insere, ou seja, na comunidade, despertando outros interesses para além das rotinas praticadas, ou não.

A cultura *rapper*, pelo que observamos nos depoimentos, nas entrevistas e no diálogo entre os Sujeitos *rappers*, Sujeitos professores e Sujeitos estudantes é uma boa nova que a cultura popular juvenil está ofertando ao mundo acadêmico. Não como mais um recurso pedagógico desprovido de objetivos. Nem tão pouco como um remédio milagroso. Nas escolas de Porto Alegre existem inúmeros exemplos de iniciativas positivas, empregadas como recursos pedagógicos para a garotada. Mas, como mais uma ferramenta, capaz de possibilitar o despertar para novos desejos, oportunizando novas percepções, minimizando, possivelmente, a invisibilidade das práticas diárias exatamente pelas correrias do cotidiano. O *hip hop* pode, quem sabe, possibilitar novas identificações e geografizações compreendidas a partir de suas ações, estabelecendo a ligação entre os conceitos geográficos, pouco explorados em suas subjetivações retroalimentando os argumentos dos Sujeitos professores de Geografia ou de outras ciências, em suas práticas, quem sabe contribuindo para vencer possíveis dificuldades no fazer educacional.

O *hip hop* talvez seja esta “tecnologia social” (MANO OXI, 2011) que pode auxiliar como mais um instrumental diferenciado para as escolas das periferias, ou não. Se percebermos a sociedade como um novelo de lã, emaranhado de múltiplas complexidades, onde os sujeitos cada dia mais estão sendo tratados como meramente ‘consumidores’, ao invés de cidadãos, de gente, então a escola, quem sabe, pode possibilitar formar seres humanos, não apenas consumidores.

Igualmente a escola pode contribuir para que os Sujeitos estudantes desenvolvam suas múltiplas capacidades ainda não reveladas, a partir de intervenções culturais, como o *hip hop* (música, dança, artes plásticas e poesia), além de oportunizar que o **quinto elemento**, importante para a cultura das ruas,

invada as salas de aula, oportunizando sujeitos mais ativos, protagonistas do seu desenvolvimento intelectual. Muitas ferramentas, apresentadas pelo movimento *hip hop* podem servir como bons exemplos, ou não.

O fato de a maioria dos ativistas *rappers* serem autodidatas, apontam que a sociedade, em geral, precisa ser valorizada em suas potencialidades criadoras, em suas novas tecnologias sociais. Os Sujeitos professores e os Sujeitos educandos perfazem esta cena de incerteza que encerra a cortina do espetáculo cultural brasileiro, a partir da educação. Por que então não transformar estas cenas cotidianas em algo mais tranquilo e prazeroso? É possível desconstruir a fama negativa que a escola carrega, estigmatizada por inúmeros interesses, deixando cair às intencionalidades que ocultam a verdadeira realidade enfrentada pelo cotidiano da escola? São questionamentos que poderão servir para que a escola seja cada vez mais um espaço geográfico de convivência e aprendizado feliz.

Enquanto uma cultura popular contemporânea, o *hip hop*, nestas últimas três décadas também vêm se descobrindo. E, mais do que apenas a cultura pela cultura, seus agentes estão propondo-se a romperem barreiras sociais que lhes tiraram o direito de estar na ESCOLA. Desafiam-se a estudar, a partir dos elementos originários desta arte para solidificarem um **quinto elemento** e, a partir dele socializar suas experiências, suas histórias de vida, seus desejos e sonhos por um mundo mais justo, mais igualitário. Onde o abandono, a solidão, a falta de referências humanitárias não lhes arranquem das mentes a vontade de aprender, de estudar por outros caminhos que a vida lhes apresentou.

### **5.3.3 Os rappers e as oficinas para os estudantes – *corre bembolado*:**

O processo de construção da oficina de *hip hop* na Escola Aramy Silva foi constituída como parte integrante da pesquisa. Descreveremos, a seguir, os passos que trilhamos - fundamental para estabelecermos neste momento uma melhor compreensão entre o processo discursivo que envolve a cultura *rapper* e nossos propósitos, o de entender se a cultura *hip hop* possibilita a lugarização do Sujeito, a partir de suas novas linguagens discursivas, ou seja, de sua metalinguagem, facilitando a construção da aprendizagem, especialmente a que envolve o conhecimento da Geografia e seus conceitos sobre o espaço, território, lugar, paisagem, representação e também a comunicação.

De antemão, ao que podemos depreender, provisoriamente até este momento textual, é que embora a Geografia seja a área do conhecimento ao qual estamos vinculados, a cultura *rapper*, como instrumento pedagógico popular juvenil, pode desempenhar um papel importante em diferentes ramos do conhecimento. Suas representações sociais, ressignificadas pela apropriação coletiva de seus seguidores, através do fator consciência, são reconhecidamente a síntese desta contemporânea cultura que emerge das ruas, dos becos, dos guetos, das favelas, subjetivadas pelo: **quinto elemento**. Assim, a oficina de *hip hop* procurou equacionar, ao menos provisoriamente nossas inquietações, visto que o risco de estabelecermos mais uma ‘verdade’ sobre esta cultura também é uma possibilidade.

A Complexidade, enquanto método não nos isenta destes riscos. Neste sentido, otimizamos tempo, possibilitamos a aproximação desta cultura que extrapola os muros da escola, para dentro dela. Em um primeiro momento, a partir da autorização prévia da equipe diretiva, construímos uma rede com os alguns Sujeitos professores ligados a Sócio História, Educação Artística, Literatura e Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Matemática, buscando construir uma dinâmica multidisciplinar ao evento.

No segundo momento estabelecemos o diálogo com os jovens Sujeitos *rappers* que se disponibilizaram a realizar o evento, onde propomos alguns propósitos temáticos tais como: moradia, violência, cidade, meio ambiente, transporte, amor, saúde, escola. Por consenso entre o grupo de Sujeitos *rappers* e Professora Coordenadora de Cultura da escola ficou estabelecido que o assunto central estaria focado na temática da **paz**.

Na sequência foi aberto um diálogo com os Sujeitos estudantes. Foi construída uma dinâmica especial com os mesmos para extrairmos do grupo, a partir da pesquisa focal, a seguinte questão: o que lhe passa na cabeça quando você ouve a palavra ESCOLA? O resultado abordaremos mais adiante.

Para tanto foram observados alguns critérios que viabilizassem a dinâmica das atividades, tais como: os aspectos físicos da escola e a quantidade de participantes. Ficou acertada a quantidade de Sujeitos estudantes que participariam da oficina, distribuídos em cinco turmas do III Ciclo, compreendendo o 6º e o 7º Ano do Ensino Fundamental, totalizando cinquenta Sujeitos estudantes. A idade dos mesmos situou-se na faixa dos 12 aos 16 anos.

Coordenado pela Equipe Diretiva, através da Professora Coordenadora de Cultura da escola, ficou acordado ainda um roteiro indicando os passos para a realização das atividades de maneira que não interferissem na rotina escolar, prejudicando aos demais Sujeitos estudantes e profissionais da escola, uma vez que seriam utilizados quatro espaços simultâneos: a sala de multiuso (onde são realizadas as seções de vídeos/cinemas, assembléias, cursos, palestras, etc.); a biblioteca; as paredes internas, na área do pátio da escola e a quadra poliesportiva.

No roteiro estava previsto:

a) Uma palestra inicial dos Sujeitos *rappers*, conforme ilustrada na figura 15, para o conjunto dos cinquenta Sujeitos estudantes, onde foram esclarecidos os motivos da oficina. Neste momento os Sujeitos rappers passaram a historicizar a cultura *hip hop*, as finalidades dos elementos desta cultura, abrindo o canal dialógico entre eles e os Sujeitos estudantes. Foram distribuídas folhas de papel A4, oportunizando aos mesmos alguns exercícios que buscassem diagnosticar, entre o grupo o interesse pelos elementos do *hip hop* com os quais os mesmos se identificassem. Ao todo foram utilizados mais ou menos trinta minutos nesta atividade.



**Figura: 15** – Palestra dos Sujeitos *rappers* na Escola Aramy Silva, Foto do autor, 2011.

b) A separação do grande grupo em subgrupos por áreas de interesse. Os *B.boys*, os DJ's e os MC's ficaram na sala multiuso. Os *rappers* falaram da

construção das rimas, da utilização dos instrumentos e tecnologias empregadas em suas composições. O chão liso deste local (figuras 16 e 17) facilitou os exercícios da dança, além do que, neste espaço as aparelhagens de som para o manuseio dos MC's ficaram melhor instalados.



**Figura 16** : Oficina de *B.Boy* na Escola Aramy Silva , Foto do Autor, 2011.



**Figura 17** : Oficina de *B.Boy* na Escola Aramy Silva , Foto do Autor, 2011.

Os Sujeitos estudantes que optaram pelo grafite (figuras 18,19 e 20) deslocaram-se para o pátio para receberem instruções sobre a arte de rabiscar os muros, ou seja, de grafitar.



**Figura 18**– Oficina de Grafite na Escola Aramy Silva , Foto do Autor,2011.



**Figura 19 e 20** – Oficina de Grafite na Escola Aramy Silva, Fotos do Autor, 2011.

c) Em um terceiro momento foram apresentados e avaliados os resultados das oficinas com uma performance de B.boys (figuras 21 e 22) na quadra poliesportiva da Escola.

A Diretora da Escola Aramy Silva estava muito apreensiva quanto aos possíveis transtornos que pudessem ocorrer durante as atividades. Assistiu as atividades, desde a palestra inicial, passando a acompanhar na Biblioteca a oficina de composição de poesia *rap*, circulou pelo pátio, preocupada com a grafiteagem. Assim que encerrou esta primeira fase, entusiasmou-se com os resultados e liberou todos os demais estudantes da escola para participarem das apresentações performáticas dos Sujeitos Estudantes e dos Sujeitos *rappers*. O *hip hop*, de acordo com a Diretora passaria a ser, provavelmente uma das atrações para o projeto Mais Educação, do próximo ano, ou seja, 2012.



**Figura 21** – Performance de Rap na Escola Aramy Silva, Foto do Autor, 2011.



**Figura 22** – B.Boys e estudantes em performance Escola Aramy Silva, Foto do Autor, 2011.

As atividades realizadas entre os Sujeitos rappers e os Sujeitos estudantes nas oficinas demonstraram as potencialidades integrativas que existem a partir de novas possibilidades pedagógicas oferecidas como recursos na escola. Os materiais empregados nestas atividades foram de baixo custo. Limitou-se a alguns rolinhos de tinta, algumas latas de *spray* e folhas de papel A4. O corpo foi o objeto principal, dele os Sujeitos *rappers* extraíram dos Sujeitos estudantes muitos movimentos que podem ser utilizados como recursos na Educação Física, na Educação Artística, nas Ciências. A música pode ser utilizada pela Língua Portuguesa e Literatura a partir das poesias. A disciplina de Sócio Histórica/História, a partir desta cultura, pode reconstituir historicamente a vida das favelas, a história dos Sujeitos, a origem dos antepassados. Para Morin (2009):

A inteligência que só sabe separar reduz o caráter complexo do mundo a fragmentos desunidos, fraciona os problemas e unidimensionaliza o multidimensional. É uma Inteligência cada vez mais míope, daltônica e vesga; termina a maior parte das vezes por ser cega, porque destrói todas as possibilidades de compreensão e reflexão, eliminando na raiz as possibilidades de um juízo crítico e também as oportunidades de um juízo corretivo ou de uma visão de longo prazo (Idem, p. 19).

E a Geografia, e não somente ela, em função das várias possibilidades que o movimento *hip hop* possibilita pode literalmente aproveitar e incentivar as múltiplas inteligências que o universo escolar apresenta. Utilizando-se das experiências pedagógicas populares que os Sujeitos *rappers* compartilham. É possível reconstruir novos conceitos a partir das histórias de vida, das espacialidades geográficas comuns auxiliando os Sujeitos estudantes do que se pode perceber. De acordo com Souza (2010):

A educação deve, cada vez mais, estar voltada para a formação e promoção do ser humano, o que implica tornar a pessoa mais capaz de conhecer os elementos de sua realidade para nela intervir (Idem, p. 17).

O Espaço Geográfico Escola compreende um rico espaço de vivências e experiências, onde o cotidiano dos Sujeitos estudantes se manifesta, em diferentes escalas, e se buscamos nestes sujeitos, pessoas capazes de conhecer a realidade do espaço, do lugar onde vivem, para modificá-los, é necessário compreender também qual é a visão do jovem da periferia sobre a escola? Será que não estamos

apenas reproduzindo os chavões de ataque que a escola pública vem sofrendo nas últimas décadas? Será que a escola, realmente é tão ruim assim?

Para obtermos algumas respostas a estas nossas inquietações nos recorreremos ao grupo focal, instrumento que julgamos adequado para este momento da pesquisa. Reunimos um grupo de 21 Sujeitos estudantes, da Escola Aramy (figura 23 abaixo) e perguntamos: Qual é a primeira coisa que lhe vem à cabeça quando ouve a palavra ESCOLA?



**Figura 23** : Grupo Focal - Sujeitos estudantes Escola Aramy Silva, Foto do Autor, 2011.

Dividimos a atividade em dois momentos: no primeiro, lançamos a pergunta verbalmente e, durante dez minutos, sem a interferência do pesquisador, os próprios Sujeitos estudantes estabeleceram, entre si, um caloroso diálogo.

Na medida em que os Sujeitos estudantes foram falando anotamos no quadro as palavras que instantaneamente surgiam. Assim a Escola apareceu como:

<b>Lugar de:</b>
<b>IGNORÂNCIA – INVEJA – PRECONCEITO – DESRESPEITO COM O OUTRO – AMIZADE – ESTUDOS – REGRAS – CONSCIÊNCIA – PROFESSORES – COMIDA – CHATICE – FUTURO – TRABALHO – DEDICAÇÃO – CALMA – ESCRavidão – BRIGAS – RAIVA – LEGAL</b>

**Tabela 1** : Representação oral sobre a ESCOLA (elaborada pelo autor),2011.

Em um segundo momento os Sujeitos estudantes passaram a escrever, em uma folha de papel, a primeira ideia, que surgia à cabeça quando ouviam a palavra: ESCOLA. Embora a pesquisa seja qualitativa, neste momento os números aferidos facilitam a nossa compreensão. Como resultado obtivemos:

<b>Categorias</b>	<b>Meninos</b>	<b>Meninas</b>
Amizade/amigos	5 vezes	3 vezes
Alegria	-	-
Chatice	-	1 vez
Estudo/aprendizagem	10 vezes	5 vezes
Felicidade	-	1 vez
Futebol	3 vezes	-
Futuro	1 vez	6 vezes
Janela e tijolos	1 vez	-
Brigas	1 vez	-

**Tabela 2** - Representação Escrita sobre a ESCOLA (elaborada pelo autor), 2011.

Ao nos atermos nas respostas apresentadas pelos Sujeitos estudantes, a respeito da representação que possuem da escola, percebemos que para a grande maioria a escola **continua** sendo uma referência importante de estudo e aprendizagem. Ao analisarmos as opiniões dos Sujeitos estudantes, suas respostas são mais otimistas, ao que podemos constatar, do que as diálogos com os Sujeitos *rappers*, quando os mesmo consideram que as **ruas** são a sua universidade. O universo pesquisado, embora pequeno, dimensiona a representação social que os Sujeitos estudantes da Escola Aramy Silva possuem, por enquanto, da escola.

Percebemos igualmente que a escola é um lugar de professores legais para 42,8%, dos Sujeitos estudantes pesquisados; e, também, a escola é um lugar de amizades/amigos para 38% dos Sujeitos estudantes referidos. A partir destas respostas podemos constatar que **sim**, a escola, enquanto um espaço institucional, continua possuindo uma importante significação para os Sujeitos estudantes.

A imagem da escola, no cotidiano, ao que parece, está recheada de conceitos e representações muito negativas, construídas imagetivamente por interesses que não correspondem às necessidades e a realidade da grande maioria da população.

Para Guareschi<sup>41</sup> (2011) as representações que temos das coisas são reflexos das práticas dos indivíduos ou grupos, não necessariamente uma opinião da sociedade como um todo. A visão distorcida da escola, representada e amplamente divulgada nas diferentes mídias, possivelmente por interesses privatistas, se insere neste contexto. Ao analisar com lentes mais apuradas, percebemos que a escola cumpre um papel de grandiosa relevância social, portanto não sendo apenas um espaço geográfico que encerra apenas conflitos, desinteresses e deformações. Silva (2011) ao abordar o espaço geográfico escolar afirma:

A escola, o lugar do aprender, conhecer é, também, o lugar do afetivo, o palco da reprodução da vida, compreendida aqui como totalidade: a casa, a escola, o caminho entre as duas e os outros lugares e as relações estabelecidas entre eles (SILVA, 2011, p.91).

Este espaço é muito rico, vivo e coberto de afetividades e múltiplas relações que extrapolam os conteúdos oferecidos aos Sujeitos estudantes. É também um lugar de solidariedade, de amorosidade. Na escola também há de doçura e encantamento!

As representações implicam mudanças, não somente para os Sujeitos *rappers* que a partir de sua arte se refazem aos poucos, todos os dias. Como também para os Sujeitos estudantes e Sujeitos professores que se reinventam, geração após geração, especialmente porque interagem continuamente para manterem firme, esta instituição tão especial e necessária, para o desenvolvimento humano - o espaço geográfico escola.

Pensamos momentaneamente que existem novas possibilidades de melhor se adequar a este universo social cada vez mais complexo e surpreendente, diante de inovações tecnológicas, de relações afetivas diferenciadas, de etnias que buscam sua afirmação. São desafios que brotam para serem reordenados em meio a desordem em que estes Sujeitos estão inseridos.

Neste sentido, compreendemos provisoriamente não ser necessário reinventar a roda e ignorar os acúmulos históricos trilhados pela Escola/Ensino nesta vasta jornada. Tão pouco engessar o pensamento. Impossibilitando novas experiências trilhadas nestas *quebradas* do conhecimento. Quem sabe evitando receitas prontas, fórmulas mágicas desgastadas pela rotina, pela cegueira,

---

<sup>41</sup> Aula sobre Representações Sociais, proferida pelo Professor Pedrinho Guareschi, no Departamento de Psicologia da UFRGS, segundo semestre de 2011.

percebendo o Sujeito, seja em que dimensão humana ele se encontre, como aquele que “dá UNIDADE<sup>42</sup> e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades (MORIN, 2006, p.128)”.

Não que seja necessário juntar os cacos estilhaçados pelo caminho meandrítico, que o fazer pedagógico às vezes teima em simplificar. Neste emaranhado de incertezas e constantes dúvidas quanto ao próximo passo que devemos rabiscar, nesta *grafitagem* cotidiana da vida escolar, quem sabe possamos demarcar novas performances para perceber novamente a alma de aprendiz. Pois, como os Sujeitos *rappers* cotidianamente vivenciam em suas *quebradas*, nas esquinas e becos da sobrevivência: é preciso driblar as dificuldades com novos *samples*. Reinventando novas *rimas* que dialética e dialogicamente darão mais energia e sustentação para novos porvires, para novas experiências, em um *religare* constante para a reestruturação do pensamento - que já fora ordem, e que agora é desordem; que já fora inteiro, e que agora é fragmentado.

Esta pesquisa constitui-se, momentaneamente em um desequilíbrio ao conduzir pelas trilhas da incerteza o *hip hop* e a Geografia, aparentemente atores tão distintos que se propuseram a dançar, num mesmo palco, quebrando corpos, quadris e mentes na busca de uma nova releitura para o entendimento fantástico do **conhecimento**. Buscando na diversidade espacial do lugar valorizar o espaço geográfico escolar, estabelecendo, a partir deste novo elemento, da cultura *rapper* a lugarização dos Sujeitos, em seu fazer educacional e cultural, ressignificados pela metalinguagem contemporânea, cuja **sobrevivência** talvez seja a categorização maior que estes Jovens persigam no espaço geográfico em que vivem.

---

<sup>42</sup> Destaque nosso.

## CONCLUSÕES NÃO TÃO FINAIS - RAP É COMPROMISSO, MANO!

O estudo que apresentamos nesta dissertação discorreu sobre uma parcela da juventude que vem merecendo atenção dos pesquisadores e educadores. Desta forma, nos propomos a analisar os principais movimentos que se manifestam nesta cultura juvenil que é considerada por alguns, inclusive pelas próprias ativistas deste movimento, como uma cultura rebelde, tendo como cenário a periferia de Porto Alegre. Inicialmente nos propomos fixar olhar mais especificamente na Grande Cruzeiro, cujas atividades culturais são desenvolvidas nesta região pelos jovens *rappers*, porém, pelo alcance que esta atividade cultural atingiu, rompemos esta fronteira, nos permitindo ouvir outros atores que militam pela cena *rapper* da Capital.

Focalizamos nossas inquietações e nossos argumentos centrados na ação do Movimento *Hip Hop* e sua relação com a área do conhecimento da Geografia, buscando verificar se a cultura *rapper* funciona enquanto um agente facilitador ou não da lugarização do Sujeito e, portanto da aprendizagem.

Ao longo desse estudo abordamos alguns conceitos geográficos, como: espaço, lugar, território e paisagem, e ainda procuramos dialogar com outros conceitos importantes que contribuíram sobremaneira para o desfecho inacabado da pesquisa, tais como: a cultura e identidade, as representações sociais, espaço escola e a comunicação. Outros conceitos surgiram durante a caminhada, por absoluta necessidade de complementaridade, como: cidade e a periferia, muito presentes nos fenômenos que perfazem a interface entre o seguimento juvenil periférico e o processo educacional formal, ou não.

Os enigmas, os meandros, as contradições, o cotidiano, enfim, as particularidades que *hip hop* nos apresentou foram analisadas dialogicamente a partir da tentativa de nos despirmos de certos, e talvez, compreensíveis preconceitos, pela ignorância e desconhecimento a respeito desta cultura de rua, tão diversa e surpreendente. Procuramos no tocante a coesão entre o estilo de escrever e a cultura *hip hop* estabelecer alguns *links* de linguagens entre o *rap* e a academia, buscando respeitar as diferentes especificidades; e ainda, nos propomos a tecer uma '*rima*' interdisciplinar, buscando contribuições de outras áreas do conhecimento que respondessem nossas inquietudes a partir de diálogo profícuo e complementar entre a Antropologia, a Comunicação, a Pedagogia e Geografia.

Para dar consistência teórica à dissertação, buscamos estabelecer um diálogo com os Sujeitos autores que se dedicaram a compreender o método da Complexidade, especialmente baseados em Edgar Morin, que nos possibilitou duvidar e acreditar na superação das verdades prontas, das respostas acabadas, levando-nos a interpolações questionadoras neste universo de dúvidas e incertezas presentes em nosso fazer científico.

Transitamos ainda pela Geografia Urbana visando discorrer sobre a cidade, território onde ocorrem manifestações diversas, disputas objetivas e subjetivas pelo poder, dialogando com estudiosos que trazem, a partir da Complexidade, ou não, sua contribuição para a compreensão da organização social. Neste caso especial estudamos, neste cenários a juventude da periferia e o movimento *hip hop*, pincelando a gênese desta cultura e a sua busca pela (re)integração socioespacial, verificando ainda as suas habilidades artísticas e metalinguagens discursivas que o fazer cultural lhes possibilita, diante de uma realidade que os renegara enquanto Sujeitos ativos, em um cenário de grandes incertezas!

Assim, ao estudarmos o movimento *hip hop* constatamos, provisoriamente, que é possível a lugarização do sujeito, a partir da sua metalinguagem, facilitada por suas trajetórias de superação, na busca de reequilíbrio, construindo no **conhecimento - quinto elemento da cultura *hip hop*** um balizador desta construção geográfica, humana, civilizatória.

Para chegarmos nesta conclusão provisória, foi necessário estudar a cultura *rapper*, desde a sua gênese até as manifestações no espaço urbano atual, incluindo o universo escolar, onde as práticas, através das oficinas e performances foram averiguadas. A identificação dos atores, nesta pesquisa, a partir do nominalismo SUJEITO justificou-se por compreendermos, baseados em Morin (2006) que o pensamento positivista clássico posicionou e enrijeceu cientificamente o indivíduo engessando seu pensamento, subtraindo-o de uma relação social, reduzindo-o apenas como um mero reproduzidor individualista e egocêntrico do sistema quantitativo, relegando sua qualidade histórico-social.

Estas reflexões colocaram-nos diante dos dilemas e negações frequentemente encontrados pelos pesquisadores, ou seja, partindo destas noções rígidas sobre os indivíduos, que os ocultam enquanto Sujeitos, a partir do determinismo, minimizando o papel enquanto sujeitos/seres sociais ativos e coletivos, afastando-os das ciências humanas.

As “ligações entre o indivíduo e o Sujeito”, conforme Morin (2006, p.119) “são fundamentais para compreendermos, na complexidade, as contradições na formação deste indivíduo na sociedade”, a partir de suas singularidades, de seus posicionamentos diante do mundo, ou seja, o sujeito em seu egocentrismo pleno, constituindo-se como o centro do mundo. Para o autor, o indivíduo ao se dar conta de sua existência enquanto ser, a partir do fator consciência eleva sua qualidade de indivíduo para um Sujeito reflexivo de sua existência para se refazer no coletivo, e isso, talvez tenha sido uma das maiores virtudes percebidas no comportamento dos Sujeitos *rappers*.

De fato, ao nos reportarmos a estes Sujeitos em suas singularidades, fugindo de simplificações estúpidas, buscamos compreendê-los como **elos hologramáticos** de uma rede unitária, que diante do caos que a vida da favela lhes oferece, se rompe, quebrando os paradigmas impostos pelo sistema capitalista, onde os atos individuais e o sucesso de cada pessoa são incentivados ao extremo. Onde o fazer coletivo tornou-se *démodé*, pois, segundo esta lógica irracional, o indivíduo sozinho é mais suscetível a manipulações.

Ao religar os elos desta corrente, a juventude da periferia, em suas pegadas culturais estabelece também uma reordenação diante da desordem que a vida lhes impõe, indo de encontro com a denominada pós-modernidade que insiste em propagar que as histórias coletivas e as mensagens discursivas coletivas sucumbiram. O *hip hop* e suas ações coletivas buscam romper com esta visão. Na busca deste reequilíbrio, singularizam-se pelas ações de tomada de consciência, de busca da sua ancestralidade étnica, juntando - **colocando em ordem** - as partes soltas - **pela desordem** - de suas existências e, ao mesmo tempo se subjetivam pelo fazer cultural, em outro patamar social, trazendo (renegando) em suas bagagens as cargas de exclusão e de abandono (poderíamos dizer solidão), denunciadas em suas letras de *rap*, em suas vestimentas irreverentes, em seus grafites emoldurados nas paredes, em suas colagens de sons, em suas vidas urgentes!

E, as contradições impostas aos *rappers*, na etapa atual da sociedade do consumo, lhes sujeitam também a armadilhas tentadoras do mercado a partir de um egocentrismo individualista, na busca da superação imediata de problemas pontuais que surgem em suas trajetórias. A vigilância, de fato é comovedora, visto que ao se tornarem seres coletivos e plurais formam-se verdadeiros **Sujeitos** em busca de

reconhecimento, de afirmação, de reconstrução de seus espaços. Ou não.

Admirado ou odiado, perseguido/discriminado ou idolatrado, o movimento *hip hop* é uma realidade! Em três décadas de existência transformou-se em um forte movimento de contracultura a povoar de rebeldia e tomada de consciência da juventude favelada. Cansadas de perderem seus irmãos para o tráfico, ou para as valas comuns dos cemitérios, se soergueram com rochas incandescentes a derramar pelos becos, pelas ruelas apertadas das vilas da periferia sua mensagem de: basta!

O *hip hop* talvez seja esta “*tecnologia social*” (MANO OXI, 2011) que poderá servir se bem compreendida, como instrumental pedagógico diferenciado para contribuir com as escolas brasileiras, das periferias, ou de fora delas.

Nesta pesquisa, buscamos compreender, provisoriamente, um pouco mais este universo juvenil e popular. Pensamos que nossa contribuição acadêmica, possa servir para irmos além do que foi possível realizar nesta trajetória, pois estamos nos convencendo que é útil e proveitoso juntar o *hip hop* e o ensino, especialmente a Geografia que é momentaneamente uma ciência mais aberta a estas possibilidades.

Os *manos* e *minas* desafiam-se a estudar, a partir dos elementos originários desta arte para solidificarem um **quinto elemento** e, a partir dele socializar suas experiências, suas histórias de vida, seus desejos e sonhos por um mundo mais justo, mais igualitário. Onde o abandono, a solidão, a falta de referências humanitárias não lhes tirem a vontade de aprender, de estudar por outros caminhos que a complexidade da vida lhes possibilita.

Portanto, momentaneamente nos arriscamos afirmar - o *hip hop*, pode contribuir para resgatar a autoestima do Sujeito jovem da periferia, estando ele na escola, ou não. Ao percebermos a sociedade como um gigantesco novelo de lã, enrolado a partir de multicores complexas, abarcando o espaço escolar como um nó integrante de rolo, poderemos, quem sabe, reinventar os fazeres cotidianos, oportunizando aos Sujeitos um maior protagonismo na construção deste espaço, de suas identidades, na reconstrução do conhecimento. Possibilitando torná-los, cidadãos mais felizes, tecedores de um universo escolar mais instigante.

Quem sabe possibilitando a formação de um ser mais humano, socialmente mais solidário, culturalmente mais forte para enfrentar as incertezas tão presentes em nosso cotidiano. Ou não? As inúmeras perguntas, que surgiram ao longo desta pesquisa, em sua grande maioria continuam em aberto, sujeitas a reinterpretações

novas, a respostas provisórias especialmente pelo fato de que a ato de ensinar não é um ato isolado, onde o professor sabe tudo, e pronto. Aprendemos e ensinamos, construindo juntos inúmeras possibilidades, ou não. O ato de ensinar, especialmente Geografia requer desacomodações constantes para evitarmos verdades que amanhã, não possuirão maior consistência. Portanto, a pesquisa serviu para momentaneamente percebermos que, no fundamental é necessário ouvir, sentir, perceber o outro, compreender nas entrelinhas o significado de um pedido de afeto, de compreensão e de carinho por parte dos sujeitos estudantes que, em muitos casos é tão ou mais geográfico do que a simples repetição de aulas chatas enfadonhas a partir dos apegos aos mapas, capitais, rios e regiões que por vezes teimamos em reproduzir mecanicamente em nossos fazeres escolares.

Eis o desafio, para continuarmos, quem sabe a interrogar e responder, provisoriamente através do cotidiano que enfrentamos enquanto profissional da educação, Sujeito professor de Geografia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS - “OS CABEÇA” :

AB’SABER, Aziz N. Os problemas do Brasil Urbano. I Conferência Nacional das Cidades, **Revista Princípios**. São Paulo, 2000.

ALIADO G. Os tambores anunciam: morre um homem, nasce um mito. In: C, TONI (org). **Hip Hop a lápis: a literatura do oprimido**. São Paulo: Editora do Autor, 2009.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Por uma ciência que sonha. In: **Complexidade à flor da pela-Ensaio sobre ciência, estudo e comunicação**. GALENO, Elex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da (orgs). São Paulo: Cortez: 2003.

ANDRADE, Elaine Nunes. **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. 4ª Ed. Petrópolis(RJ): Vozes, 2007.

BURACO, Marcelo. Vamos ver quem é quem. In: **Hip Hop a lápis: a literatura do oprimido**. C, TONI (org). São Paulo: Editora do Autor, 2009.

C, TONI.(org). **Hip Hop a lápis: a literatura do oprimido**. São Paulo: Editora do Autor, 2009.

CALLAI, Helena Copeletti. Estudar o Lugar para compreender o mundo in.: **Ensino da Geografia: práticas e contextualizações no cotidiano**. CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos(org). 5ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CAPEL, Horácio. **Geografia Humana y Ciencias Sociales: una perspectiva histórica**. Barcelona: Montesinos, 1989.

CARLOS, Ana Fani Alessandri . **Espaço-Tempo na MetrÓpole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e Periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo: Annablume, 2006.

CASTELS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos(org). **Ensino da Geografia: práticas e contextualizações no cotidiano**. 5ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Geografia do Espaço Turístico, como Construção Complexa da Comunicação**. (Tese de Doutorado – Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade. In.: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Lana. A geografia escolar e a Sociedade Brasileira Contemporânea. In: TONINI, I.M.; GOULART, L.B.; Martins, R.E.M.W.; CASTROGIOVANNI, A.C.; KAERCHER, N.A, Militz, R.E (orgs). **O Ensino da geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre:UFRGS, 2011.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado e a arte em Manifestações da Cultura no espaço. In:ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L.**Coleção Geografia Cultural: Um Século**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

COSTELLA, Roselane Zordan. As Práticas de Ensino nas Universidades: Um Espaço de Ensaio para a Vida profissional. In: TONINI, I.M.; GOULART, L.B.; Martins, R.E.M.W.; CASTROGIOVANNI, A.C.; KAERCHER, N.A, Militz, R.E(orgs). **O Ensino da geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre:UFRGS, 2011.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In. DUARTE, J. & BARROS, A(org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

END. Andar nas ruas. In.C, TONI.(org).**Hip Hop a lápis: a literatura do oprimido**. São Paulo: Editora do Autor, 2009.

FEFFERMENN, Marisa. **Vidas Arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico**. Petrópolis[RJ]: Vozes, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico**. V 1. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed.Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. Enesp, 2000.

GONZAGUINHA JR in CD: **Gonzaguinha da Vida**, EMI, 1979.

GUARESCHI, Pedrinho A. Educação, cidadania e comunicação. In. **Ensino Médio: mudanças e perspectivas**. CAVALCANTE, Marcia K. & SOUZA, Rui Antônio(org). Porto Alegre: EDPUCRS, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da Desterritorialização**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2007.

HALL, Peter Geoffrey. **Cidades do Amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2009.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. **Cadernos DAFA 76.nº02**. Abril. Porto Alegre, 1976.

KAERCHER, N.A. Das Coisas Sem Rosa Uma Delas é a Pessoa: As Geografias de Manoel a Nestor na Busca do Bom Sujeito professor. In: TONINI, I.M; GOULART, L.B; Martins, R.E.M.W.; CASTROGIOVANNI, A.C.; KAERCHER, N.A, Militz, R.E(orgs). **O Ensino da geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

\_\_\_\_\_. A Geografia Crítica – Alguns Obstáculos e Questões a Enfrentar no Ensino-Aprendizagem de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**. vol.28, nº 1. Jan/Jun. Porto Alegre, 2002.

LACHE, Nubia Moreno. Re pensar la enseñanza de la ciudad. Alternativa para la formación ciudadana. In: CAVALCANTE, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs). **Produção do Conhecimento e Pesquisa no Ensino da Geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico ao citar Ruth Benedict. **O Crisântemo e a Espada**, 1982.

LARRETA, Enrique. Transparências obscuras: pensar a complexidade no Séc. XXI. In: MENDES, Cândido. **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

LEÃO, Vicente de Paula, LEÃO, Inês de Carvalho. **Ensino de Geografia e Mídia (Linguagens e Práticas Pedagógicas)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

MAFFESOLI, Michel. Considerações Epistemológicas Sobre a Fractalidade. In: MENDES, Cândido. **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Textuais**. São Paulo: Coltrix, 1974.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. Da Necessidade de Um pensamento Complexo. **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº20. abril 2003.

\_\_\_\_\_. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

MORENO, Carrilo Rosângela; ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento Político dos jovens no Movimento hip hop. **Revista Brasileira de Educação.** Vol. 14, nº 40. Jan/Abr. Campinas(SP): ANPED, 2009.

MOSCOVICI. S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

PINTO, Kinsey Santos. **Representações Sociais Atribuídas ao (Sub)Espaço Geográfico Escola.** Dissertação (Mestrado em Geografia), Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

OLIVEN. Ruben George. A Antropologia e a Diversidade Cultural no Brasil. **Revista de Antropologia.** Nº 33, Porto Alegre: UFRGS, 1990.

ROESE, Mauro. A metodologia de Estudo de Caso. **Cadernos de Sociologia.** Revista do programa de Pós Graduação em Sociologia. Porto Alegre, v.9.p.189-200,1998.

ROLNIK, Raquel. O que é periferia? In.: **Revista Eletrônica Continuum/Itaú Cultural.** Ed. de 14.06. São Paulo, 2010.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena.** 4ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção.** São Paulo: UCITEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metrópole corporativa fragmentada.** São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Regina Bega dos. Movimentos Sociais Urbanos. **Coleção Paradidáticos.** São Paulo: UNESP, 2008.

SAUER, Carl. Geografia Cultural. In.: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny. (orgs). **Geografia Cultural: Um Século** (1). Ed. UERJ. Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Karen Roberta Soares da. **Geografia, Alfabetizar com Fantoques, é Só Começar!** Dissertação (Mestrado em Geografia), Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SILVEIRA, Oliveira. **O negro no Rio Grande do Sul.** MINISTÉRIO DA CULTURA – IPHAN e Fundação Palmares, Porto Alegre, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. A expulsão do paraíso: O paradigma da complexidade e o desenvolvimento sócio-espacial. In: CASTRO, I.; CORREA, R.L.(org). **Explorações Geográficas.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SUERTEGARAY, Dirce. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. In.: **Ambiente e Lugar no Urbano: A Grande Porto Alegre**. SUERTEGARAY, Dirce; BASSO, Luis; VERDUM, Roberto (org). Ed. UFRGS. Porto Alegre. 2000.

TONINI, Ivaine Maria. Livro Didático –Textualidades em redes? In: TONINI,I.M; GOULART,L.B; Martins,R.E.M.W.; CASTROGIOVANNI, A.C.; KAERCHER, N.A, Militz, R.E(org).**O Ensino da geografia e suas Composições Curriculares**.Porto Alegre:UFRGS, 2011.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo Etnografia no Mundo das Comunicações.In. DUARTE, J. & BARROS, A(org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

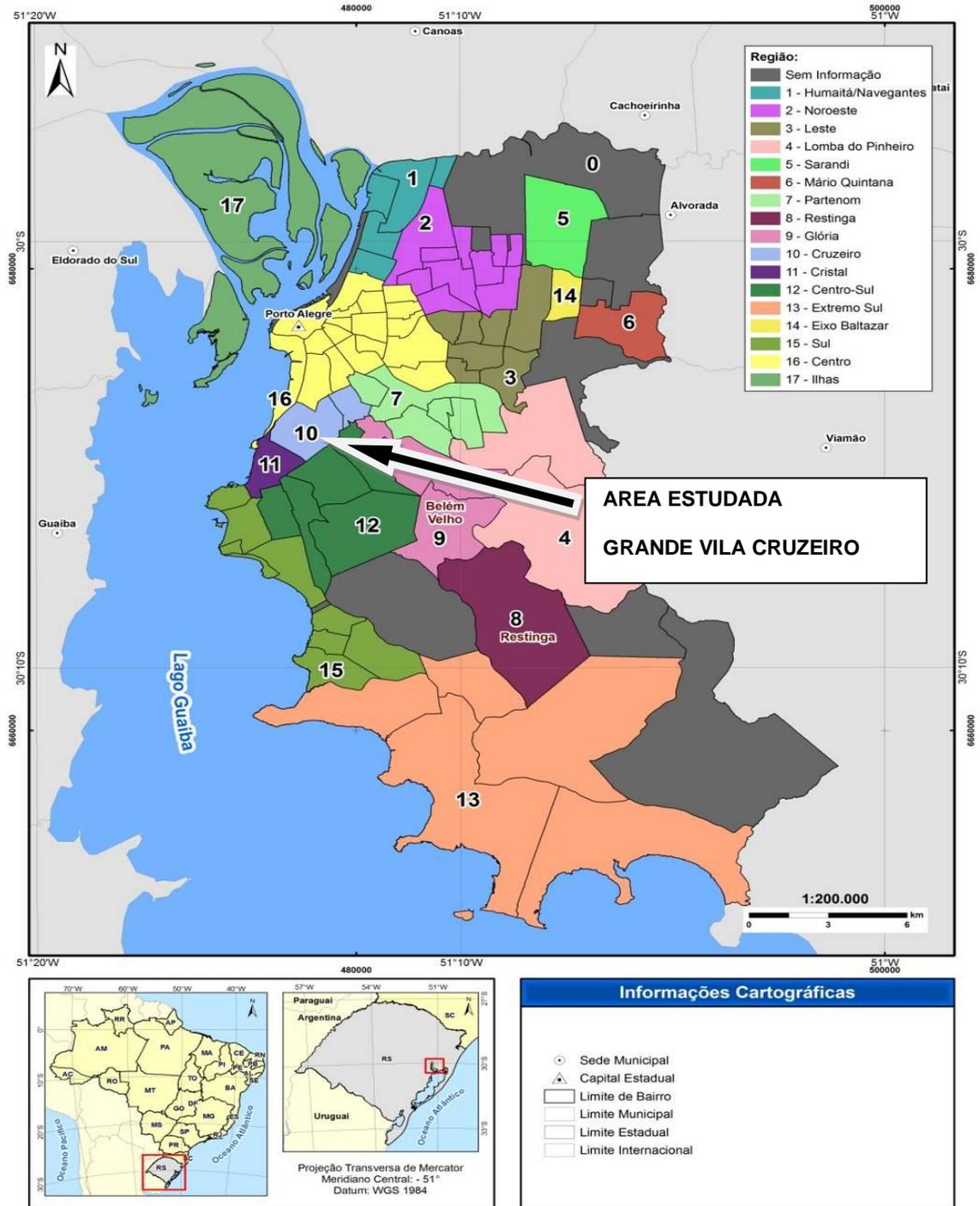
TRIVIÑUS, Augusto N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo:Atlas, 1987.

TUAN, Yu Fu. Topofilia-**Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

<http://hiphopnerds.wordpress.com/a-lingua-do-hip-hop/> em 15.11.2010

ANEXO:



Mapa 1 – Porto Alegre Fonte:

[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p\\_sistema=S&p\\_rop=10](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/default.php?p_sistema=S&p_rop=10)

**SÍNTESE DAS RESPOSTAS MAIS RELEVANTES APRESENTADAS PELOS SUJEITOS *RAPPERS* DURANTE O PROCESSO DA PESQUISA, REALIZADAS DURANTE O PERÍODO DE OUTUBRO E NOVEMBRO DE 2011.**

1 - O que representa para você morar/viver na Vila Cruzeiro? Você percebe alguma diferença entre este e outro lugar que você conhece, ou não? Qual a sua relação com os membros desta comunidade? Quais são os problemas e os conflitos que você destaca nesta comunidade?

2 - Você já conhecia o *hip hop* antes de atuar, ou não? Na comunidade, quem você conhece que pratica o *rap*? Sonha em ficar rico com o *rap*, ou não? Além do movimento *hip hop* você atua em outro movimento social, ou não? Qual?

3 - Para você, o que significa o *hip hop*? Em qual elemento você se enquadra? Como/onde você aprendeu a movimentar seu elemento? Você ensina para alguém a sua arte?

4 - Você 'desce para o asfalto' com sua arte *rapper*? Como as pessoas que não praticam o *hip hop* os enxergam? E os outros jovens não *rappers*? Já se sentiu discriminado?

5 - Você estuda ou não? Como o *hip hop* poderia contribuir para o ensino? Qual a área do conhecimento você mais gosta? E a geografia? Como você aprendeu Geografia? Se fosse Sujeito professor de Geografia, o que faria de diferente?

6 - Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse você acha que desperta a cultura *rapper* no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação a uma pesquisa como esta. Ou não?

**RAPPER CÉIA:** Meu nome é Céia, hoje com 30 anos, moro na zona sul, na Restinga há seis anos. Vai fazer sete, faz sei anos que danço, comecei no hip hop em 2006, mas curto o hip hop desde 92 quando eu ganhei uma fita, nesta fita continha algumas músicas da rap com NDi Naldinho, Racionais, Apocalipse 16[...]. E me casei e fui morar em Viamão, com 14 anos, e vivi lá por 10 anos. E nesse casamento de 10 anos eu tive três filhos, hoje um está com 15, um está com 12 e o outro está com 10, só que foi um casamento muito difícil. Não tinha amigos, tinha muito pouco contato com os parentes, e nesses dez anos me envolvi muito com as

crianças. Até que eu conheci uma família que veio também da periferia aqui, do Belém Velho, que foi morar em. Já tava em Viamão há mais de cinco anos, ela mãe de nove filhos, o que mais me chamou atenção que ela tinha 34 anos e cantava rap, e fez com que os filhos dela, mais velhos, que regulam de idade comigo, que um hoje já é falecido, por causa das drogas, mais foi um cara que dançava e cantava rap e fazia rap de improviso no pátio, e eu lavava roupa e ficava ouvindo, e aí, um dia, eu disse assim- mas eu conheço esse rap que ele tá cantando. Dalí nós começamos a se encontrar, todo o fim de tarde pra tomar café, e conversar e curtir um rap. [...] Meu ex- marido, pai das crianças era contra, não, não gostava, e aí foi que em acabei em 2004 voltando a estudar, em um ano e meio eu conclui o segundo grau, prestei vestibular na PUC, fiquei em sexto lugar no vestibular na PUC ali, pra Filosofia, mas foi onde eu quis avançar quis evoluir profissionalmente e ele não permitiu onde a gente teve uma briga séria e que tive que fugir de casa e morar num abrigo por dois meses com as três crianças tive que abandonar minha casa que era minha lá em Viamão, e vim parar por um parente que me emprestou a casa na Zona Sul e chegando à zona Sul dia 17 de fevereiro de 2006 eu comecei a procurar escola pra botar as crianças e vi um cartaz na escola, Alberto Pasqualini, Alberto Pasqualini, o nome da escola, e nesta escola eu disse, não, mas eu vou trazer as crianças no domingo, já que a gente não conhece ninguém, aqui, o cartaz era Oficinas de Hip Hop da Escola Aberta, e aí, eu fui levei as crianças e as crianças meio que não deram muito importância, e cheguei lá e vi aquele, um grupo de 15 meninos, uma oficina com mais de trinta crianças, fazendo strit dance, no outro domingo eu fui, no outro domingo eu fui, até que eu peguei e chamei um dos oficinairos que era responsável por esta oficina, o Juquinha, onde pedi para ele me ensinar alguns passos, porque como eu tinha ficado solteira há pouco tempo, eu pensei pra mim, eu quero, vou começar a sair, interagir com outras pessoas, eu quero aprender a dançar alguma coisa, e no fim eu vi que naquele grupo, com quinze homens não tinha uma mulher, ali com eles, e aí eu vi que eles tinham uma deficiência nesse fato, e o strit dance também, porque as meninas não se encarnavam porque é uma dança difícil de treinar, de persistir, é uma dança que até pros homens é difícil, tem que ter persistência, senão não consegue, e aí eu peguei e digo não eu vou me encarnar e vou continuar a dançar, e dancei um ano, tranquei a faculdade, fiquei um ano e meio, dancei de graça nesta comunidade, fiz

trabalhos sociais, de graça e me orgulho muito disso porque foi o recomeço da minha vida, e dos filhos também, fiz com que os três dançassem, mas só dois ficaram a menina muito tímida, não quis continuar... e a diferença entre de morar na periferia pra uma cidade ou pra aqui no centro, onde tem a classe média alta, não há diferença alguma, porque eu consegui viver nessa periferia que é uma das maiores e que tem problemas também sociais, como qualquer outra, mas também tem pessoas que trabalham e assim como eu, eu consegui botar um pé dentro da faculdade, eu consegui ter a casa minha própria, eu consegui ter as coisas dentro de casa, tudo isso dançando [...] HH pra mim hoje ( muita emoção...os olhos marejados...)....eu não tenho palavras pra dizer o que é o hip hop pra mim hoje...se não fosse o hip hop ( pausa) eu não estaria aqui...com certeza...porque quando eu vim de Viamão...eu tive três tentativas de homicídio e eu não tivesse assim, o apoio do governo, ou da sociedade, ou de pessoas que me encaminhassem pra um psiquiatra, porque até mesmo problemas psiquiátricos, porque eu e as crianças sofremos com aquilo ali durante dez anos, nós fomos oprimidos e a cultura hip hop ela me ajudou a me manter esses dez anos, foi ela que abriu meus olhos pra fazer eu estudar, porque tem uma das letras de rap que diz assim “ que a gente podia ser o que a gente quisesse, os diplomas podiam ser pra qualquer pessoa, a gente pode chegar onde a gente quiser, não existe limitação por falta de dinheiro ou por uma roupa, ou por uma casa, ou por um ambiente melhor do que”...não tem, a gente pode fazer o que a gente quiser, é só ter força de vontade, e o hip hop fez isso, hoje, assim como eu e muitos outros que estão aí, nessa cultura só conseguiram estar, porque a gente contraria as estatísticas, na verdade. (Pesquisador)... Me senti muito discriminada, e quando entrei no mundo da dança também...(pesquisador) pelo fato de ser mulher, tá dançando há seis anos aí...dançando há cinco anos, eu fui a São Paulo onde a gente teve uma palestra, onde uma by-girls lá de São Paulo não sabiam que existia by girl no RS, porque aqui os by boys que conseguem sair daqui pra fora, nunca divulgaram, nunca falaram que aqui havia by girl aqui, que existe este trabalho que a gente faz, que a gente faz oficinas, que a gente dança, que a gente desenvolve vários projetos, isso nunca foi falado. Foi falado, foi citado, mas não especificamente que existia mulher envolvida no meio, tanto no rap como também na dança, no grafite também. (pesquisador) to com a faculdade trancada, tranquei em junho do ano passado, pra

retornar em julho deste ano. (pesquisador)... Assim como...eu..eu parei na Universidade, pra mim colocar o pé na universidade também eu...se..eu acredito, se deus nosso senhor quiser eu vou me formar, vou ser a primeira mulher, em dança, em strit dance a se formar na faculdade, e lá, também, claro que o público da universidade é diferente, mas eles conseguiram um pouco absorver um pouco do que é o hip hop, e pra ajudar na educação, com certeza é se doutrinar, hoje a gente não tem..no ensino médio, no fundamental, assim, dentro das escolas não falam em hip hop e como eu te falei, no início, se não fosse o hip hop eu não tinha colocado o pé numa faculdade, então com certeza ele me ajudou a ingressar numa faculdade e também estudar, o hip hop tem o quinto elemento que é o conhecimento. (pesquisador) O quinto elemento, o quinto elemento, vamos supor, eu sou boy girl, eu não posso simplesmente pegar uma música, um rádio e sair por aí, dançando, na verdade cada passo que eu faço tem origem, tem um nome, tem significado, e tem a pessoa que criou então eu não... então pra isso eu vou ter que estudar, eu não posso criar uma sequência, que é o que a gente tem, sem estudar os passos básicos de quem criou, nos Estados Unidos em 1973, que começo lá, que começou lá em São Paulo, que começou aqui em 1983, se eu não me engano, aqui no RS, então tu tem que estudar, a mesma coisa o cara que toca música...o quinto elemento é isso, ele tem que cantar, tem, ele tem que falar da realidade que é hoje, aqui, mas ele também tem que estudar música, e assim é o DJ, assim é o grafite, isso também faz parte da cultura hip hop, o quinto elemento que é o conhecimento.

**MANO OXI** - Meu nome é Agnaldo Camargo, tenho trinta anos e há mais de quinze sou ativista da cultura hip hop no estado do Rio grande do Sul e também no Brasil. Eu comecei pela cultura mesmo, dançando e fazendo poesia. Depois comecei a me dar conta dos problemas que haviam na nossa comunidade, daí me engajei junto com a Associação de Moradores e daí comecei a participar mais da vida da comunidade [...] A gente vive todo o tipo de problemas, desde a falta de ônibus pros lugares mais distantes, até a cooptação *pro* tráfico. Eu já trafiquei, já tive do lado obscuro. Não é fácil a gente não ter orientação, se sentir sozinho porque lá é assim, existem situações que te empurram pro delito. Isso é muito complicado. Todo mundo quer se dar bem, e a gente também quer ter nossa roupa

bonita, e coisa e tal, entende... eu tenho uma relação de amor com a Vila Santa Tereza, mas também de muita tristeza, porque perdi muitos amigos meus, a gente se criou desde pequeno e infelizmente perdemos pra droga, pro tráfico. Sou oriundo do Morro, minha família mora ali, na Rua Nossa Senhora do Brasil, no Acesso 19, viver na periferia é muito diferente porque existem muitos becos, ruas apertadas... [...]. O que liga tudo e é esse quinto elemento que faz com que a gente cresça intelectualmente dentro da periferia, quando a gente percebe não é mais aquele negãozinho revoltado, continuamos tendo uma revolta, só que a gora nossa revolta é de uma maneira mais inteligente, ela perde a agressividade e prepara a gente pra viver com as pessoas de maneira mais civilizada, conhecendo nossa ancestralidade, da história do Brasil, a constituição brasileira, a história da política no Brasil. Isso é uma questão de tempo, quem prepara tudo isso é o quinto elemento. [...] Nós vivemos num país que discrimina as pessoas, discrimina o gay, discrimina o negro, discrimina o pobre, discrimina o gordo, enfim, discrimina todas aquelas pessoas que não fazem parte daquele padrão estético e não fazem parte daquela classe social, então a gente vive num país rico, lindo e maravilhoso, só que é um país racista, um país extremamente homofóbico, e extremamente fascista em muitos dos espaços[...]. Boa parte das informações que a 'aula' da pra gente são defasadas. É complicado tu estar em sala de aula, e pra ser aceito tem que ter um bom tênis, ter uma boa roupa, tu não pode tá fedendo, e daí as pessoas falam: *não tem higiene, não tem isso, aquilo*. A maioria das crianças da periferia não tem nem comida, quanto menos um desodorante, uma roupa legal, um tênis legal, quanto menos um estado de espírito legal. A escola precisa se adaptar a esta realidade, ela não pode exigir de uma criança que tem tudo, de uma criança que não tem nada. Ela não pode exigir de uma criança negra, que sofre todo o tipo de preconceito o mesmo que exige de uma criança branca de olho azul, essas coisas precisam ser revistas pra gente não perder nossas crianças pro tráfico, pro crime [...] É muito difícil tu ir pra uma sala de aula estudar com a barriga roncando, ter convívio com outras crianças quando, na tua casa aconteceu uma desgraça, que ninguém sabe, mas tu sabe! Essas coisas todas vão perturbando a gente, não é atoa que todos os anos milhares de crianças saem de dentro das salas de aula pra rua, é preferível ir pra rua trabalhar, traficar, roubar do que ficar dentro de uma sala de aula sendo *tirado*, gozado, às vezes pelos próprios professores [...]. Acho que o

hip hop é uma tecnologia social, que pode estar a serviço da educação, da cultura dos direitos humanos, da segurança pública, da ciência e da tecnologia, certamente na Geografia ele pode dar uma grande contribuição. Pode despertar nos jovens a questão do meio ambiente, cada vez mais estamos vivendo, na Geografia, lugares sumindo, desaparecendo, a Geografia vai ser alterada pelo aquecimento global... o hip hop pode alertar, pois nos próximos os vamos ter mais refugiados por catástrofes naturais do que pela guerra[...].

**MANO FINO** – Meu nome é Jéferson, tenho 29 anos, canto Rap. Sou ex-drogado, já fui morador de rua, já fui ladrão, traficante, tudo que tem que ser, nessa vida de favela, já fui. Quando eu comecei no crime, nas correrias, eu morava na Cruzeiro, na Vila Pedreira, depois fui para Alvorada, de lá fui pra Vila Dique, Vila Nazaré – na Sertório, um dos piores lugares pra se viver em Porto Alegre. Este lugar é sobrevivência! Vi muitos gurizinhos lá, de dez anos tomando ‘tunico’ na veia, criança que era pra estar com a família, comendo, vivendo, estavam lá... eu vi eles sofrendo. Ao invés da escola era cocaína direto na veia. Eu conheci o rap, ainda pequeno, e aqueles momentos do rap era quando eu saía das correrias, que me deixavam com mais esperança de viver[...]. Já participei de uma correrias e em Porto Alegre o rap está crescendo, a gente às vezes tem vontade de desisti, porque a tentação pra coisas ilícitas tão sempre batendo na nossa cabeça... [...]

**MALICK** – Meu nome é Kleber, tenho 31 anos, sou integrante da Nação Hip Hop Brasil[...] a importância de morar na Cruzeiro – é bom e ruim. Bom porque a gente faz amizades, desde pequeno, se relaciona com a vizinhança, faz parte daquilo ali, mas não é muito bom, por outro lado porque a gente vive entre a cruz e a espada, é muita violência, muito droga, muita correria. É isso, um lugar que não é muito diferente de outros lugares que a gente conhece por aí[...]. Quando eu comecei a me interessar pelo rap, eu era quietinho, ficava na minha, mas ouvia muito os manos rimando...me dava uma vontade de sair alopando, e queria fazer tudo ao mesmo tempo, daí fui vendo que não é bem assim, que é preciso ter calma e o segredo está no ouvir e respeitar o que o irmão está comunicando com a gente, pois o movimento hip hop é mais do que cantar, do que lançar uma rima bem feita, e tal, é preciso dar uma mensagem, mínima que seja, pois senão o movimento se

torna apenas um movimento, sem sentido. O certo é que com o tempo a rapaziada se dá conta que não é só sair por aí dizendo que curte rap, que é do hip hop, é preciso saber por que se é do hip hop, porque fazemos o movimento pra não ficar no vazio, aí é que o certo, digamos assim. Eu por exemplo, nesta correria conheci quem é Lênin, Che Guevara, Malcolm X, Marx. [...] nesta luta diária a gente sofre racismo, porque o racismo é uma doença, eu acho que a sociedade reproduz isso, imagina na escola como deve ser?

**WHITE JAY** – Sou MC e VJ, além de fazer uns correr na produção de muitos manos, CD, essas coisas[...] bom, falar do lugar onde a gente vive, até parece fácil, porque a gente tá ali, todo o dia que às vezes nem se dá conta[...] mas é difícil, quem diz que é fácil tá mentindo ninguém gosta de viver num lugar onde não se tem condições para a gurizada jogar bola, pra dançar, se divertir. Quem gosta? A gente vai levando, vai usando a rua como campinho de futebol, como palco para divulgar nossa cultura, vai se juntando nas esquinas para formar nossa plateia, vai trocando ideias. É assim que a gente faz. Ninguém, em sã consciência gosta que viver na favela porque gosta de cheirar esgoto, de ver neguinho morto, de ver as minas se prostituindo, criança cheirando loló. Viver aqui é uma guerrilha, todos os dias, mano. [...] O hip hop é conheci desde guri, no começo a gente não tinha muita ideia de onde isso ia dar...ficava ali, dando banda com a rapaziada pra ver onde ia dar...hoje a correria é grande porque a gente sempre tem uma atividade pra cobrir, seja em Alvorada, em Campo Bom, na Restinga, lá na Lomba...e se a gente não for não é a RBS que vai, temos que cobrir pra divulgar nossas correrias, nossa arte que é sempre discriminada também.[...] acho que o hip hop pode salvar muita gente...[...] já fiz uns corres pra cobrir os mano que fazem rap no presídio ( refere-se ao Programa Hip Hop Sul, da TVE, é um dos apresentadores do programa)...[...] muito pai de família que se perdeu por ninharia, por bobagem...vacilou e teve que pagar por aquilo, entende...

**JUNINHO** - Eu fui um cara que não estava nem aí pra nada, eu só queria ficar em casa comendo, jogando vídeo game, caçando passarinho, sabe, eu não tava nem aí. Depois que eu me envolvi com a cultura hip hop a minha vida se transformou da água pro vinho, porque eu era um cara gordo, as pessoas passavam o tempo todo rindo de mim, eu não tinha amigos, eu não conversava com ninguém. Eu comecei a dançar, então, o mundo todo são meus amigos, eu posso sair daqui, lá pra Montevideú, tem lugar pra mim ficar, eu posso sair daqui e ir pra Bahia que eu tenho lugar, então hoje em dia a cultura hip hop me forneceu muita informação ao ponto de eu ser uma pessoa de tipo, bom relacionamento, que aonde eu chegar eles vão me receber ao natural. Ela ajuda a pessoa ter uma autoestima, a confiar em si próprio, a acreditar no seu sonho. [...] A gente vive viajando muito, graças a deus, e a gente vai viajar muito mais... a gente passou agora em Campinas representando o Estado, onde foi à única Crew do RS que passou, ficando entre os vinte e sete melhores grupos do Brasil – da América Latina, não teve só grupos do Brasil, teve grupos de toda a nossa redondeza aí, e grande privilégio por estar lá representando o nosso estado, foi uma honra ir até lá e fazer o nosso melhor, ano que vem a gente vai estar lá fazendo melhor do que a gente fez este ano, a gente esteve em Montevideú, à gente esteve na Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, estivemos em (pausa para lembrar)... em Diadema, em São Paulo nós tivemos em vários partes (Seco auxilia), em vários Bairros, graças a deus a gente tá tendo um reconhecimento forte dentro da cultura hip hop até porque a gente não é só, a gente não sobrevive só do B.boy, a gente sabe de tudo um pouco, a gente não sabe tudo, mas a gente procura saber assim, os pontos mais importantes, porque não adianta a gente só ensinar a dança, porque se a gente representa a cultura hip hop a gente tem que saber no mínimo os quatro elementos, uma base por cima...[...]Na verdade não é, não dá pra dizer que é obrigação, é uma responsabilidade, é uma coisa que é ao natural, a gente gosta de fazer, até porque o hip hop não é só isso, tu aprender e ficar pra ti, é transmitir isso pra frente, de certa forma aqui no RS a gente faz isso muito bem, pra outros estados isso é meio limitado, assim, eles não conseguem este acesso assim pra transmitir a informação, não que eles não queiram, eles até querem mas não conseguem transmitir essa informação, aqui no nosso estado a gente consegue perfeitamente, pra nós isso satisfaz bastante, tu tá transmitindo, tu tá

passando adiante o hip hop, não só o b.boy, mas o hip hop enquanto cultura, mesmo...[...] eu acho tudo muito importante à gente tá fazendo oficinas em escolas, em comunidades, em centros comunitários porque a cultura hip hop sobrevive através disso, através da oficina, através do bate papo, através da brincadeira, isso é uma satisfação, cada vez, cada local que a gente vai fazer uma apresentação e uma oficina, aquilo é uma vitória, não que é obrigação, não é obrigação à gente fazer isso, é prazeroso pra nós dar oficina.

**JEAN** - Então esse lance de comunidade infelizmente está representado por separatismo, porque antes era periferia, aí, o hip hop valorizou a o termo periferia agregando valores. Então os intelectuais em formação nas universidades começaram com o lance de comunidade, que é oriundo das moradias nos morros do Rio. Então nós que buscamos socializar a vida a partir do entendimento que o hip hop propôs fica agora taxado de comunidades. Eles pensam assim: mano é o barato fala e ouço, mas não sou igual a você então não preciso fazer nada, é isso. Só que muitos serão os empresários ou políticos que fingem não morar no Brasil.. Então sou morador da periferia, que seria relação de gueto. Agora atuação política o hip hop está tudo inserido, ele transformou a raiz cultural do Brasil, sendo a voz de quem, muitos querem como mudos. [...] ele nos ajuda a buscar a autonomia que é foda conseguir. A grande revolução histórica da década considerada perdida auto estima. Veja quem luta hoje os bancos das universidades, se for pobre uma letra qualquer de rap o estimulou, mesmo que hoje ele negue. Isso politicamente e historicamente não qualquer coisa num país que tem a base racista, escravocrata, machista, corrupto entre outras coisas que os heróis não festejados lutaram e lutam contra. A maioria... [...] O bem comum para maioria. Entender o que significa emancipação humana. Então como somos propagadores de valores, estamos inseridos em todos os movimentos, isso é maior que o movimento estudantil da tal ditadura. Que alguns desta época são hoje os que prendem várias gerações em presídio e deixam morrer com drogadição, esses abandonaram a transformação porque tornaram ou já eram conservadores. Os jovens da periferia, contrário do que muitos dizem não perderam sua cultura, ao contrário, ganharam voz, vamos colher aos poucos os frutos de nossa batalha desigual, pois afinal é preciso agir, produzir conhecimento, erguer as mãos numa corrente que nos liga como aço na construção de um mundo melhor.

**TONI C** – Moro no Bairro do Limão, Zona norte de São Paulo, tenho 32 anos e atualmente me dedico a escrever, principalmente dentro do quinto elemento da cultura hip hop [...] morar na periferia Representa viver. Nunca morei em outro lugar, não sei como é. A periferia é meu lugar. [...] todos os lugares são diferentes. Tem suas peculiaridades. Da mesma forma que não há duas pessoas iguais, cada lugar é único. Nasci aqui onde moro, minha avó nasceu aqui, meu pai viveu aqui a vida toda. Tenho um vínculo com esse lugar. Aos 16 anos fomos expulsos daqui e fui morar em Carapicuíba, foi necessário mais 16 para eu retornar para o mesmo lugar que hoje é um condomínio. Tenho pouco contato, pela mudança ser relativamente nova, por passar pouco tempo aqui e devido a certo estranhamento. Mas é como se eu ganhasse muitos novos vizinho. Afinal aqui nasci aqui fui criado. Não vivo numa comunidade e sim num condomínio. São palavras parecidas, mas não iguais. Tudo é diferente e os problemas e conflitos são relatados ao síndico e/ou discutidos em reunião de condomínio. Mas vou me dando conta que conhecer o Hip-Hop é atuar. A força, o ritmo, a inovação e a ousadia dessa cultura. [...] Comunidade para mim não é um área geográfica, é uma relação de identificação. Na comunidade Hip-Hop em que vivo, conheço muitos rappers[...] Nunca fiz voto de pobreza, mas ficar rico não é minha pretensão e se fosse não escolheria o rap[...] Fiz parte do movimento estudantil quando era estudante secundarista. Sou militante político e trabalho num portal de esquerda [...] É uma maneira de enxergar o mundo, uma filosofia de vida, arte, cultura, entretenimento, educação e um movimento social. A história é dividida em diversas eras, que determinam a forma de pensar daquele tempo. Assim existiu o classicismo, o barroco, o renascentismo. A academia diz que vivemos no pós-modernismo, o período do fim da luta de classes, da certeza, o fim da história. Eu acredito que vivemos na era do Hip-Hop, a história escrita por todos, das letras de rap as redes sociais, dos saraus nas periferias aos livros escritos na beira das ruas, essa cultura que brota dos “de baixo”. Quando eu era criança me ensinaram que eu vivia no 3º mundo e hoje agente ensina os países ricos a enfrentar uma crise global que eles estão criando pra mim tudo isso é Hip-Hop. É Tudo Nosso! Sou DJ de origem. Mas hoje sou reconhecido por minha escrita.

**LETRAS DE RAP EMPREGADAS NA DISSERTAÇÃO:  
Letra do Rap: Justiça Divina – DNA (DINIASTIA NEGRA ABSOLUTA)**

Eu disparei três *veís*, um dele eu peguei,  
É só mais um pilantra que se vai  
Desse mundo sem lei,  
A vida na favela não ter valor humano,  
Respeito se adquire da ponta de um cano.

Por um pai de família, homem de bem,  
Mexeu com o sangue da gente  
Parte dessa pra além.

A DML chegou, defunto já tava frio,  
Polícia perguntou,  
Ninguém sabe, ninguém viu,  
O parceiro nosso foi ferido  
Pro HPS socorrido a tempo  
E até hoje não se esquece.

Bem que poderia, naquele domingo de azar  
Ser um engano...

Era em outro lugar, eles erraram o alvo  
Era no beco de cima: Acesso B, casa sete.

João da Oficina, *treta* antiga,  
Desmanche, pirataria, só se adiantava  
E não pagava os manos que devia,  
E a verdade é essa, a gente põe na mesa  
Se fizemos o que fizemos foi em nossa defesa.

Diz, me diz, me diga, quem deve julgar,  
Você se ponha em nosso lugar,  
Se tá na pele, na carne, se tá no osso  
O sentimento de culpa com a corda no pescoço.  
Bateu martelo – Foi dada a sentença.

O júri confirmou: legítima sentença.  
Graças a deus, não tínhamos nada a ver  
Se a gente fez o que fez foi pra se defender.

Eu sinto muito, um dos caras foi pro além,  
Antes dele do que eu, você faria também!

Não tive dó, mas eu tenho sentimento  
Será que tinha família?  
É isso que eu lamento.  
Na hora da raiva, do ódio, você não pensa  
Passam milhões de coisas na sua cabeça.

O sangue ferve, o medo toma conta,  
O coração acelera, então você aponta  
Puxa o dedo, o estampido é muito forte.

Está aberto o portal, entre a vida e a morte!  
É bem difícil depois de você acreditar  
Que a vida de um ser humano  
Você acabou de tirar.

Em um minuto se aglomera uma multidão.  
Alguns contra, outras me dão razão.

Baixo a cabeça, penso no que aconteceu  
Eu tenha sido talvez a ferramenta de deus,  
Olho pra frente, o passado eu deixo pra trás  
Esse domingo eu nunca mais quero lembrar.

## Letra – MALANDRAGEM - Rapper Pirata CD Triunfo

A malandragem teve um grande significado no meu passado  
lembro dos meus amigos e considerados  
meu irmão, meu companheiro Edson, Ricardo, Palmerinha, Tico, Lito, Nasser e  
outros mais...

Todos nós éramos manos e aliados  
estávamos num mundo discriminado  
por professores, diretores e outros putos dessa sociedade  
que nos chamavam de bandidos e elementos  
para esses coitados dou lhes os meus lamentos  
sabíamos que éramos garotos perdidos na adrenalina  
do perigo dessa enorme cidade paulistana  
que fica abandonada no final de semana  
só que com a gente ela era movimentada  
nós curtíamos, zuavamos não parávamos  
o barulho de nossas motos, carros e brincadeiras perturbavam  
aguas pelas janelas de prédios eram jogadas lá na Barão  
ai quando não via o camburão  
e ficávamos no paredão em plena tarde de verão  
os tiras nos revistavam  
armas em nossas cabeças eles apontavam  
às vezes uns davam mancada e a erva em seu bolso era encontrada  
para a delegacia ia toda a molecada que depois de horas era liberada  
por sermos de menor  
só que levamos tapas e muros sem dó  
de uns canas drogados  
o fragmentos branco em suas narinas o denunciavam  
eles levaram uns de nós para o outro lado  
onde o passaporte é à bala e a voz se cala...  
Havia muitas mulheres com nós  
como a Simone, Suzi, loca lara, Batatinha e outras lindas mulheres  
que entraram em nossas tretas  
dançavam em nossas festas  
já se foi uma adolescência de se dar inveja  
com a grana financiada pela nossa firma robauto  
que vendia a nossos cliente intrujões  
eles compravam em nossa mãos tocas, vídeos e outros objetos de valores  
a pedrita era nossa ferramenta de produção  
em fração de segundos vidros de carros estavam no chão  
tínhamos chegado ao ponto cri da vida do crime  
éramos da Santa Cecília, Pirelli, Casarão, Liceu, Guaianazes, Boca  
sentimos o amargo da vida loca  
principalmente quando uns as drogas começou a curtir  
boa parte da malandragem já não está mais aqui  
foram batendo suas asas no sentido do céu  
lado ruim, lado cruel.

O tempo foi passado  
a década dos dez ia se acabando  
muitos com Deus foram morando  
Molinari, Tutu, Fuscão  
outros nas drogas enlouqueceram  
diversos trocaram as ruas por espaços pequenos de celas  
a profecia se completa  
a malandragem um dia acaba  
hoje nas ruínas eu passo  
onde a decadência tomou conta do pedaço  
ela contabiliza junto com a melancolia da severa pedra  
até a maldita doença do sangue os levam  
os tantos que nesse presente são poucos  
acreditamos na glória que nos deixa com a corda no pescoço  
e nos dá um troféu de madeira  
a malandragem já não tem mais beleza  
igual as das moças que a perderam  
por estarem desfilando nas passarelas das avenidas  
hoje estão magras e amarelas  
na busca da grana para sustentar o seu vício ou seus filhos  
por querem ser as malandradas  
conhecemos muito cedo o sistema capitalista  
que fez camarada atirar em camarada  
caímos na roubada que nos resume a cada hora que se passa  
deixando o centro totalmente sem graça  
foram-se garotos que não tornaram-se homens  
qualquer dia a morte sorteia o meu nome  
eu pedi para as forças divinas me tirar  
desse maldito dito que temos que ser  
o mais vivo dos malandros  
meninas e meninos foram se afundando  
na areia movediça da podre vida bandida  
cheia de trapaças  
quando a malandragem acaba...

<http://soundcloud.com/rapperpirata/malandragem>.

<http://www.myspace.com/rapperpirata>. <http://rapperpirata.blogspot.com>. Orkut

clique <http://www.orkut.com/Home.aspx?xid=1849091096719757289>. Acesso em

02.01.2012.

## DEPOIMENTOS DAS PROFESSORAS DA ESCOLA ARAMY SILVA:

As questões que queremos saber, a partir de nosso objeto pesquisado:	As perguntas que faremos para nosso público alvo:
A influência que desperta o lugar onde trabalham os profissionais em educação a partir de suas vivências em suas representações e subjetivações.	O que representa para você trabalhar nesta comunidade? Você percebe alguma diferença entre este e outro lugar que você trabalha/ou? Qual sua relação com os membros desta comunidade? Que problemas e conflitos você destaca nesta comunidade?
A prática do rapper, a partir de olhar do 'outro' favorece os desejos e interesses para além do aspecto afetivo.	Você conhece o hip hop? Conhece, na comunidade, alguém que pratica o rapper? E na escola, alguém é atuante da cultura hip hop? Você considera que o hip hop contribua para a modificação do sujeito?
A percepção do olhar externo sobre a comunidade, a possível influência da cultura rapper e o fazer cotidiano no ensino aprendizagem.	Como você enxerga os sujeitos que praticam hip hop? Qual sua percepção sobre os jovens da periferia? Já se sentiu discriminado (a) por trabalhar nesta comunidade? Como é seu cotidiano de trabalho? E suas aulas, você pode me falar como elas funcionam? Se você pudesse fazer algo diferente, estaria aberto (a) a propostas?
A cultura rapper como facilitadora do ensino aprendizagem na Geografia e demais áreas do conhecimento.	Você estuda atualmente? O que é Geografia para você? Você acha que o hip hop poderia contribuir para o ensino da Geografia ou não? Se fosse um rapper utilizaria a Geografia em sua aula ou não?
O contato com a pesquisa da academia como uma aproximação da cultura popular rapper e a retroalimentação do saber contemporâneo.	Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse você acha que desperta a cultura rapper no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação a uma pesquisa como esta. Ou não?

**Tabela 6 – Roteiro de Entrevista para os sujeitos professores com adaptações.**

Eu trabalho com esta comunidade há cinco anos, desde que comecei a lecionar na escola Aramy Silva. Com relação a outras comunidades que trabalhei, acho que esta aqui é um pouco mais organizada, mas, sinceramente, não acho que a escola seja muito inserida nesta comunidade, por isso às vezes não me sinto próxima a ela. Os maiores problemas que percebo na comunidade são com relação à violência, em casa e na rua.

Conheço o hip hop, mas não conheço ninguém nesta comunidade que seja atuante no hip hop. Acho que o hip hop, como qualquer outra forma de cultura auxilia as pessoas a se expressarem e a atuar na sociedade.

Creio que o hip hop é muito útil nas minhas aulas, já que eu sou professora de Inglês e a origem do

movimento é americana. Já utilizei algumas coisas do hip hop nas minhas aulas, mas não foi muito fácil de trabalhar com ele, porque as letras das músicas contêm muitas gírias e expressões que são novas para os alunos, ~~mas~~ além de serem cantadas de forma muito rápida, o que prejudica a compreensão dos estudantes. Apesar disso, todos os alunos gostam muito quando trabalho hip hop com eles, pois ~~ele~~<sup>eles</sup> identificam com essa cultura.

Claro que a Geografia contribui muito para a cultura hip hop, assim como também contribui em outras áreas. Penso que o maior valor desta pesquisa está em aproximar o mundo acadêmico do mundo informal e contemporâneo do hip hop. Acredito que eles tem muito a contribuir um para o outro.

Ana Lúcia de Almeida Machado

As questões que queremos saber, a partir de nosso objeto pesquisado:	As perguntas que faremos para nosso público alvo:
A influência que desperta o lugar onde trabalham os profissionais em educação a partir de suas vivências em suas representações e subjetivações.	O que representa para você trabalhar nesta comunidade? Você percebe alguma diferença entre este e outro lugar que você trabalha/ou? Qual sua relação com os membros desta comunidade? Que problemas e conflitos você destaca nesta comunidade?
A prática do rapper, a partir de olhar do 'outro' favorece os desejos e interesses para além do aspecto afetivo.	Você conhece o hip hop? Conhece, na comunidade, alguém que pratica o rapper? E na escola, alguém é atuante da cultura hip hop? Você considera que o hip hop contribua para a modificação do sujeito?
A percepção do olhar externo sobre a comunidade, a possível influência da cultura rapper e o fazer cotidiano no ensino aprendizagem.	Como você enxerga os sujeitos que praticam hip hop? Qual sua percepção sobre os jovens da periferia? Já se sentiu discriminado (a) por trabalhar nesta comunidade? Como é seu cotidiano de trabalho? E suas aulas, você pode me falar como elas funcionam? Se você pudesse fazer algo diferente, estaria aberto (a) a propostas?
A cultura rapper como facilitadora do ensino aprendizagem na Geografia e demais áreas do conhecimento.	Você estuda atualmente? O que é Geografia para você? Você acha que o hip hop poderia contribuir para o ensino da Geografia ou não? Se fosse um rapper utilizaria a Geografia em sua aula ou não?
O contato com a pesquisa da academia como uma aproximação da cultura popular rapper e a retroalimentação do saber contemporâneo.	Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse você acha que desperta a cultura rapper no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação a uma pesquisa como esta. Ou não?

Tabela 6 – Roteiro de Entrevista para os sujeitos professores com adaptações.

- Artes
- Ter vindo trabalhar nesta comunidade tem um significado muito grande pra mim. Trabalhei em comunidades muito violentas e bem mais isoladas. Já conhecia a história do bairro e sabia que a comunidade era mais receptiva e a escola com tranquilidade e sem conflitos. Não vejo grandes conflitos, pelo experiência que tenho. Percebo a grande distância do escola desta comunidade. Poderíamos estar bem mais próximos.
  - Não conheço muito do hip hop e nem quem pratica hopper. acredito que toda a fama ou experiência de arte pode, se o sujeito desejor! contribuir para sua modificação ou crescimento, transformações.
  - Não percebo discriminação nestes aspectos, não vejo diferença entre os alunos pois não conheço quem pratica. Quanto estar aberto estar sempre aberto a

propostas diferentes que possam contribuir para que os alunos desta comunidade cresçam e se sintam mais felizes.

- Quanto a contribuir com o Geografia... bem, penso que tudo este ligado não sei muito o que é um rapper... mas vivenciamos a Geografia cotidianamente portanto imagino que sim.

- Com certeza deves despertar muitos interesses pois são práticos, conhecidos, hábitos, músicas, solidões, grupos de pessoas que têm uma prática que influenciam outros grupos, que inseridos numa comunidade criam uma CULTURA que deve ser conhecida pois vai gerando outros saberes e etc, etc, etc. . . .  
plena

Professora de Língua Portuguesa – Escola Aramy Silva  
10 meses na Rede

*Claudia Ficca*

1 - O que representa para você trabalhar nesta comunidade? Você percebe alguma diferença entre este ou outro lugar que você trabalha/ou? Qual é a sua relação com os membros desta comunidade? Que problemas e conflitos você destaca nesta comunidade? É possível entender estes problemas/conflitos a partir do ensino de Geografia, ou não? Por quê?

Acho que o professor tem papel fundamental em comunidades carentes com esta. Quando falo em carência, me refiro a de todos os tipos: econômica, moral, afetiva. É necessário estabelecer vínculos, conhecer os alunos e estreitar relações. Como cheguei nesta escola há pouco, este vínculo ainda não foi suficientemente construído, mas, com os alunos mais novos (na faixa etária dos 13-14 anos) foi mais fácil, pois mostraram-se mais receptivos ao meu contato. Há problemas de identificação, autoestima e desrespeito. Falta-lhes, entre tantas coisas, bons exemplos, modelos essenciais ao desenvolvimento do adolescente e a sua formação como cidadão. Por isso, volto à questão da função humanizadora e agregadora do professor. Ele pode e deve servir como elemento formador de cidadania. O estudo da Geografia, como toda disciplina de ciência humana, se presta ao entendimento destes conflitos, à medida que aproxima o homem, como ser sociável que é, à compreensão do seu espaço social, dos seus limites e do seu papel como elemento modificador e agente, côncio de sua cidadania.

2 - Você conhece o hip hop? Conhece, na comunidade, alguém que pratica o rapper? E na escola, alguém que você conheça é atuante da cultura hip hop? Você considera que o hip hop contribua para a modificação do sujeito, ou não? Por quê?

Conheço um pouco do movimento hip hop e aprecio. Nesta comunidade e na escola há pessoas que praticam o rapper. O hip hop contribui para modificação do sujeito, já que possibilita a conscientização da realidade vivida pela comunidade, de forma acessível e atraente, além de seu papel como elemento contestador e disseminador de ideias e de diferentes fazeres.

**3** - Como você enxerga os sujeitos que praticam hip hop? Qual é sua percepção sobre os jovens da periferia? Já se sentiu discriminado(a) por trabalhar nesta comunidade, ou não? Por quê? Como é a sua rotina de trabalho? E suas aulas, você pode me falar como elas funcionam? Se você pudesse fazer algo diferente, estaria aberto (a) a propostas, ou não? Por quê?

Fico feliz em saber quando há praticantes de hip hop nas comunidades, principalmente quando estas se mostram tão carentes de tudo. Jovens envolvidos com o hip hop funcionam como agentes formadores de opinião e conscientizadores de cidadania. Em geral, os jovens da periferia mostram-se descrentes, alienados e passíveis diante do contexto no qual estão inseridos, o que ainda agrava a sua própria situação. Nunca me senti discriminada por trabalhar nesta comunidade. O trabalho nesta comunidade é difícil, por que há muito a ser construído, portanto a batalha é diária e cansativa. O que mais me preocupa é a falta de respeito entre eles (alunos). Para mim, este desprezo pelo outro é a própria ojeriza contra si mesmo. E isto é o mais triste e complicado de resolver. Nas minhas aulas, tenho trazido textos em vários tipos de linguagem: crônica, conto, editoriais, charges, cartuns, etc, todos voltados às questões sociais da atualidade, de um modo geral: meio ambiente, violência, miséria social, desigualdade, preconceito, relações entre pais e filhos... Lemos estes textos e conversamos sobre a temática principal, oportunidade na qual alguns alunos se mostram ansiosos por falar sobre o assunto, principalmente quando se referem as suas realidades. Nestes momentos, tendem a reproduzir falas preconceituosas e taxativas, apontando as falhas e "erros" dos colegas. Com certeza estaria disposta a participar de novas propostas, pois é preciso renovar sempre, a fim de que a educação se renove e alcance seus reais objetivos, pois acho que a escola atual se encontra perdida diante desta realidade mutante da sociedade.

**4** - Você estuda atualmente, ou não? O que é Geografia para você? Você acha que o hip hop poderia contribuir para o ensino da Geografia, ou não? Se fosse um rapper utilizaria a Geografia em suas aulas, ou não?

Sim, faço faculdade de Direito. Como já mencionado, o estudo da Geografia é fundamental para a consciência do cidadão e do espaço social ocupado por ele, em todos os aspectos da própria disciplina. Dado seu papel socializador, o hip hop pode contribuir sim para o ensino da Geografia. Se fosse um rapper, utilizaria a Geografia em minhas aulas.

**5** - Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse desperta a cultura rapper no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação à pesquisa como esta, ou não? Por quê?

Nunca participei de algum grupo de pesquisa. Talvez pelo preconceito em relação ao hip hop, a academia, por vezes, não abra espaço para este tipo de manifestação. Espero que esta pesquisa possa modificar esta perspectiva.

FABIANA BORGES MEIRA — Sociolista<sup>①</sup>

Uma diferença que sinto em relação a outros lugares em que trabalhei, além do público que eu atendo, é o tempo em que estou trabalhando na mesma escola. Antes trabalhava em escolas privadas, e, pela alta rotatividade dos profissionais nestas escolas, não tinha muito a perspectiva de permanecer por um longo tempo na mesma escola. Aqui, já dei aulas para os filhos, conheço os pais, e daqui a pouco estou conhecendo os netos. Este vínculo é ~~maior~~ maior, ~~um~~ mais profundo. Além disso, a clientela de periferia, em minha opinião, é normalmente mais afetiva, vê o professor com mais respeito e consideração, embora muitos talvez não concordem comigo. Mesmo assim, ~~até~~ pelo menos nesta escola, o vínculo com a comunidade não é muito profundo. Criam-se alguns vínculos mais individuais, mas a escola não "se mete" muito na comunidade, nem a comunidade "se mete" na escola. Nem sempre foi assim, ao que parece. Pelos re-

lato<sup>2</sup> de colegas que trabalham há mais tempo aqui, a escola e a comunidade já estiveram bem mais envolvidas em lutas comuns. ~~eram~~ Isto se deu em outro contexto, no auge do orçamento participativo, quando o calçamento da rua, por exemplo, foi uma luta da comunidade e da escola. Não participei deste processo, infelizmente.

Acho que a escola, de modo geral, não quer muito a comunidade envolvida. E também não quer se envolver nos seus problemas e conflitos. Não vejo este envolvimento da instituição.

Acho que há algumas pessoas mais envolvidas, mas a instituição <sup>escola</sup> só se propõe a lidar com problemas que chegam até ela (e olhe lá!). Acho que há um distanciamento grande entre o aluno enquanto membro de escola e enquanto membro da comunidade.

Algumas vezes é como se fechássemos os olhos, ou melhor, como se lavássemos as mãos, aos problemas que eles enfrentam fora da escola. E quando o problema é muito sério, ou às vezes resvala para o delito ou crime, procura-se livrar-se do aluno, se possível. \*

Meu conhecimento de hip-hop é superficial. Sei de alunos que gostam, dançam, etc., mas só sei de um aluno (Wellington) que aparentemente tem uma atuação mais significativa. Pelo que sei do movimento, há uma tentativa de conscientização e de inserção dos participantes no seu contexto, também visando à sua organização e modificação quando necessário.

Os jovens de periferia são jovens como os outros, com seus desejos e aspirações, mas com menos oportunidades. Algumas vezes, as dificuldades são tantas que os desejos e aspirações ficam adormecidos, fica difícil a eles entrarem em contato. Em meu trabalho, busco resgatar um pouco isso. É difícil, mas tento colocá-los como capazes e dignos de uma realidade melhor, mais esperançosa. Seria ótimo poder usar outros instrumentos para isso. Tudo que pudesse me colocar mais em contato com a realidade deles seria válido. O hip-hop é uma linguagem jovem, do nosso aluno. Acho que certamente pode contribuir para diminuir

" " " "

Minha expectativa em relação a uma pesquisa como esta é que ela ajude também a limpar o "mofo" da academia. É importante que novos sujeitos de pesquisa sejam incorporados, é importantíssimo que a cultura popular chegue na academia para também transformá-la. É que a pesquisa possa aparecer na prática nossa da escola; reverter para transformação dos seus sujeitos, para que estes sejam realmente sujeitos e não objetos de pesquisa.

Minha expectativa, em suma, é que a gente possa "sugar" bem o nosso coleguinho Geovani. Prometo ajudá-lo também, é uma "sugação" com participação ativa. (He he he!)

— — —

\* Não quero colocar toda a culpa na escola, ou deixá-la como vilã na história. É difícil, muitas vezes nos vemos com mãos amarradas, e só a boa vontade não resolve.

Ciências

CN

As questões que queremos saber, a partir de nosso objeto pesquisado:	As perguntas que faremos para nosso público alvo:
A influência que desperta o lugar onde trabalham os profissionais em educação a partir de suas vivências em suas representações e subjetivações.	O que representa para você trabalhar nesta comunidade? Você percebe alguma diferença entre este e outro lugar que você trabalha/ou? Qual sua relação com os membros desta comunidade? Que problemas e conflitos você destaca nesta comunidade?
A prática do rapper, a partir de olhar do 'outro' favorece os desejos e interesses para além do aspecto afetivo.	Você conhece o hip hop? Conhece, na comunidade, alguém que pratica o rapper? E na escola, alguém é atuante da cultura hip hop? Você considera que o hip hop contribua para a modificação do sujeito?
A percepção do olhar externo sobre a comunidade, a possível influência da cultura rapper e o fazer cotidiano no ensino aprendizagem.	Como você enxerga os sujeitos que praticam hip hop? Qual sua percepção sobre os jovens da periferia? Já se sentiu discriminado (a) por trabalhar nesta comunidade? Como é seu cotidiano de trabalho? E suas aulas, você pode me falar como elas funcionam? Se você pudesse fazer algo diferente, estaria aberto (a) a propostas?
A cultura rapper como facilitadora do ensino aprendizagem na Geografia e demais áreas do conhecimento.	Você estuda atualmente? O que é Geografia para você? Você acha que o hip hop poderia contribuir para o ensino da Geografia ou não? Se fosse um rapper utilizaria a Geografia em sua aula ou não?
O contato com a pesquisa da academia como uma aproximação da cultura popular rapper e a retroalimentação do saber contemporâneo.	Você já participou de algum grupo de pesquisa, ou não? Que interesse você acha que desperta a cultura rapper no seguimento acadêmico? Você possui alguma expectativa com relação a uma pesquisa como esta. Ou não?

Tabela 6 – Roteiro de Entrevista para os sujeitos professores com adaptações.

① O ambiente (físico) de trabalho é muito bom. Em relação aos recursos didáticos não há como comparar com os outros locais que já trabalhei, onde não havia quase recursos didáticos porém a comunidade era engajada com a escola. Aqui a comunidade quase não participa da vida escolar (acredito que muito por conta da equipe que não chama/proporciona momentos para ter a comunidade como parceira. Ex não há confraternização final de ano com a comunidade).

Nunca tive problemas com a comunidade.

② Conheço hip hop superficialmente. →

Não conheço ninguém que pratique. É na escola só o Giovanni que trouxe hip hop pra cá.

Sim. acredito que possa modificar o sujeito, pois ao encontrar uma "direção" o indivíduo pode vislumbrar um resgate de vida, e o hip hop tem essa influência nas comunidades.

③ Vejo os sujeitos se expressando ao praticarem o hip hop e uma paixão no que estão fazendo. Acho que os jovens da periferia precisam de nós como referência, no momento que podemos fazer um contraponto entre o que eles vivem lá fora e o que passamos aqui dentro.

Nunca me senti discriminado e o funcionamento das aulas, geralmente segue uma rotina mais tradicional. Procuro abordar questões atuais na minha área e discutimos a respeito. Quando é possível, saímos a campo.

Sim. Gostaria muito de fazer coisas diferentes e estou disposto a parcerias:)

④ Como professores estamos sempre estudando, não é? A Geografia é importante a medida que (intermeia) intermedie(?) vários assuntos/áreas do conhecimento.

Se fosse um rapper usaria este conhecimento nas aulas, assim como a dança (outras danças)

⑤ Sim. Pesquisa técnica! Num mundo onde tudo é entrelaçado essa cultura tinha que ocupar seu lugar, se impõe como uma "ligação" entre o "popular" e o tradicional/Formal.

**2ª Semana Estadual do HIP HOP - 2010**  
**Seminário Regional de HIP HOP**

**Dia 15 de maio - Sábado**

**Local: Assembleia Legislativa**

**14h - Abertura -**  
FreeStyle

**15h - Tema:**  
Avanços e Desafios  
do  
HIP HOP  
(debate de  
Lideranças do Hip-  
Hop)

**16h - Tema:**  
do Discurso  
à Prática  
(debate com Personalidades Políticas)

**17h - Encaminhamentos**

**18h - Mostra de Dança de Rua**



**2ª Semana Estadual do Hip-Hop 2010**

Gravatá  
Campanário  
Viamão  
Canoas  
Monte  
Boré  
Bom Fim  
Caculéopolis  
São Leopoldo  
Montenegro  
Porto Alegre

**1º Seminário Regional de**

**HIP HOP**

**Avanços e desafios: Do discurso à prática**

15 de maio de 2010 - Sábado - 14 horas

Local: Assembleia Legislativa (térreo)

Promoção: Gabinete do Deputado Raul Carrion



# SALVE!



AGOSTO/SETEMBRO 2009 - BIMENSAL - EDIÇÃO Nº 01

## HIP HOP ESTREMECE O RIO GRANDE DO SUL

É nessa hora que temos que procurar ajuda.

É aí que entra a **Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB)** uma Central Clássica Democrática e de Luta pelos Direitos Trabalhistas.

A **Nação Hip Hop Brasil** esta lado à lado com a **CTB** por entender que a gente precisa se organizar e unir força contra esse sistema capitalista e selvagem que explora os jovens trabalhadores em todo o Brasil.

Entre em contato com a **CTB** através do site: [www.portaltcb.org.br](http://www.portaltcb.org.br) e vamos formar uma corrente, fazendo com que os irmãos levantem a voz para tomar seu lugar no movimento e mudar o seu enredo.



NAÇÃO HIP HOP BRASIL - RS

Apoio Cultural:



**SALVE!** Para você interagir: [jornalsalvers@gmail.com](mailto:jornalsalvers@gmail.com)

Jornal da Nação Hip Hop Brasil do Rio Grande do Sul  
Tiragem: 10 mil exemplares - Impressão: Lorigraf - Projeto Gráfico: Sônia Cordeiro

1ª Semana Estadual do Hip Hop  
(Lei Nº 13.043/08)

# 1º ENCONTRO ESTADUAL DE HIP HOP

"O Hip Hop criado na rua"

Data: 13 de junho

Local:

Auditório Dante Barone da  
Assembleia Legislativa

Horário: 14 horas

Promoção Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul



Assembleia Legislativa  
Estado do Rio Grande do Sul  
Democracia e Desenvolvimento.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
**GABINETE DA DEPUTADA JUSSARA CONY - PCdoB**

OF GC Nº 18/04

Porto Alegre, 03 de maio de 2006

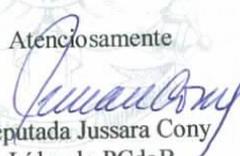
Senhor Presidente:

Pelo presente, tendo em vista ter sido procurada pelos integrantes da Nação Hip-Hop Brasil, Regional do Rio Grande do Sul e, em conversações mantidas, estar convicta do significado do trabalho desenvolvido, de extrema importância para o resgate cultural e a perspectiva de uma juventude atuante na sociedade, protagonizando um projeto de desenvolvimento social, econômico e humano, solicito a Vossa Excelência que sejam patrocinadas, para o Lançamento do Projeto Nação Hip-Hop Brasil/RS, em 28/05/2006, no Auditório Dante Barone, as seguintes demandas:

1. Passagem aérea, São Paulo – Porto Alegre – São Paulo, 27/05 e 28/05, para Marcelo Viana da Silva, que representará a Coordenação Nacional.
2. Cartazes e folders de divulgação do evento, em número de 500 (quinhentos) cartazes e 3000 (três mil) folders.

Agradecendo a atenção, transmito a Vossa Excelência o convite à sua honrosa participação no Ato de Abertura, a realizar-se às 09 horas de 28/05/2006, no Auditório Dante Barone.

Atenciosamente

  
 Deputada Jussara Cony

Líder do PCdoB

Membro-Suplente da Mesa Diretora

MESA / PRESIDÊNCIA 27404  
 Recebido em 03/05/2006  
 POR SIBELE  
 HORARIO 18h

Excelentíssimo Senhor  
 Deputado Fernando Záchia  
 Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul  
 Nesta

À atenção do Sr.  
 Chefe do Set. da Presid.  
 Encaminho cópia ao  
 Cerimonial.

Em 04-5-06.

fsr.

Encaminhe-se o expediente

A/ao Sec. Mesa

Para Consideração do

Mesa Direção.

Em 04 / 05 / 06

Luiz Pompeu Castello Costa  
 Chefe de Gabinete da Presidência

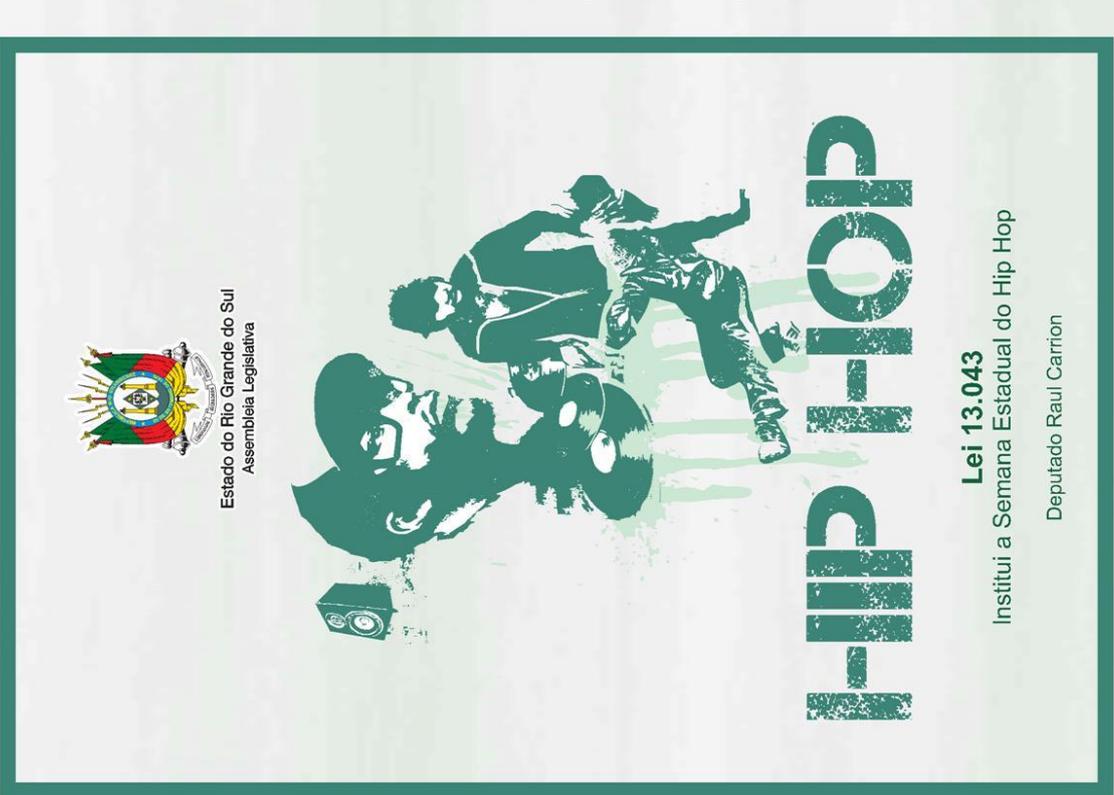
Em reunião realizada na manhã de hoje, os Membros da Mesa indeferiram o pedido de concessão de passagem aérea ao convidado mencionado, uma vez que a Casa não é a promotora ou um dos promotores do evento.

No que concerne ao restante da solicitação, Sua Excelência o Senhor Presidente prontificou-se a verificar a possibilidade de atendimento e a transmitirá pessoalmente.

De ordem do Senhor Presidente, Deputado Fernando Záchia, retorne-se o expediente ao Gabinete da Sua Excelência a Deputada Jussara Cony para conhecimento.

Em: 09-5-2006.

  
 Marilene S. Rodrigues  
 Assessoria da Presidência.



**Lei 13.043**  
Institui a Semana Estadual do Hip Hop

Deputado Raul Carrion

Estado do Rio Grande do Sul  
Assembleia Legislativa



Comunidade e Deputados comemoram aprovação da lei



## LEI Nº 13.043, DE 30 DE SETEMBRO DE 2008

Institui a Semana Estadual do Hip-Hop, a ser realizada, anualmente, na segunda semana do mês de maio, e dá outras providências.

### AGVERNADORADO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica instituída a Semana Estadual do Hip-Hop, a ser realizada, anualmente, na segunda semana do mês de maio.

Art. 2º - A data de 8 de maio fica declarada como Dia Estadual do Hip-Hop.

Art. 3º - Durante a Semana Estadual do Hip-Hop poderão, por iniciativa dos integrantes deste movimento cultural e/ou das entidades que os congregam, ser realizadas manifestações artísticas, oficinas, debates, palestras, entre outras, visando a propagar a cultura Hip-Hop, como ferramenta de integração social e de ressocialização dos jovens das periferias.

Art. 4º - Esta Lei poderá ser regulamentada para garantir a sua execução.

Art. 5º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI,  
em Porto Alegre,  
30 de setembro de 2008.

## Hip Hop é movimento protagonista de avanços da sociedade moderna

A lei 13.043/08 nasce de uma sugestão do movimento Nação Hip Hop Brasil, através do seu coordenador no Rio Grande do Sul, Agnaldo Camargo, o Mano Oxi. Espelha-se, também, em lei já existente no município de Porto Alegre, mantendo a segunda semana de maio como referência para a Semana Estadual do Hip Hop, o que permitirá uma ação conjunta da Prefeitura da capital e do Governo do Estado, potencializando o apoio do poder público a esse importante movimento cultural dos jovens da nossa periferia que através da dança, da música e das artes plásticas denunciavam todas as formas de exclusão e buscam construir uma nova nação.

O Hip Hop é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960, nos guetos negros dos Estados Unidos, como uma forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana norte-americana. É uma espécie de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras, no ritmo forte e intenso da sua batida e pelas imagens grafitadas nos muros das cidades.

É composto por quatro manifestações artísticas principais: o canto do rap (sigla para *rhythm-and-poetry*), a instrumentação dos DJs, a dança do break dance e a pintura do grafite. O termo música Hip-Hop refere-se aos elementos rap e DJ, sendo Hip Hop também usado como sinônimo de rap.

No Brasil, o movimento Hip Hop foi adotado, sobretudo, pelos jovens negros e pobres da periferia de nossas grandes cidades São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, como uma forma de denúncia e protesto contra o preconceito racial, a miséria e a exclusão. Enquanto movimento cultural, o Hip Hop tem servido como ferramenta de integração social e de ressocialização dos jovens das periferias, buscando superar sua situação de marginalização.

O nome Hip Hop surgiu no Brasil na década de 80. Ainda não existiam movimentos que retratassem exatamente o fundamento e o significado dessa cultura, por que os jovens daquela época (a grande maioria) desconheciam a expressão Hip Hop. O que então foi propagado, em especial na mídia, foi a febre da chamada Break dance. O Break era a dança do momento e jamais deixou de ser um elemento importantíssimo e imprescindível para o crescimento do movimento no Brasil.

A história da Cultura Hip Hop no Rio Grande do Sul tem como referência inicial as festas de Soul e Funk que as grandes equipes de Black Music realizavam nas comunidades e nos salões de Porto Alegre, na década de 80. Nos dias de hoje, observamos uma enorme difusão do movimento Hip Hop no Rio Grande do Sul, com toda sua originalidade. O Hip Hop tem agora a cara da juventude gaúcha, da nossa cul-

# 3º Encontro Nacional

Um Mergulho na História de 28 a 31 de Janeiro 2010 São Vicente-SP

**Apoio:**

Ministério da Cultura



**Realização:**

Centro de Formação  
**Brasil Jovem**



## **Artigo: Hip-Hop é a Cultura Juvenil de massa mais Politizada do Brasil**

*Mano Oxi \**

**Ouvi esse comentário na 23 ° Reunião do Conselho Nacional de Juventude que ocorreu entre os dias 14 e 15 de Dezembro em Brasília.**

Me senti lisonjeado por fazer parte desta cultura há mais de quinze anos. Nesse período todo tenho de admitir que o Hip Hop vem alcançando cada vez mais espaço de visibilidade e principalmente espaço de decisão. Atualmente no Brasil, temos mais de três vereadores eleitos pelas candidaturas do hip-hop e mais de trinta nomes que concorreram resultando em ótimas votações, além de inúmeros jovens do movimento que ocupam cargos de confiança como: assessores parlamentares, secretários de cultura, coordenadorias de Políticas Raciais, entres outros.

O Governo Federal, representado pelo Excelentíssimo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no ano de 2010 reconheceu o Movimento Hip-Hop oficialmente, criando o Prêmio Nacional da Cultura Hip-Hop que ficou conhecido como “Prêmio Preto Ghóez” (Ghóez foi um importante ativista do Hip Hop brasileiro). Este prêmio tem como objetivo principal reconhecer o Hip Hop como cultura popular da juventude historicamente excluída em nosso País.

O Hip Hop vem se organizando também no terceiro setor; são inúmeras as organizações de hip-hop que já possuem o seu CNPJ e muitas já participam de licitações, disputando verba pública para financiarem suas ações culturais nas comunidades desassistidas pelo Poder Público em âmbito Municipal, Estadual e Federal.

Há mais de dez anos, o hip-hop criou os seus próprios veículos de comunicação, seja nos canais públicos ou independentes, Jornais expressos ou pela grande teia digital conhecida mundialmente como Internet. São muitos os sites, blogs e rede sociais para informar o público sobre os acontecimentos que envolvem nossa cultura.

Aqui no Rio Grande do Sul, os últimos dois anos foram muito significativos para a valorização e reconhecimento do Hip Hop nas esferas institucionais. Por exemplo, tivemos uma boa articulação para criar a Lei Municipal e Estadual do Hip

Hop (10.378 Municipal e 13.043 Estadual), instituindo nossa cultura dentro do calendário da Cidade de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul.

Em seguida, realizamos o 1º Encontro Estadual de Hip Hop que ocorreu no mês de Maio de 2009, reunindo mais de mil jovens do movimento, vindos das diferentes partes do Rio Grande do Sul no Teatro Dante Barone, na Assembléia Legislativa do Estado.

Realizamos o 1º Seminário Regional de hip-hop também em parceria com a ALERGS, onde tiramos alguns encaminhamentos dos quais irão nortear o movimento nos os próximos anos. Atualmente tramita na ALERGS o PL.124 que instituirá, quando for aprovada, uma Política Estadual do Hip Hop garantindo ações conjuntamente com o Governo do Estado.

Não posso deixar de citar o 3º Congresso de Hip-Hop que ocorreu na cidade de Santos, São Paulo, no mês de Janeiro de 2010, reunindo mais de cinco mil jovens de todos os cantos do Brasil para fazer um momento de reflexão sobre os avanços do movimento em nosso País.

Por fim, durante o mês de Outubro de 2010, foi criado o Fórum Estadual de Diálogo Permanente do Hip-Hop, instância máxima do Hip-Hop Gaúcho perante as esferas Institucionais do Estado.

Por tudo isso, acredito também que o hip-hop é a cultura juvenil de massa mais politizada do Brasil. Pode acreditá, é o Hip-Hop contribuindo para as transformações de nossa sociedade. Assim que é, um forte abraço a todos e todas.

\* Presidente Nacional da Nação Hip Hop Brasil.

[http://www.vermelho.org.br/hiphop/coluna.php?id\\_coluna\\_texto=3700&id\\_coluna=73](http://www.vermelho.org.br/hiphop/coluna.php?id_coluna_texto=3700&id_coluna=73) em 25.07.2011